

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CÁRITA PEREIRA NONATO

**AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA
CRECHE DA CMEI – VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO**

CALDAS NOVAS
2025

CÁRITA PEREIRA NONATO

**AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA
CRECHE DA CMEI – VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado em Educação; Linha
de Pesquisa Linguagem, Experiência
Intercultural e Educação, Universidade de
Santa Cruz do Sul – UNISC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ângela Cogo
Fronckowiak

CALDAS NOVAS

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Nonato, Cárita

AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA CRECHE
DA CMEI- VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/ GO / Cárita Nonato. –
2025.

119f. : il. ; 12 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa
Cruz do Sul, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Ângela Fronckowiak.

1. Docência na creche. 2. Ação Lúdica. 3. Brinquedos e
brincadeira. 4. Educação Infantil. I. Fronckowiak, Ângela . II.
Título.

CÁRITA PEREIRA NONATO

**AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA
CRECHE DA CMEI – VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado em Educação; Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ângela Cogo Fronckowiak

Dra. Ângela Cogo Fronckowiak

Professora orientadora - UNISC

Dra. Maria Carmen Silveira Barbosa

Professora examinadora - UFRGS

Dra. Simone Berle

Professora examinadora - Coluni/UFF

Dra. Sandra Regina Simonis Richte

Professora examinadora - UNISC

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela força e pela luz que guiaram minha mente e meu caminho, acompanhando-me em todos os momentos bons e desafiadores dessa trajetória, permitindo que eu superasse todos os obstáculos e desafios ao longo do percurso.

Agradeço à minha família por ter sido meu alicerce durante todo esse período, oferecendo apoio e incentivo. Eles souberam me compreender nos momentos de aflição, cansaço e angústia. Amo muito todos eles. Também agradeço ao meu marido, Marcelo, por ser meu companheiro e me dar espaço quando eu precisava ficar sozinha para escrever. Minha mãe Nica sempre me apoiou nos estudos e nunca permitiu que eu desanimasse nos momentos mais complicados da minha vida. Quero expressar minha gratidão a Deus por permitir que meu pai fique mais um tempo comigo e veja eu concluir o mestrado, mesmo que ele não compreenda o que estou dizendo nesse momento, pois não consegue conversar para dizer: “Que bom, minha filha, você terminou.”

Agradeço de coração às minhas amigas Ellen e Luseny, que me acompanharam na estrada e buscavam em casa para a aula presencial.

Sou grata a Deus por ter colocado minha amiga Ellen, uma pessoa incrível, em minha vida. Nos momentos mais difíceis, ela não me deixou desistir; segurou minha mão enquanto eu chorava e, mesmo com os olhos cheios de lágrimas, olhava para mim com um sorriso e dizia: “Você nunca vai desistir”. Ela sempre me deu força.

Agradeço à minhas amigas Léia e a Márcia minhas colegas de sala, que me ajudaram enquanto eu escrevia, sempre me apoio em todos os momentos. Elas sempre me trazem muito alegria.

Quero expressar minha gratidão à minha amiga Fran Rua. Sou muito grata a ela de coração; só Deus pode recompensar o que ela fez por mim. Te adoro muito, minha amiga.

Gostaria de expressar minha gratidão a todos os professores da UNISC, que, com sua experiência, ensinaram suas aulas de excelência. Eles desempenharam um papel importante em minha vida, possibilitando que eu alcançasse o objetivo. Apenas devo expressar minha gratidão a Deus, por ter colocado em meu caminho pessoas extraordinárias.

À minha orientadora Ângela, que demonstrou uma grande paciência, mesmo com várias dificuldades, no meu caminho, não me deixou desanimar sempre me ajudou e me guiou na jornada de pesquisa, mantendo sempre um acolhimento cheio de sabedoria e compreensão durante os momentos de orientação.

Obrigada a todos!

RESUMO

Esta dissertação de mestrado aborda a docência de professoras na creche, considerando sua relevância para a compreensão da ação lúdica das crianças de 3 anos e 11 meses do Maternal II no Centro Municipal de Educação Infantil Vó Tuta Pereira, localizado em Caldas Novas, Goiás. O objetivo inicial foi compreender os sentidos que as professoras davam à brincadeira através das propostas pedagógicas lúdicas que compartilhavam com as crianças. Para isso, enquanto pesquisa de abordagem qualitativa, além da leitura de referenciais teóricos, documentos legais que normatizam a educação das infâncias no Brasil e discussões de estudo, o caminho metodológico inicial envolveu observações de algumas atividades propostas a crianças por 3 professoras efetivas, que atuam com crianças do Maternal, além da coordenadora do CMEI, que foram registradas em um Diário de Campo. Na medida em que essa observação ia transcorrendo e o estudo se aprofundando, a compreensão sobre a brincadeira se alterava. Então, em momento posterior, as docentes responderam a um questionário semiestruturado e, com base em suas respostas, foram realizadas entrevistas com cada uma delas abordando não só o conteúdo das questões, mas também temas que eram relacionados ao brincar. No processo da pesquisa, a trajetória se modificou a partir da experiência individual da pesquisadora, também professora da creche, assumindo o caráter de uma pesquisa autonarrativa, em que a ação da própria professora foi refletida através de relatos densos. Como considerações em processo, a pesquisa aponta que a docência engajada com ações lúdicas pode ser constantemente criada e reinventada, a fim de proporcionar outras descobertas e transformar-se em diferentes formas de brincar. Ao se envolverem no jogo lúdico da brincadeira, crianças e adultos impactam as vidas uns dos outros e compartilham a alegria de existir. Ser um humano envolve também ser um brincante.

Palavras-chave: Docência na creche. Ação lúdica. Brinquedos e brincadeiras. Educação Infantil.

ABSTRACT

This master's dissertation addresses the teaching practices of nursery schoolteachers, considering their relevance to understanding the playful behavior of 3-year-old and 11-month-old children in Maternal II at the Vó Tuta Pereira Municipal Early Childhood Education Center, located in Caldas Novas, Goiás. The initial objective was to understand the meanings that teachers gave to play through the playful pedagogical proposals they shared with children. To this end, as a qualitative research study, in addition to reading theoretical references, legal documents that regulate early childhood education in Brazil, and study discussions, the initial methodological approach involved observations of some activities proposed to children by three permanent teachers who work with children in Maternal II, as well as the CMEI coordinator, which were recorded in a field diary. As this observation progressed and the study deepened, the understanding of play changed. Then, at a later stage, the teachers answered a semi-structured questionnaire and based on their answers, interviews were conducted with each of them, addressing not only the content of the questions but also topics related to play. During the research process, the trajectory changed based on the individual experience of the researcher, who is also a nursery schoolteacher, taking on the character of auto-narrative research, in which the teacher's own actions were reflected through detailed reports. As considerations in progress, the research points out that teaching engaged with playful actions can be constantly created and reinvented to provide other discoveries and transform into different forms of play. By engaging in playful games, children and adults impact each other's lives and share the joy of existence. Being human also involves being playful.

Keywords: Teaching in daycare centers. Playful activities. Toys and games. Early childhood education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fachada antiga do CMEI – Vó Tuta Pereira.....	22
Figura 2 - Fachada nova do CMEI – Vó Tuta Pereira.....	22
Figura 3 - Corredor de acesso ao CMEI – Vó Tuta Pereira	23
Figura 4 - Condições da fachada atual do CMEI – Vó Tuta Pereira	23
Figura 5 - Painel de exposição de atividades no CMEI – Vó Tuta Pereira	24
Figura 6 - Secretaria do CMEI – Vó Tuta Pereira com sala para materiais diversos.	25
Figura 7 - Secretaria do CMEI – Vó Tuta Pereira com sala para materiais diversos.	25
Figura 8 - Área de lazer do CMEI – Vó Tuta Pereira	26
Figura 9 - Corredor de acesso às salas e ao Refeitório no CMEI – Vó Tuta Pereira.	26
Figura 10 - Refeitório no CMEI – Vó Tuta Pereira	27
Figura 11 - Sala do Maternal II do CMEI – Vó Tuta Pereira.....	27
Figura 12 - Quadro de funcionários da escola do turno matutino.....	29
Figura 13 - Crianças brincando no momento da acolhida	47
Figura 14 - Atividade de movimento no pátio: indígenas e jacarés	48
Figura 15 - Brincadeira do bambolê com bolinhas no pátio	49
Figura 16 - Brincadeira circuito dos cones com bambolê	50
Figura 17 - Vendadas, as crianças identificam as frutas pelo tato e paladar.....	54
Figura 18 - Cantinho de leitura do Maternal II B.....	56
Figura 19 - Imagem das crianças brincando com pedacinho de papel que estava voando	77
Figura 20 - Crianças manuseando livremente as peças	78
Figura 21 - Estas construíram um muro	79
Figura 22 - Aqui brincaram de fazer robôs iguais	79
Figura 23 - Estas crianças fizeram casas.....	80
Figura 24 - Aqui também fizeram casas	80
Figura 25 - Jogo de memória	81
Figura 26 - Maria no seu Cantinho da Leitura	82
Figura 27 – Uma princesa	87
Figura 28 - O espaço verde da creche	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	INFÂNCIAS, CRIANÇAS E EDUCAÇÃO	17
2.1	O CMEI – Vó Tuta Pereira.....	20
2.1.1	O espaço físico do CMEI – Vó Tuta Pereira	22
2.1.2	As crianças e a comunidade escolar	28
2.1.3	O Projeto Político Pedagógico do CMEI – Vó Tuta Pereira e seu referencial educativo	29
2.2	A brincadeira e a educação	30
2.3	Documentos orientadores: pressupostos para o brincar na EI.....	41
3	AS CRIANÇAS BRINCAM NO CEMEI – VÓ TUTA PEREIRA: relatos de observação	46
3.1	O Brincar na creche e suas possíveis interpretações na percepção das professoras.....	62
4	QUANDO A PROFESSORA SE (DES)COBRE BRINCANTE	74
5	CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO	93
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
	APÊNDICE A – Questionário semiestruturado.....	99
	ANEXO A – Termo de consentimento informado da Direção	100
	ANEXO B – Termos de consentimento esclarecido das docentes	101
	ANEXO C - Autorização de uso da imagem dada pelos pais ao CMEI...	105

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema desse estudo surgiu devido às experiências vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil (EI), acompanhando as crianças e percebendo que as brincadeiras, os brinquedos e os jogos são as principais ações que elas realizam com atenção, prazer e gosto. Brincando, a criança se expressa, interage e explora os diferentes acontecimentos ao seu redor. Ela faz isso sozinha ou em companhia de outras crianças e adultos, de maneira livre ou dirigida, utilizando ou não materiais de apoio. Durante a brincadeira, as crianças experimentam descobrir outras e novas oportunidades, interagir com outras pessoas, explorar outros brinquedos e até mesmo ambientes.

Como espero ter conseguido argumentar nos capítulos que se seguirão, este estudo nasceu da minha vinculação à educação, entendida enquanto processo que ocorre com crianças e adultos, e não apenas um rol de procedimentos feitos para elas. Ou seja, as crianças – mesmo as bem pequenas – são para mim protagonistas da investigação, pelo significado que o ato de brincar da criança tem como um todo.

Ainda há muitos consensos a serem estabelecidos desde o entendimento da finalidade dessa que é considerada a primeira etapa da Educação Básica. Na verdade, mesmo havendo esta definição, ainda não há acordos em relação a definição de currículos adequados para bebês e crianças pequenas, nem no que tange a garantia de vagas com equidade e qualidade em todos os municípios da federação.

Estes aspectos não serão abordados no trabalho, mas minha atividade profissional de mais de 20 anos na EI me conduziu ao desejo de discutir as características do trabalho docente nas creches, considerando seu destaque e preponderância justamente para a compreensão da ação lúdica das crianças. Acho importante esclarecer que, como um recurso linguístico, optei, na presente dissertação, pela adoção do termo "professora", em vez de "educadora", para me referir às pessoas que fazem o acompanhamento, vivem e ajudam a criança a entender e se iniciar no mundo. A opção pelo termo "professora" ocorreu devido à sua popularidade, e pelo fato de se depositar nela grande expectativa em relação à competência necessária para o desempenho dessa função. Educadores somos todos os indivíduos que convivemos e nos educamos, mas o indivíduo que exerce a profissão de professor, em que ele, como diz Antônio Nóvoa (1995, p. 9), "é a pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor".

Entender os elementos ligados ao progresso de cada criança pequena, às condutas de ensino escolhidas, tudo isso alinhado às expectativas de adultos e instituições, assim como às oportunidades e capacidades das crianças que estão sob sua tutela, exige o reconhecimento da trajetória pessoal dessa profissional que, ao longo de tantos anos, têm sido nomeada “professora”, principalmente num contexto em que ainda temos muita dificuldade de colocar as crianças pequenas no centro das propostas.

As incertezas que permeiam atualmente a EI, associadas a uma concepção que vê a escola infantil apenas como um espaço de acolhimento para as crianças pequenas, direcionam práticas de cuidado e educação que pouco as consideram como sujeitos ativos. Neste contexto, onde várias e qualificadas pesquisas ainda não geraram mudanças determinantes nas oportunidades de crescimento integral para os pequenos, realizei esse estudo acerca da relevância da prática lúdica na EI por vislumbrar, a partir de minha própria prática, a importância de que as professoras e os professores, adultas e adultos, considerem favorecer a brincadeira livre das crianças, organizando o espaço e o tempo para que algumas práticas ocorram em suas rotinas cotidianas. Para isso, eu procurei entender os sentidos e relações que as professoras compartilhavam através de suas ações, assim como por intermédio de outras expressões culturais que emergiam no contexto infantil.

Para apresentá-lo, começo compartilhando um pouco da minha trajetória de vida, revisitando o caminho que se iniciou a partir das minhas experiências, em diálogo com alguns estudos acadêmicos, voltadas para um olhar e uma escuta mais atenta ao convívio com e entre as crianças. Narrar sobre o meu percurso profissional e estudo torna-se fundamental para entender e conectar os pontos que ligam a posição que ocupo atualmente com os eventos que influenciaram os caminhos que percorri. Essa reflexão possibilita resgatar as informações essenciais, que considero relevantes, sobre a minha jornada profissional para elucidar e compreender as minhas decisões, aprendizagens e a execução das atividades que aprimoraram a minha prática educacional. Enquanto escrevo, organizo ideias e vivências próprias.

Após concluir o ensino médio, decidi prestar o vestibular para Pedagogia em Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Eu jamais imaginaria que trabalharia com crianças tão pequenas. Gostei porque desejava adquirir conhecimentos novos e apreciava ensinar, acredito que esse fator foi crucial na escolha do curso de Pedagogia. No universo das crianças, o ensino e o aprendizado sempre me

chamaram a atenção, pois percebo a oportunidade que as crianças têm de construírem saberes em interação com o que está ao seu redor: o espaço, o tempo, as outras pessoas, sejam elas grandes ou pequenas. A criança aprende culturalmente, seja com o adulto ou sem ele.

Em janeiro de 2003, surgiu a chance de cursar Pedagogia na FASS - Faculdade Sete de Setembro, que não existe mais. Fiz a inscrição para o vestibular e passei em quinto lugar. Apesar das dificuldades que as professoras enfrentam, ainda queria conviver com crianças e contribuir significativamente como professora nas suas vidas. Minha família nunca foi contra, sempre me apoiou. Comecei em fevereiro de 2003, amei e fiz o curso com muita satisfação. Mas nem tudo era simples, por isso, quando estava cursando, pensei algumas vezes em desistir, mas Deus me deu força para não parar. Cada vez que conhecia meus professores, renovava minha admiração pelo curso.

Na Faculdade, tive aula de Educação Psicomotora com uma professora que foi essencial. A disciplina era extremamente interativa e me ajudou a compreender a relevância do movimento para a construção de conhecimentos e aprendizagens. Ainda me recordo que ela promovia atividades para percebermos o corpo, o equilíbrio, a lateralidade, entre outros aspectos. Esta professora despertou o meu interesse pelo valor do lúdico. Suas aulas eram baseadas em brincadeiras ou jogos. Aprendíamos muito, sem deixar de lado a alegria e o prazer da ação. Naquele momento, ao comparar a atuação daquela professora com outras, eu imaginava como seria cansativo para uma criança permanecer sentada numa cadeira durante todo o dia apenas realizando tarefas, já que para nós algumas outras aulas eram exaustivas.

Depois, fui convidada a trabalhar como substituta de uma professora do 4º ano que saiu de licença maternidade. Não pensei duas vezes, aceitei e não me sinto arrependida por ter aceitado, tendo sido uma ótima decisão. Dessa forma, ao substitui-la, percebi em mim um crescimento significativo como profissional de educação, pois essas oportunidades abriram uma nova perspectiva em minha vida.

Em 2006, terminei a Faculdade. O curso proporcionou-me ótimas experiências para a minha aprendizagem e, no mesmo mês da minha formatura, surgiu um convite por parte da minha diretora para trabalhar na Creche K e M, nome escolhido para homenagear os seus fundadores Kátia Costa Carvalho e Marcos Carvalho. Aceitei e, em maio, iniciei este trabalho, apesar de não concordar muito, pois achava que deveria permanecer apenas naquela escola em que estava trabalhando.

Como sou uma pessoa marcante e determinada, percebi que seria uma experiência nova na minha vida. Tomei a decisão e apresentei-me à nova diretora. Contudo, como não tinha experiência e nunca havia trabalhado com crianças pequenas, apenas com as grandes, considerando que naquela creche as crianças ficavam todas juntas, sem separação por idade, senti-me perdida. As crianças menores choravam, enquanto as maiores corriam e caiam em cima das menores. Era uma loucura!, fiquei me perguntando: "O que estou fazendo aqui?"

Cheguei em casa chorando, disse para a minha família que não conseguia mais continuar. No entanto, Deus me deu tanta força que voltei no outro dia e encontrei uma profissional de excelência que ensinou-me todos os procedimentos a serem realizados. Com seu jeito tranquilo, todos os dias ensinava um pouco. Sinto-me profundamente grata por ela. Se não fosse por ela, não teria conseguido e, hoje, não estaria na creche, estaria ainda naquela escola onde comecei a substituir professores. Compreendo agora que a mistura de crianças é benéfica para o aprendizado e para a nossa vida. Se eu tivesse a sabedoria de hoje, não teria ficado intrigada. As crianças, sejam elas grandes ou pequenas, nos oferecem muitas oportunidades. Da mesma forma, percebo que foi no compartilhar docente que eu cresci como professora.

Depois, a Creche K e M passou a integrar o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e houve a separação das crianças por turmas. Primeiramente, fiquei com a turma do Maternal I, depois com outras. Em 2006, fiz o concurso do município e passei. Fui nomeada professora em outubro de 2007 e, nesse mesmo mês e ano, mudamos para outro local, onde estamos até hoje. Para se manter no CMEI, era necessário ter formação em Educação Infantil. Dado que havia concluído formação em Anos Iniciais, não podia permanecer na Creche. Mas eu decidi prosseguir, uma vez que aprendi a amar aquelas crianças pequenas. Em 2009, fiz uma pós-graduação em Educação Infantil, tendo concluído o curso em 2010.

O CMEI foi renomeado como CMEI – Vó Tuta Pereira, onde minha experiência profissional começou. Ele é uma escola pública do município de Caldas Novas (GO), onde estou há 18 anos e que será apresentada com mais detalhes no próximo capítulo.

Confesso que, atualmente, posso dizer que minha maior paixão é trabalhar com crianças pequenas. Ao sentar-se em uma roda de crianças para brincar, você está compartilhando cada momento importante da sua vida com a vida delas, pois uma grande parte da vida das crianças é composta por nós. A criança oferece uma

variedade de experiências interessantes, o que pode alterar a nossa vida como professores. O dia a dia da creche é um espaço de interação entre professores, funcionários, crianças, de vivências e experiências, de saberes que facilitam compartilhar conhecimentos. Podemos usar a palavras de Freire (1996, p. 23-24) que dizia: “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”.

Contudo, naquele momento, eu senti a necessidade de aumentar minha atuação profissional. Houve um processo seletivo para alunos especiais na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e passei. No entanto, o estudo da História da Educação não estava relacionado à minha graduação nem à minha atividade profissional. Senti-me um peixe fora da água. Cursei a primeira disciplina e, quando fui fazer a segunda disciplina como aluno especial, surgiu a oportunidade de realizar o Mestrado em Educação na Integra com o apoio da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Iniciei os estudos e resolvi continuar por considerar a formação propositiva e os professores darem uma grande atenção aos alunos.

Nesse trabalho, procurei buscar os sentidos que eu e as demais professoras do Maternal II (A e B) davam à brincadeira através das propostas pedagógicas lúdicas que compartilhávamos com as crianças. Para isso, no segundo capítulo, “Infâncias, crianças e educação”, encontraremos um panorama rápido sobre as diferentes infâncias que a civilização vem experimentando ao longo dos anos, já que o modo como tratamos, organizamos, sugerimos e respeitamos as brincadeiras infantis revela nosso entendimento sobre a infância. Hoje, a concepção de infância reconhece a criança como um ser em desenvolvimento, com necessidades e potencialidades específicas que devem ser consideradas nas políticas públicas e práticas educacionais. Também faremos uma pequena contextualização do CMEI – Vó Tuta Pereira, seu espaço físico e a apresentação dos referenciais que regem o CMEI, amparados nos documentos normativos para a EI desde a promulgação da A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996.

No terceiro capítulo, “As crianças brincam no CEMEI – Vó Tuta Pereira: relatos de observação”, inicio mostrando minha observação de algumas atividades propostas a crianças por 3 professoras efetivas, todas com curso superior, que atuam com crianças do Maternal, com idade entre 3 e 11 meses, além da atuação da coordenadora do CMEI – Vó Tuta Pereira, e que foram registradas em meu Diário de Campo. Na medida em que essa observação ia transcorrendo, eu continuava

estudando e meu olhar sobre a brincadeira se alterava. Então, também apresentei um questionário semiestruturado (APÊNDICE A) sobre as concepções de brincadeira das colegas que foi respondido por todas. Na sequência, ao constatar a que conclusões as vivências e respostas me conduziam, realizei uma pequena entrevista com cada uma delas. Nesta pesquisa experiência, foram as interpretações sobre as ações compartilhadas entre crianças e professoras, sendo eu uma delas, que acabaram me encaminhando para um último capítulo, de caráter auto narrativo.

Assim, o quarto capítulo, “Quando uma professora se descobre brincante”, existe porque a trajetória da minha pesquisa foi se transformando. Na medida em que eu pesquisava, observava, fotografava e interpretava, por isso mesmo, dava cada vez mais atenção ao viver com as crianças cotidianamente. Eu fui redimensionando o valor da brincadeira e me tornei uma professora brincante e estas reflexões busquei compartilhar. Ao falar em ser brincante é necessário entender que não se trata de idade, sendo que para valorizar a brincadeira basta entender sua essência, o entretenimento, o prazer, a múltipla linguagem, a criação, a invenção. O professor na creche deve retornar sua dimensão brincalhona. Para tal, estar aberto a novas interpretações, realizar rupturas e religações, reinventar suas prioridades frente ao momento em que está com crianças (Richter, 2017, [s/p]).

Portanto, o que consegui aprender com a pesquisa – e que vou compartilhar – é que as crianças pequenas podem impactar nossas vidas através de brincadeiras e jogos. Elas modificam a relação dos adultos entre si quando eles se dispõem a conviver e compartilhar com elas o espaço da escola. Com o estudo foi possível mostrar a beleza e o encanto da brincadeira através dos olhos dos nossos pequenos e o quanto podemos aprender com eles. Em qualquer lugar, no chão, no pátio, no barquinho, com a brincadeira dirigida, quando a brincadeira, imaginada ou não, nos faz rir e nos diverte, conseguimos experimentar o lúdico, escutando e observando, acolhendo as crianças e absorvendo toda a beleza que têm para nos mostrar sobre a natureza e a cultura. Afirma Lydia Hortélio (2021, [s/p]) que “precisamos pensar em positivo, uma vez que o mundo foi feito para dar certo”.

Nesse contexto, posso afirmar que vivências que marcaram a minha infância, assim como a juventude e, agora, a fase adulta, foram fundamentais para que eu, como pesquisadora, pudesse explorar as interações geradas pelo ato de brincar das crianças de três anos e 11 meses no dia a dia de uma creche, destacando o brincar para a criança pequena como prazeroso, divertido e emocionante.

Explicito que esse estudo não foi encaminhado ao comitê de ética em pesquisa da instituição. A decisão é amparada pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a qual define os procedimentos para pesquisas envolvendo seres humanos, reconhecendo que:

as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teóricas-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico. (Conselho Nacional de Saúde, 2016, p. 44).

Como observa Costa (2025, p. 17) as relações éticas na pesquisa não se resumem às orientações de um comitê de ética, ela “supõe trajetos constitutivos das experiências de quem conduz a pesquisa implicadas por uma postura que é continuamente constituída no processo mesmo de pesquisar”. Assim, não foram elementos factuais e dados específicos que constituíram o pensamento reflexivo da pesquisa, mas as experiências dialógicas as quais estivemos, professoras e crianças, envolvidas. Como demonstra Oliveira (2021, p. 18), importa, nos caminhos metodológicos, “o cuidado com o outro no sentido de não oprimi-lo, de não cercar sua fala, de não induzi-lo nem aliená-lo no processo, mas sim ampliar as possibilidades de vida e de liberdade humanas, por meio da afirmação da vida humana”.

Afirmo, enquanto professora do CMEI e tendo como participantes do estudo colegas de trabalho e as crianças com as quais compartilhamos o cotidiano, que a postura ética pautou todas as ações realizadas, que tiveram o consentimento da escola envolvida através do Termo de Consentimento Informado (ANEXO A) assinado pela senhora Kênia de Oliveira, diretora do CMEI e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelas colegas (ANEXO B), além da Autorização para uso da imagem das crianças dada pelos pais à escola (ANEXO C). No estudo, importa entender como a sensibilidade das professoras vai se alinhando com os desejos das crianças, permitindo que interpretem esses anseios ao realizar a mediação. E isso também aconteceu comigo.

2 INFÂNCIAS, CRIANÇAS E EDUCAÇÃO

Por muitos anos, na educação brasileira, a noção de infância e a de crianças foram tidas como sinônimas. Dentro do estudo da história da infância, as investigações foram pioneiras em apontar a diferença entre essas duas ideias, mostrando como surgiram em períodos distintos. É amplamente reconhecido que as crianças sempre estiveram presentes como seres humanos jovens, mas em diferentes épocas históricas, as culturas criaram formas de compreender o que representa ou como deve ser a existência nessa etapa da vida.

Segundo relata o historiador Philippe Ariés (1988), a infância foi um conceito historicamente construído, pois a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura. Não existia, na Idade Média, o sentimento de infância; as crianças participavam dos afazeres e trabalhos, porque já acreditavam que a criança tinha um certo discernimento de si e do mundo. Isso não quer dizer que a criança, naquela época, fosse negligenciada, ou desconsiderada, apenas a sociedade medieval não olhava a infância enquanto período diferenciado para as crianças.

Este historiador, a partir dos estudos de imagens pictóricas da Idade Média que realizou, considerou a infância como uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história humana. Ao mesmo tempo, a emergência do sentimento de infância, como uma consciência da particularidade infantil, foi decorrente de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural.

Assim, a pesquisa sobre a história da infância trouxe consigo possibilidades para várias reflexões sobre a forma como entendemos e nos relacionamos atualmente com ela. Ariés (1981) destaca que a infância, da forma que a conhecemos hoje, foi criação de um tempo histórico e de condições socioculturais específicas, logo seria errôneo ousar analisar todas as infâncias de todas as crianças com o mesmo enfoque.

A compreensão da infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos geográficos, a até mesmo com as peculiaridades individuais. O conceito de infância não é universal, isso corre porque a infância é uma forma especial de pensar as crianças. Kohan (2020) apresenta a infância como uma fase inicial da vida que ganha significado pela sua projeção no tempo; o ser humano é concebido como um ser constituído numa relação discursiva contínua entre o passado, o

presente e o futuro. Nesse processo de atribuição de significados, a infância, em sua essência, é compreendida como uma construção histórica e social. E, à medida que a sociedade decide designar um espaço específico para o cuidado e a educação da criança, surge a necessidade de que essas instituições também evoluam por meio de processos de construção e reconstrução de suas concepções de infância, dando às crianças a oportunidade de outros nascimentos.

Segundo Fronckowiak e Barbosa (2021), levar a sério a novidade de cada nascimento impede que ele se acabe em si mesmo, apenas por acontecer. Ao tornar múltipla sua novidade, o nascimento se estenderia à vida e não apenas ao acontecimento biológico do parto. (Fronckowiak; Barbosa, 2021, p. 164). Para a autora, quando os adultos conseguem perceber a infância reconhecendo que seu “não saber” seja condição da experiência humana, eles abandonam a obsessão pelas etapas e pelo tempo e conseguem acompanhar a vida que afirma ser vivida e iniciada com cuidado, respeito e disponibilidade. Segundo Kohan (2007, p. 112), “o mundo pode nascer novamente a ser outro, completamente distinto daquele que está sendo”.

Para o filósofo Kohan (2007), os adultos consideram que pensar exige muito esforço, as crianças, porém, em geral aceitam os desafios de pensar para jogar com sentidos. Isso acontece porque os adultos não veem a brincadeira lúdica das crianças como uma ação desafiadora e séria. No entanto, as crianças geralmente aceitam prontamente provocações e desafios ao seu pensamento para brincar com os seus sentidos. Isso não significa que elas não estejam levando os desafios a sério. Pelo contrário, como enfatiza Kohan (2007), o sério não se opõe ao lúdico, mas sim ao superficial e ao mundano.

Muitas áreas de estudo vêm dedicando-se a compreender a infância sob outra perspectiva, que não apenas a de que seria uma fase passageira do desenvolvimento humano, na qual o sentido estaria única e exclusivamente em formar para a vida adulta. A Antropologia dedicou-se a estudos com maior destaque nas crianças a partir das décadas de 1920 e 30, conduzidos por antropólogos norte-americanos associados à Escola de Cultura e Personalidade, especialmente os liderados por Margaret Mead (Cohn, 2005). Esses antropólogos, formados na tradição culturalista estabelecida por Franz Boas, dedicaram-se a compreender o significado de ser criança e adolescente em contextos socioculturais distintos, frequentemente utilizando a sociedade norte-americana daquela época como ponto de referência.

Ao definirem cultura como o que é transmitido entre gerações e aprendido pelos membros da sociedade, esses estudiosos confrontaram a questão crucial de discernir o que é propriamente cultural, e, portanto, específico, em contraposição ao que é natural e, consequentemente, universal no comportamento humano. Esse dilema constitui a base de um notável debate sobre a distinção entre natureza e cultura, ou o que é inato em comparação ao que é adquirido (Cohn, 2005).

A mesma autora supracitada reforça que a antropologia sempre considerou as crianças, que estavam constantemente presentes nas investigações dos antropólogos, abordando ciclos de vida, entre outros temas. Contudo, foi somente no final do século XX que esforços concentrados e específicos de sociólogos, antropólogos e outros estudiosos humanistas foram direcionados para compreender as crianças e suas vidas a partir de suas próprias perspectivas.

Tais pesquisas passaram a se concentrar nas crianças pelo que elas eram, sem preconceitos sobre o que deveriam ser ou se tornariam. Além disso, a diferença fundamental também se deu no objetivo de criar contextos, métodos e técnicas de pesquisa e interação que permitissem aos antropólogos ouvirem as crianças com atenção ao que elas têm a dizer. Muitas de nossas ideias sobre a infância baseiam-se em nossas próprias experiências de vida, vividas aqui e ali quando éramos crianças, desta forma, todos podemos tentar encontrar a resposta para as alegrias da infância. Mas embora possamos falar sobre as alegrias da infância, estaremos realmente respondendo à questão do que significa a criança?

Quando nos perguntam o que significa ser criança, a primeira resposta que geralmente damos e que só vivemos a infância uma vez, e ser criança significa desfrutar de uma infância, que nunca mais vivemos. Aqui nos deparamos com a ideia comum de que a infância é um tempo perdido que nunca mais voltará. Portanto, as memórias que temos da infância são memórias velhas e velhos conceitos que estão congeladas em um determinado período. Acima destas memórias reside uma aura de nostalgia e de impossibilidade de reviver está época, tão distante e inacessível para alguns, mas tão presente para outros e vivido. Mas as crianças estão em toda parte, todos fomos crianças um dia, todos desejamos ou não desejamos ter crianças. “É como se tudo já fosse sabido, como se não houvesse espaço para dúvidas” (Kohan, 2007, p. 7).

Tornar-se adulto é, para muitos, reconhecer que a infância ficou para trás. Entretanto, todas as pessoas, sem distinção de idade, têm a sua criança interior, a

qual representa a capacidade de inocência, encantamento, alegria, sensibilidade e entretenimento. Parece que nossa rotina e cultura estão eliminando essas características de forma gradual. Seria interessante ir ao trabalho cantando, mesmo quando se está triste e se tem a possibilidade de chorar. Ensina-se que chorar é algo inadequado, assim como demonstrar tristeza. Assim, parece que é necessário adotarmos uma postura séria e responsável de forma contínua, o que também diminui nosso brilho. As crianças chegam à creche cantando e sorrindo, mas também podem chegar expressando suas emoções através do choro, sem receio de se expor, ou pelo menos gostaríamos que pudessem fazer isso.

Refletir sobre esses aspectos é essencial para compreender como cada sociedade articula a concepção de infância que lhe convém e que desperta seu interesse. Contudo, é fato que as crianças nos transportam para a nossa infância, revivendo o nosso gosto e prazer de brincar. A infância de cada um de nós se encontra em um mundo de fantasia e é, de certa forma "espaço para pesquisa". É nessa busca que nos relacionamos com as crianças, com aquilo que em nós ainda permanece e nos mantém infantis.

Buscar a infância que existe em nós para que possamos reaprender, poderia ser tal como "crianças e adultos aproveitando-se mutuamente por meio da atividade de brincar" (Moyles, 2006, p. 230). Para refletir sobre isso, vamos passear um pouco pelo CMEI – Vó Tuta Pereira, buscando compreender as características desse espaço, as condições e as possibilidades que – através dele – são ofertadas às relações entre adultos e crianças.

2.1 O CMEI – Vó Tuta Pereira

A creche K e M, como já dissemos, passou a chamar-se CMEI – Vó Tuta Pereira, fundado e inaugurado no dia 18 de abril de 2007, com lei de criação nº 1462/2007, em homenagem à senhora Maria Cândida de Jesus, que foi uma mulher batalhadora que veio para Caldas Novas em 1979 e, a partir de então, sua família participou ativamente no crescimento dessa cidade. Nesta nova instalação, com estrutura maior, aumentou a quantidade de crianças e também de profissionais. A direção do CMEI, nesse momento, deixou de ser responsabilidade da senhora Sandra Costa, passando a ser diretora a senhora Leonora das Graças dos Santos. Esta,

quando assumiu a direção, fez algumas mudanças no quadro de funcionários e organizou as turmas de acordo com as faixas etárias.

Na época, a coordenadora era Kênia Oliveira, que ficou na coordenação durante algum tempo, atendendo a vários CEMEIs e os visitando uma vez na semana, o que fazia com que os planos pedagógicos dos diferentes CMEIs não tivessem muita harmonia entre si. Depois, passou a ser coordenadora a senhora Rosymeire, que ficou pouquíssimo tempo, e logo após assumiu Miriam Gonzaga, que é nossa coordenadora atual. Foi ela que, com sua equipe, organizou o 1º Arraial Vó Tuta Pereira, uma grande festa, com a participação da comunidade educativa. Com o dinheiro arrecadado na festividade, compramos os primeiros brinquedos. As crianças gostaram muito das aquisições e aproveitavam a quadra onde brincavam e jogavam bola. Elas ainda gostavam de ir para biblioteca folhear/ler livros, e de aproveitar os vários projetos encantadores que desenvolvíamos e que despertavam a sua criatividade.

Depois, o CMEI fez outra mudança de local. Atualmente está situado na Avenida Poços de Caldas, quadra 3, lote3, no Bairro Caldas Oeste, Município de Caldas Novas – GO. Este bairro é extenso, tem grandes avenidas e possui ainda pista de Cooper, escolas, centros de EI, academias, supermercados e muitos outros estabelecimentos comerciais e residenciais onde moram famílias de diversas Estados e até mesmo de outros países. Pessoas que vieram em busca de qualidade de vida, investimentos em negócios, oportunidade de empregos, moradia e estudos.

Figura 1- Fachada antiga do CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 2 - Fachada nova do CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

2.1.1 O espaço físico do CMEI – Vó Tuta Pereira

Agora que esclareci o contexto do surgimento da instituição em que realizei a pesquisa, vou mostrar um pouco da estrutura espacial atual da creche, seguindo o percurso de um visitante desde a sua entrada na instituição. Para acessar o pátio escolar, é necessário passar pela Secretaria. Trata-se de um espaço de dimensões adequadas, com piso cimentado, que isola uma sala das demais. Não há vegetação

plantada, seja na entrada da escola ou internamente, e a cor predominante é "azul com branco".

Figura 3 - Corredor de acesso ao CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

Antigamente, a fachada do prédio era bastante colorida, mas atualmente está sem pintura, devido à falta de verba do município. Na entrada, no início do horário de funcionamento, ficam algumas professoras para acolher crianças e pais.

Figura 4 - Condições da fachada atual do CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

Abaixo, vemos que, na parede à direita, temos um painel onde os portfólios de trabalhos das crianças são expostos. No painel, são organizadas e expostas, para que

os pais possam visualizar, fotos de cada tema dos projetos, que também são mostradas para os pais em reunião.

Figura 5 - Painel de exposição de atividades no CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

Na lateral esquerda, fica a Secretaria já citada, onde os pais podem tratar de outros assuntos relevantes ou registrar suas queixas. Dentro da Secretaria, existe um espaço destinado ao armazenamento de materiais como papéis, tintas, livros infantis, quebra-cabeças, entre outros. Ao longo da pesquisa, observei as professoras carregando a mala literária para que pudessem contar histórias para suas crianças dentro da sala de aula e percebi que havia dia marcado por turmas para isso.

Figura 6 - Secretaria do CMEI – Vó Tuta Pereira com sala para materiais diversos



Fonte: Foto tirada pela autora.

No lado direito do corredor, ao final das salas, existe uma área de lazer onde as crianças podem brincar. Esses parques infantis contam com escorregador, cama elástica, casinha e túnel. Infelizmente, as crianças não têm acesso à área todos os dias, apenas mediante agendamento prévio realizado pela coordenadora, duas vezes na semana. Há uma área sem cimento onde as crianças podem plantar grama quando há algum projeto relacionado ao Meio Ambiente. Neste espaço que não é de cimento, as crianças podem brincar e pegar folhas para preparar suas refeições enquanto estão se divertindo com a brincadeira de cozinhar.

Figura 7 - Secretaria do CMEI – Vó Tuta Pereira com sala para materiais diversos



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 8 - Área de lazer do CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

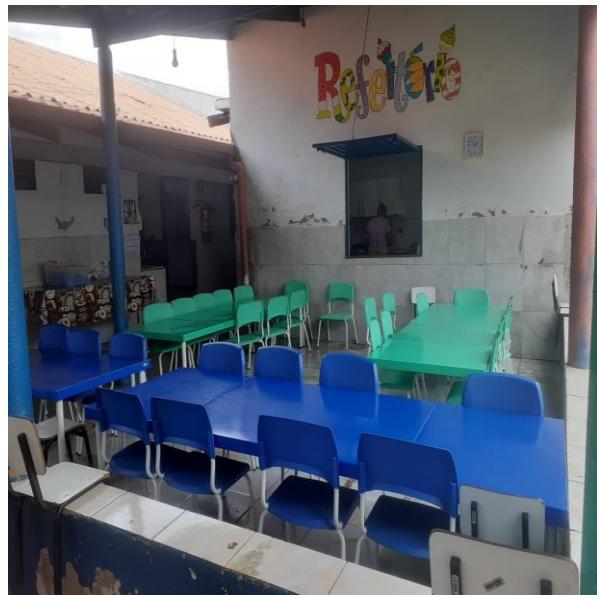
Existe, também, um corredor que não está coberto, situado no meio das salas. Do seu lado esquerdo existem 6 salas, enquanto do lado direito 4. No fundo, está o refeitório onde as crianças fazem suas refeições.

Figura 9 - Corredor de acesso às salas e ao Refeitório no CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 10 - Refeitório no CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

A sala do Maternal II fica em frente a do Berçário, ao lado da secretaria. Ela é a primeira de todas as salas. Foi nesta sala, onde sou docente, que iniciei minha pesquisa, com crianças com idade entre 3 anos e 11 meses e as demais professoras.

Figura 11 - Sala do Maternal II do CMEI – Vó Tuta Pereira



Fonte: Foto tirada pela autora.

2.1.2 As crianças e a comunidade escolar

O conjunto de crianças do Maternal II B, com idade entre 3 anos e 11 meses, é formado por 12 crianças, sendo seis meninas e seis meninos. Mesmo com a saída de uma criança por motivo de mudança de cidade com seus pais, outra já foi inserida em sua vaga, o grupo continuando com 12 crianças.

A equipe encarregada de dividir as responsabilidades de cuidado e educação das crianças do Maternal II B é formada por 3 professores responsáveis adultos: eu, professora com formação acadêmica de nível superior em Pedagogia e que está fazendo o mestrado; uma professora apoio e outra apoio para inclusão, ambas igualmente com formação em Pedagogia.

Em relação à identificação dos profissionais nesta pesquisa, serão divulgados os nomes das professoras de grupo e da equipe de direção, em reconhecimento ao trabalho que desempenham na instituição e ao seu compromisso com a constante atualização. Como já citado, foi obtida permissão para tal e a documentação também encontra-se na secretaria do CMEI. Igualmente, no que diz respeito à escola, será identificada com o consentimento da diretora e com o objetivo de valorizar a história e a singularidade do trabalho realizado neste CMEI.

Ainda cabe destacar o horário de atendimento das crianças na creche, que funciona em período parcial e integral. O horário de entrada é o mesmo para ambas as modalidades: 06:50m. As crianças do parcial, saem às 11h, e as do integral começam a sair às 16h, havendo algumas que permanecem até mais tarde. Abaixo, o corpo de funcionários da creche do turno matutino, em que realizei a pesquisa:

Figura 12 - Quadro de funcionários da escola do turno matutino

1 Professora do Berçário I A - 4 Apoios a EI (Integral)
1 Professora do Berçário II B - 2 Apoios a EI (Parcial)
1 Professora do Maternal I A - 3 Apoios a EI (Integral)
1 Professora do Maternal II A - 4 Apoios a EI (Integral)
1 Professora do Maternal II B - 2 Apoios a Creche (Parcial)
1 Professora do I Período A (Parcial)
1 Professora do I Período B - 1 Apoio da Inclusão (Parcial)
1 Professora do I Período C - 1 Apoio da Inclusão (Parcial)
1 Professora do II Período A - 1 Apoio da Inclusão (Parcial)
1 Professora do II Período B - 1 Apoio da Inclusão (Parcial)

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em dados da escola.

2.1.3 O Projeto Político Pedagógico do CMEI – Vó Tuta Pereira e seu referencial educativo

O CMEI – Vó Tuta Pereira tem como referência para desenvolver as ações empreendidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) a política educacional vigente, preconizada pelo Ministério da Educação (MEC), que atende as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Lei 9.394/96), a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Também leva em conta a Resolução CNE/CEB nº 1, de 7 de abril de 1999, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Resolução CNE/CEB nº 5/2009, que atualizou essas diretrizes, reforçando os direitos de aprendizagem e o foco no brincar e interagir - fixadas pelo Conselho Nacional de Educação, por meio da Câmara de Educação Básica. É considerado o disposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Documento Curricular para Goiás, as Deliberações da Lei Municipal 1865/12, Resolução nº. 001/2013 – Conselho Municipal de Educação – orientando a formulação de políticos para a EI, incluindo o planejamento, desenvolvimento e avaliação pelas unidades de seu PPP.

O objetivo principal é enfatizar a função primordial do Centro Municipal de Educação Infantil Vó Tuta Pereira, que é conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer, em consonância com os campos de experiência determinados

para essa fase na BNCC (2017) para todo o território nacional e assim denominados: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. As professoras são incentivadas a trilharem esse caminho, acompanhadas pelas coordenadoras geral do município e coordenadora do CMEI.

No documento, chama a atenção a ênfase dada pela escola a uma base pedagógica flexível que permita acompanhar as crianças em seu desenvolvimento completo, levando em conta suas particularidades e simultaneamente proporcionando apoio afetivo e educativo. Ao mesmo tempo, o documento afirma que a proposta precisa ser implementada nos projetos educacionais, no planejamento semanal e no planejamento anual que terá metas a serem implementadas em colaboração com toda a comunidade escolar e com o verdadeiro engajamento de todos os profissionais envolvidos na sua elaboração.

Refere apoiar-se na construção de um saber que não está finalizado e acabado, mas que está sempre em constante avaliação e reformulação, acompanhando os progressos dos principais paradigmas educacionais contemporâneos ou outras mudanças que se façam necessárias. Não se propõe a ser um guia de ação pedagógica, mas um percurso que pode ser aprimorado pela prática, tanto em termos estruturais quanto nos conteúdos e métodos educacionais aplicados. O PPP utiliza, ainda, conceituações teóricas do desenvolvimento psicossocial e linguístico das crianças, com base em autores como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Emília Ferreiro.

2.2 A brincadeira e a educação

O que é ser criança? Para responder à pergunta de Cohn (2005) temos que sair da nossa zona de conforto, desafiar a nós mesmos, perguntar às próprias crianças o que gostam de fazer na infância: brincar de boneca, médica, cozinheira, bola, carrinho, pecinhas, parquinho, esculturas de massinhas de modelar, brincadeira ao ar livre, usar fantasias e explorar a imaginação, jogar amarelinha, futebol, dança da cadeira, dança com mímica, caça à tesoura, pega-pega, quebra-cabeça, adivinhe o objeto e tantos outros. Começar a ouvir o que as crianças têm a dizer, pode significar que validamos o que elas mostram agindo, o que nos auxilia a compreendê-las.

Nesse sentido, é essencial respeitar e, em alguns casos, reestabelecer o tempo dedicado à criança, assim como o espaço para a brincadeira. De que forma a criança

pode desempenhar um papel ativo se está sempre recebendo tudo pronto em frente à televisão ou diante de telas virtuais?

Castro (1998, p. 178) observa que a imagem da criança como “caçador” e “explorador” integra um contexto que tem se dissipado, especialmente ao notar os impactos da mídia e da sociedade de consumo que hoje influenciam no mundo infantil os novos jogos, brinquedos e programas. Da mesma forma que a criança se encontra “desassistida” em frente à televisão, rodeada por brinquedos cada vez mais avançados que realizam diversas funções, ela se torna uma mera observadora, assistindo de forma passiva. Ao pressionar um botão, o dispositivo eletrônico proporciona poucas opções para a experimentação da criança; talvez uma abordagem mais envolvente seja desmantelá-lo e destruí-lo. Os brinquedos atuais incorporam uma pedagogia voltada para o prazer, que se antecipa ao desejo das crianças ou, ainda, atende aos anseios dos adultos que controlam a indústria do entretenimento e do lazer (Castro, 1998, p. 178).

No momento, estamos incertos em relação ao papel das crianças e à nossa responsabilidade em suas vidas. O espaço destinado à brincadeira livre, à criatividade e à busca pela identidade foi restringido em uma sociedade que valoriza excessivamente o “ter”. Reflito sobre se as crianças estão em um ambiente que lhes permite ser autênticas na sociedade. As crianças habitam o mundo com a fantasia. A necessidade contemporânea de demonstrar habilidades e competências para atingir metas quantitativas, deixa de lado alguns aspectos da cultura que são essências ao humano, um deles a brincadeira, através da qual a criança aprende com o corpo e os sentidos, antes de vincular-se ao pensamento abstrato.

Não se trata de negar às crianças um ambiente que possa ter brinquedos modernos, ou eliminar completamente a realidade virtual proporcionada pelos celulares e televisão. O aspecto mais significativo é permitir que as crianças desfrutem da pluralidade de sua infância em um espaço disponível à ação, brincando na terra e na natureza, onde possam expressar-se livremente, sem restrições ou limites que determinem suas experiências. Ser criança contempla uma gratuidade extremamente complexa. A criança pode relatar a um adulto (professor ou familiar) que se divertiu na escola ou no parque da rua, com um amigo que, muitas vezes, ela nem sabe o nome, pois muitas vezes nem se recorda de como chamá-lo. Entretanto, para ela, isso é bastante prazeroso, pois envolve a entrega lúdica, característica da infância, que a faz conquistar e aprender.

Brincar, portanto, é uma forma da linguagem que as crianças usam para compreender e interagir consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Ribeiro (2013) afirma que a lúdicodeza faz parte do mundo infantil, e o brincar, independentemente do local, tempo ou objeto empregado, oportuniza à criança usar sua imaginação, criando e transformando o espaço – também o espaço escolar – em um ambiente prazeroso e atrativo, no qual pode se desenvolver muita brincadeira. O jogo, a brincadeira e a lúdicodeza estão sempre juntas, porque ao pensar na palavra brincar, podemos associá-la à criança, relacionar à infância, e ao jogar do adulto, podendo, certamente, conter um número de regras. Contudo, jogo e brincadeira carregam consigo o lúdico, e numa época mais antiga, não havia diferença entre jogos infantis ou adultos, eles eram coletivos. O jogo e o brincar mobilizavam o ser humano por inteiro nas suas emoções, nos seus pensamentos e seu corpo, nas suas buscas e nos encontros consigo mesmo e com os outros.

Por este motivo, Huizinga (2010) afirma que todo jogo, seja das crianças ou dos adultos, pode ser efetuado com o mais completo espírito de seriedade. As crianças não brincam apenas por brincar, pois quando estão fazendo algo de que gostam, sentem mais prazer, e ali há uma paixão, sendo considerado como seriedade. O jogo para as crianças é emocionante, prazeroso e divertido, porque quando a criança está fazendo algo de que gosta, como jogando e correndo no pátio com várias bolas e um gol imaginário, quando junta fibra, ali as crianças estão alegres e divertidas. Assim, as crianças nascem e crescem brincando e jogando. No brincar, a criança vivencia a experiência inaugural de saborear o mundo, em que ela pode ser ela mesma, experimentar-se, aprender, agir, criar e inventar em uma esfera cognitiva, iniciando sua interação social, aprendendo a conviver, recriar-se, reinventar-se e participar de todo exercício lúdico, podendo conviver com os indivíduos e situar-se no mundo que vive da liberdade de expressão.

Conforme Huizinga (2010) o jogo é uma atividade livre, que tem um caráter sério e simbólico: embora não seja “sério” no sentido utilitário, mas que é levado a sério por quem joga. O jogo é expressão da liberdade daqueles que estão dispostos a jogar e dos jogadores na relação com suas próprias vidas, uma vez que a atividade lúdica não é uma necessidade imediata da existência. Mesmo com a presença de regras, não podem comprometer a liberdade, pois são aceitas pelos participantes que compreendem que o jogo não é a vida cotidiana, ou “vida real”. No jogo, as condições são de completa liberdade, demonstrando a autonomia daqueles que decidem

participar, a dos próprios jogadores, em relação às suas vidas, uma vez que o brincar lida com aspectos que não são essenciais para existência. Mesmo a existência de regras não compromete essa liberdade, pois elas são aceitas pelos participantes que reconhecem que o jogo não se confunde com a vida real.

O mesmo autor afirma que mesmo ao “fazer de conta” ou “brincar”, o jogo pode ser realizado com extrema seriedade. Para ele, toda criança sabe perfeitamente quando está fazendo de conta ou quando está jogando, e essa condição de “faz de conta” não impede o jogo de nenhuma maneira (Huizinga, 2010, p. 5). Cada vez que ela joga um novo jogo, cria e reconstrói o mundo ao redor. Por exemplo, quando as crianças estão num jogo de empilhar cadeiras de forma habilidosa, para evitar que caiam, há um desafio: se derrubar ou deixar cair, sai do jogo. Nesse jogo, há regras estabelecidas pelas próprias crianças.

Conforme Richter afirma: "brincar é a experiência inaugural de saborear o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar modos de estar em linguagem na simultaneidade de aprender a recriar-se e a reinventar-se através do exercício lúdico da liberdade de expressão" (Richter, 2017, [s/p]). Através do lúdico, a criança tem a possibilidade de viver algo belo que somente ela está sentindo, tomando decisões na brincadeira, como por exemplo quando está brincando de fada e transforma objetos com um graveto e começa a tocar com o graveto nas coisas, como se fosse uma varinha mágica, fazendo uma pedra virar bola, um chinelo transformar-se em celular etc. Mesmo que nós não percebemos, ela está criando algo para brincar, sentindo um grande prazer e alegria. O brincar livre não precisa ser direcionado pelos adultos, pois as crianças já sabem como fazer de maneira espontânea, decidindo do que realmente querem brincar. É no brincar livre e no jogo que as crianças se expressam e se relacionam com o mundo à sua volta.

Lydia Hortélio, que no Brasil é uma das referências no estudo da cultura infantil, já dedica uma vida inteira à cultura brincante. A professora e etnomusicóloga brasileira mostra a infância como algo precioso, afirma que ela está guardada dentro de cada um, e que essa compreensão significa uma grande revolução. A pesquisadora defende a cultura popular como uma segunda infância. Em entrevista para Dulcimarta Lino (Hortélio, 2014) Lydia chama a seu favor o pensamento do filósofo e poeta Friedrich Schiller, quando ele diz que o homem só é inteiro quando brinca, e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra homem.

Ao se divertir, a criança ou o adulto estabelece uma conexão brincalhona com o mundo, permitindo arriscar, conectar, pensar, pensar e agir de forma espontânea, gerando indagações genuínas e despertando a curiosidade. Brincar é algo que transforma, quando os adultos e as crianças brincam, conectam a realidade aos desejos, fantasias e sonhos, reconstruindo diversas que compõem a cultura, dando-lhe novos tons e infinitas possibilidades. Lydia Hortélio fala no primeiro momento que, para compreender a criança, “comece por você e continue: A única dica que eu dou é correr atrás de si mesmo (Hortélio, 2021, p. 1).

Elá afirma que o brincar cheio de vida pode ser explorado de diversas maneiras, em diversos lugares e culturas. A brincadeira está na alma e no coração de cada criança. A criança tem muito mais conhecimento do que um adulto na brincadeira, pois qualquer objeto na mão dela vira brinquedo. Em uma entrevista de 2009, ela relatou que se interessou pela cultura lúdica quando sua professora lhe mostrou gravações de canções infantis. Isso a levou a pesquisar e documentar os brinquedos cantados de sua infância e, posteriormente, a pesquisar e documentar brinquedos do Brasil e de locais diferentes ao redor do mundo. Hortélio (2009, [s/p]) explica que os brinquedos não se limitam aos objetos de brincar, mas incluem tudo o que está relacionado com a brincadeira.

Hortélio fala de uma retomada da orientação espiritual (não confundir com religião), afetando o reordenamento da vida e sua "aparência juvenil" para o mundo. Tal orientação espiritual relaciona-se com a qualidade de relação com a vida, através da atenção, da presença, do pertencimento, do respeito aos ciclos naturais, ao tempo interno e ao mistério. Liga-se, da mesma forma, ao brincar, ao cantar, ao ouvir histórias, ao conviver — práticas que afinam a sensibilidade e organizam o ser humano por dentro, abandonando a conduta capitalista de orientar a vida apenas por metas externas (trabalho, desempenho, status).

A perspectiva desse reordenamento interno permite que a educadora e musicóloga de quase 92 anos continue a "aprender como criança" em uma sociedade que tem uma lógica centrada no adulto, onde as crianças são muitas vezes ignoradas pelas práticas sociais e culturais que as regem.

Para Hortélio (2021, [s/p].), a infância trabalha com dois processos. "O fazer do brincar" e o "brincar do fazer": O primeiro diz respeito a brinquedos que cumprem "uma linguagem de movimento". Em sua concepção, cada brinquedo tem uma linguagem particular de movimento, por isso quanto mais as crianças brincam, mais movimentos

experimentam. O “fazer do brincar” comprehende, por exemplo, as cantigas de roda: “o tom de cada cantiga, o ritmo, conduz a uma experiência de caráter e de qualidade diferente”. A linguagem de movimento está no corpo: “Você só vai saber o que é o brincar se você brincar, porque é com o corpo e no corpo que estão a inteligência sensível, as emoções e tudo aquilo se junta em uma unidade do seu ser inteiro e vive aquela experiência”.

Já o “brincar do fazer” diz respeito à invenção de brinquedos com materiais diversos, como latas, tampinhas, pneus, barbante etc. Ela cita por exemplo a “cama de gato” e o “corrupio”. Embora “silentes”, tais brinquedos também conservam formas e ritmos que Lydia entende como musicais. Cada brincadeira traz seus desafios, seus ritmos, sua linguagem, como ela diz: “você tem que se entregar a ele”.

A brincadeira com canções de roda oferece um ritmo e uma experiência inovadora de caráter e qualidade diferenciada. De acordo com Lydia, em uma cantiga de roda, quando uma criança segura as mãos de outra criança ou até mesmo de um adulto e começa a cantar diversas canções infantis, ela estimula a sintonia entre os pares, fazendo movimentos. Essa performance corporal proporciona prazer e alegria para as crianças e para os adultos também.

A criança só saberá o que é brincar se ela se divertir. À medida que as crianças brincam, seus corpos experimentam movimentos, assim como sua inteligência sensível e suas emoções. Tudo isso irá contribuir para que elas vivam essa experiência. As crianças brincam com materiais variados, como latas, pecinhas, tampinhas, encaixes, barbantes, dados, gravetos e outros. Cada brinquedo que as crianças carregam traz desafios, ritmos, linguagens, significados e formas variados de acordo com a hora em que estão brincando com eles. De acordo com Lydia, é necessário se entregar a ele.

Em “Uma tarde com Lydia Hortélio” conhecemos a ideia do “olhar menino” para “aprender menino”, que está ligada à criança interior, que tem o potencial de reinterpretar nosso modo de vida, nossa percepção do mundo e nossas práticas socioeducativas. Lydia (2021, [s/p]), afirma que nosso corpo é potencialmente lúdico, podendo ser capaz de criar jogos de elementos da realidade com aspectos criados na nossa imaginação.

Somos todos brincantes, ludicamente criadores! Quando se está em uma roda de brincadeira, jogando e cantando com as crianças, você não está deixando de ser uma professora, ao contrário, está encontrando e vivenciando a alegria e a diversão

com elas. Todos os professores devem pensar que não é necessário renunciar à magia que existe em nós. Eu desejo ser uma professora brincante, jogar e cantar com as crianças, pois a vida passa rapidamente. Por isso, desejo viver cada sonho com as crianças e me divertir olhando para o olhar de meninos, pois há muito mais para aprender com eles. É para atingir essa meta. Lydia sugere que olhemos para um menino, para aprender sobre ele.

Nesse olhar menino e pensar com os meninos, deixar que as mentes e os corpos criem a sua própria brincadeira. Quando a criança brinca, ela usa sua imaginação, ou seja, através de jogos e brincadeiras, os pequenos podem viver suas fantasias. Um exemplo é quando uma criança encontra um cabo de vassoura e começa a brincar como se fosse um cavalo, dando forma ao objeto material concreto e usando a imaginação do objeto como se fosse um animal.

Quando a criança se diverte, ela interage com os outros, o que contribui para o seu desenvolvimento social, emocional, físico, cognitivo e cultural. Os temas lúdicos e os jogos são fontes de diversão e alegria para os pequenos. Além disso, as atividades de "faz de conta", os jogos e as brincadeiras permitem que a criança reflita sobre sua rotina, estimulando sua criatividade e prazer ao mergulhar em um universo de histórias e fantasia. Brincar transporta as crianças para um mundo imaginário, onde elas podem ser quem desejarem e realizar o que quiserem, explorando todas as sensações que a vida oferece e liberando sua essência infantil.

Adicionalmente, pelas atividades lúdicas, as crianças engajadas na diversão se envolvem de maneira ativa e crítica em situações contextuais para a aquisição de conhecimento de maneira significativa. O professor, então, pode considerar o lúdico como um aliado que leva ao mundo encantador e, consequentemente, ter consciência de que o lúdico e os jogos proporcionam prazer às crianças ao brincarem.

Porém, a autora adverte que qualquer estrutura montada nas escolas para acolher as crianças é obsoleta se não tiver disponibilidade lúdica. É essencial brincar e é essencial proporcionar espaços e momentos para que a criança possa brincar. Para se divertir, ser feliz e afirmar a vida, é necessário brincar:

Se alguém quiser brincar para aprender, já não é mais brinquedo, porque o brinquedo tem um fim nele mesmo. Por que brincar de roda? Porque é uma maravilha: mão na mão, esquecer quem é você, embarcar no sonho daquela hora... Brincar é só isso. Mas isso não significa que as crianças não estão aprendendo, estão aprendendo e muito mais do que a gente consegue ver. O brinquedo é múltiplo. Ele mexe na alma. Quando a gente entende isso, não tem mais medo de dizer que está brincando. (Hortélio, 2003, p. 22).

A escritora percebe que, na formação do professor da infância, ainda falta um entendimento do significado e da relevância da cultura infantil, visto que se depara com professores presos em um sistema de ensino que negligencia o sensível, a inteligência corporal e a inteligência corporal. A criança possui a força da espontaneidade. Os professores estão brincando? Eles sabem brincar?

A ideia amplamente difundida de que a creche, por proporcionar às crianças oportunidades de interação social com outras crianças e uma variedade de figuras adultas, é, por si só, um ambiente educativo, não é necessariamente correta. A especificidade educativa da creche é, inicialmente, definida em oposição a uma pedagogia que a vê como uma versão reduzida da escola moderna. A intervenção educativa da creche atua no sistema de trocas sociais, usando-o como ferramenta de desenvolvimento. As interações se entrelaçam e se complicam progressivamente, seja entre crianças e adultos, ou entre crianças em um grupo de jogo: forma-se um conjunto de significados compartilhados.

Os exercícios lúdicos na creche devem ser sempre adaptados à forma como a criança interpreta o mundo, respeitando sua individualidade e contribuindo para o envolvimento de sua identidade e autonomia. Os professores têm papel crucial, o de conduzir adequadamente as atividades lúdicas de forma adequada para que os alunos alcancem os objetivos específicos de divertimento, promovendo a socialização e o desenvolvimento global.

Nesses, entende-se a infância como uma parte importante da vida, e não apenas como uma etapa de preparação para a vida adulta. Na perspectiva da infância, a educação é um fenômeno que ocorre no presente e não simplesmente uma preparação para o futuro. A criança em sua totalidade é apreciada. A atenção é voltada para a saúde física e mental, assim como para a importância das emoções, do raciocínio e dos aspectos espirituais. Assim, a aprendizagem não é dividida, uma vez que tudo está conectado, a EI é o período mais potente de interação entre a criança e o meio em que se encontra – incluindo, de modo relevante, outras pessoas e o processo de aprender.

Conforme Gandhy Piorski (2016), o brincar é elemento em que a vida encontrou a própria vitalidade. Já nascemos com esse espírito vitalino, não sabemos de onde vem. É uma capacidade inerente ao ser humano, que se manifesta de forma imaginativa e criativa, extrapolando os limites do conhecido. Essa capacidade de

imaginar, presente em crianças, animais e adultos, encontra no brincar sua expressão máxima, conectando-nos com o mundo de forma profunda e significativa.

Por tudo isso que vimos, os jogos e brincadeiras são ferramentas valiosas que contribuem para as relações com crianças. Eles representam uma abordagem acessível, divertida e prazerosa para promover uma aprendizagem significativa. Para implementar essas atividades na creche, é fundamental adotar estratégias e compreensões de convívio que cativem e mantenham a atenção das crianças, cumprindo sua rigorosa razão de ser, que é a da alegria, da diversão e do desafio:

O jogo é uma atividade, consequentemente tomada como não séria e exterior a vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com o qual não se pode obter qualquer lucro, praticado dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo certa ordem e certas regras. (Huizinga, 2010, p. 13).

Os jogos e brincadeiras são essenciais para o crescimento do pensamento e da imaginação infantil. Por meio dessas tarefas, elas podem explorar uma gama de comportamento, circunstâncias, competências, sentimentos, restrições e saberes que já possuem. É crucial enfatizar a importância dos jogos e brincadeiras na educação das crianças, uma vez que eles ampliam as oportunidades e tornam cada vez mais evidentes as vantagens que essas experiências recreativas podem trazer. Há uma infinidade de jogos e brincadeiras, organizados em diversas categorias, incluindo jogos de regras, jogos motores e aqueles que simulam a realidade, além das tradicionais canções e jogos de roda que têm suas origens no folclore. Essas atividades não só oferecem momentos de lazer, mas também compartilham culturas com as crianças, ampliando seu saber e instruindo sobre as tradições populares do passado.

Essas práticas tradicionais desempenham um papel crucial no crescimento cognitivo e motor dos pequenos, particularmente nos seus primeiros anos de vida. Ao brincar, as crianças adquirem habilidades para expressar suas emoções, executar movimentos corporais e aprimorar seu raciocínio. O ato de brincar é considerado um componente essencial da cultura popular de uma comunidade. Ao se divertir, a criança cria uma ligação direta com as práticas sociais e culturais presentes em seu entorno. Jogos e brincadeiras na educação infantil têm a possibilidade de ampliar o universo cultural e social de crianças e adultos. Tais atividades recreativas incentivam não só a socialização, mas também o crescimento intelectual da criança de forma lúdica.

Portanto, os jogos e brincadeiras exercem um impacto considerável na diversão e no envolvimento infantil.

De acordo com Santos (2000, p. 161), o “jogo e a brincadeira são instrumentos valiosos para estimular o crescimento físico, mental e socioemocional da criança.”. Ademais, é no ambiente lúdico que a criança descobre formas de expressar suas emoções de maneira confortável. Portanto, o jogo tem um papel crucial no estímulo intelectual, favorecendo a construção e a absorção de novos conhecimentos.

Na EI, as atividades recreativas desempenham um papel crucial, especialmente porque a criança pode se divertir brincando e, simultaneamente, adquirir conhecimento através dessas atividades. Desde os primeiros instantes de vida, a criança se expressa por meio de gestos, sons e, especialmente nos primeiros anos de vida, procura interpretar um papel específico por meio de jogos, contribuindo para o crescimento de sua imaginação. Para Oliveira (2000, p.10):

A evolução lúdica, notadamente, nos primeiros anos de vida mostra que ao brincar a criança desenvolve a inteligência, aprende prazerosamente e progressivamente a representar simbolicamente sua realidade, deixa, em parte, o egocentrismo que a impede de ver o outro como diferente dela, aprende a conviver. O lúdico não está nas coisas, nos brinquedos ou nas técnicas, mas nas crianças, ou melhor, dizendo, no homem que as imagina, organiza e constrói.

De acordo Huizinga (2010), os jogos fazem parte da vida das crianças que não distinguem entre realidade e fantasia, e o exercício da ludicidade marca o surgimento do pensamento humano e a descoberta da transformação do mundo. Independentemente da época, cultura ou classe social, os jogos e brinquedos fazem parte da vida das crianças, pois vivem num mundo repleto de fantasia, fascínio, alegria e sonhos, uma mistura de realidade e fantasia (Huizinga, 2010, p. 13). E mesmo sendo uma atividade livre, percebida de forma consciente como "nada sério" e fora da vida normal, ao mesmo tempo ela é capaz de conquistar o jogador de forma intensa e completa. É uma atividade independente de qualquer objetivo material, da qual nenhum lucro pode ser obtido, e é executada dentro dos seus próprios limites espaciais e temporais, numa determinada ordem e de acordo com certas regras.

Por meio dos jogos, as crianças aprendem aspectos do contexto cultural em que vivem, incorporando-se progressivamente à realidade do mundo que as crianças construirão também no meio da brincadeira e do jogo. Nesse complicado processo, as atividades lúdicas tornar-se mais autônomos e participativa na vida da criança, isto é, da própria vida entendida como um jogo; mas um jogo muito mais sério, mais

autêntico e real, na maioria das vezes não tão feliz ou divertido ou agradável (Brougère, 1998).

A ênfase no lúdico, em especial dentro da etapa da creche, possibilita uma educação que promove o conhecimento a partir da motivação à criança explorar o universo que esteja incluída, aprendendo a interagir da melhor forma possível com as pessoas com as quais convive e se relaciona. A educação que se abre ao lúdico pode se dar a partir do brincar que ocorre na casa, na família e, em especial, dentro do espaço da sala de aula, motivando a vivência prática de conteúdos que aguçam a inteligência e estimulam a divertimento da criança, auxiliando-a a realizar atividades e ações com as quais elas sintam despertada a curiosidade e instigada à criatividade brincando do que ela gosta.

Segundo a contribuição de Huizinga (2010), o jogo é universal, mais antigo que a humanidade, uma parte permanente da natureza, e não uma prática cultural. A civilização surge e se desenvolve no jogo e através dele. Para o autor, o jogo é anterior à própria cultura e é um elemento que acompanha o desenvolvimento dela. Podemos negar todas as coisas abstratas, beleza, amor, paixão, verdade, mas não podemos negar os jogos. Para ele, somos *Homo Ludens* muito mais do *Homo Sapiens*, porque a cultura humana vem do jogo:

suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica [...] o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. [...] no jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. (Huizinga, 2010, p. 3-4).

Segundo o mesmo autor, o instinto e o desejo surgem diretamente do jogo, que carrega um significado que indica a presença de um elemento não material em sua própria essência. No entanto, há "algo no jogo" nos jogos que ultrapassa o seu objetivo e significado biológico, e que determina seus significados intensos e variados. Primeiro, o significado é algo prazeroso e divertido, algo engraçado. O jogo pode ser sério, mas mantém um tom de humor, com um significado mais voltado para a diversão do que para o prazer. Ambos os significados estão intimamente relacionados no termo "jogo". É como se compreendêssemos que o prazer proporciona humor aos jogos, que a afinidade proporciona alegria.

2.3 Documentos orientadores: pressupostos para o brincar na EI

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira, abrangendo todos os níveis e modalidades de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior, tanto na esfera pública quanto na privada. Em relação à infância, ela trouxe em seu contexto os direitos da criança e a finalidade do oferecimento da educação desde o berçário até a pré-escola em instituições apropriadas à EI. Nesse sentido o documento diz: “a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996, p. 196).

Enquanto legislação maior, preocupada com princípios e diretrizes gerais, ela não contempla especificidades como, por exemplo, a relevância do ato de brincar. É inegável afirmar que uma criança que vivia há quase trinta anos atrás não pode ser comparada à criança da atualidade, pois aquelas conviviam na rua com brinquedos como pião, passa anel, jogo de esconde-esconde, amarelinha, cobra-cega, telefone sem fio e muitas outras brincadeiras. Embora algumas dessas brincadeiras ainda estejam presentes na vida das crianças, elas ocupam menos tempo do que outras atividades, uma vez que a criança experimenta a realidade através de uma reformulação cultural da era moderna, se adaptando à cultura em que está inserida e moldando-se a ela.

Contudo, a LDB não detalha a intencionalidade educativa do brincar e, igualmente, não interpreta a criança como sujeito histórico e de direitos. Estas concepções só serão aprofundadas depois, quando a Resolução CNE/CEB nº 1, de 7 de abril de 1999, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Resolução CNE/CEB nº 5/2009, que atualizou essas diretrizes, reforçaram que a construção da identidade da infância se dá nas interações e nas práticas lúdicas. Em 2017, a BNCC, condensa os princípios essenciais contidos nas DCNEI enquanto conjuntos de direitos e objetivos curriculares de aprendizagem obrigatórios no Brasil.

Convém historicizar que, em 1998, dois anos depois da promulgação da LDB, foram publicados os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), com o objetivo de orientar o trabalho pedagógico nas instituições de ensino,

oferecendo orientações sobre como os aprendizados poderiam ser desenvolvidos na prática. Segundo o RCNEI (Brasil, 1998, p. 171):

o brincar de faz de conta, por sua vez, possibilita que as crianças reflitam sobre o mundo. Ao brincar, as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados, tecer novas relações, desvincular-se dos significados imediatamente perceptíveis e materiais para atribuir-lhes novas significações, imprimir-lhes suas ideias e os conhecimentos que têm sobre si mesma, sobre as outras pessoas, sobre o mundo adulto, sobre os lugares distantes e/ou conhecidos.

Os RCNEI são populares até hoje e ficaram muito conhecidos, embora, como já dissemos, a Resolução CNE/CEB nº 1, de 7 de abril de 1999, tenha instituído as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Mas é amplamente divulgado – e encontrado em muitos projetos pedagógicos – o Artigo 9º dos RCNEI, segundo o qual as interações e brincadeiras constituem os pilares fundamentais da intencionalidade educativa desta fase da Educação Básica. Essas experiências permitem que as crianças construam e apropriem-se de conhecimento através de suas ações e interações com seus colegas e adultos, promovendo assim o aprendizado, o crescimento e a socialização (Brasil, 1998). Ainda salientam que “as atividades lúdicas, através das brincadeiras, favorecem a autoestima das crianças ajudando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa” (Brasil, 1998, p. 27). Dessa forma, o documento, elaborado pelo Ministério da Educação há época, trazia propostas de conteúdos, atividades e objetivos de aprendizagem para diferentes áreas do desenvolvimento infantil. E mesmo que preconize a importância do lúdico para que a criança se sinta dentro de seu mundo imaginário, como forma de conhecer a si e aos outros, ele se preocupava mais com o ensino, ou seja, com o que ensinar.

Já as DCNEI, enquanto diretrizes curriculares, têm caráter de lei e, por isso, são obrigatórias. Assim, as diretrizes são documentos de ensino que abarcam a educação em todas as suas modalidades, ou seja, da EI, ao Ensino Superior (ES). As propostas pedagógicas, determinadas nas DCNEI, devem respeitar três princípios, sendo eles:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (Brasil, 2010, p. 16).

Em relação à EI, tais princípios asseguram que as escolas forneçam às crianças uma educação de qualidade, em que tenham acesso a interações e experiências significativas em ambientes acolhedores e desafiadores que permitam sua expressão, respeitando a diversidade cultural, étnico-racial e religiosa. As DCNEI ainda trazem como objetivos “o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças” (Brasil, 2010, p. 20). Afirmam, ainda, que a EI tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, e será oferecida em articulação com a família e com a comunidade, cumprindo, indissociavelmente, as funções de cuidar e educar.

Portanto, a partir de 2009, quando a Resolução CNE/CEB nº 5/2009 atualizou as DCNEI de 7 de abril de 1999, as novas Diretrizes foram recebidas como um marco significativo na história da Educação Infantil no Brasil, não só pelo seu conteúdo normativo e conceitual, que representa um progresso considerável em relação à Resolução anterior, mas também pela natureza democrática de sua criação, que ao longo de mais de um ano de trabalho envolveu entidades, órgãos e indivíduos ligados à área. Levando em conta sua obrigatoriedade para as propostas pedagógicas municipais direcionadas à faixa etária em questão, é crucial ressaltar algumas ideias orientadoras deste documento em relação às definições essenciais na área da Educação Infantil. Ao conceituar “criança”, as DCNEI a consideram:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivenciar, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2009, Art. 4º)

Ao inserir a educação infantil no contexto da educação nacional, as DCNEI apresentam a seguinte definição:

Primeira etapa da Educação Básica, oferecida em Creches e Pré-escola, as quais se caracterizam como Espaços Institucionais não domésticos que constituem estabelecimento educacionais públicos ou privados que educam e cuidam das crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (Brasil, 2009, Art. 5º).

Para definir Currículo, as DCNEI adotam o seguinte conceito:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças como os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o

desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (Brasil, 2009, Art. 3º).

Essas ideias ampliam a compreensão do que significa ser criança na sociedade, na família e na escola, sendo vista como um cidadão de direito desde o seu nascimento, incluindo-se entre os direitos sociais, a educação, de acordo com o que estabelece a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. As atuais DCNEI qualificam esse direito e o local onde ele é aplicado, estabelecendo o ambiente coletivo de educação para crianças pequenas como um local que legitima sua vivência infantil. Isso é alcançado através da implementação de um currículo que valoriza as práticas sociais e culturais das crianças e de suas comunidades, proporcionando oportunidades para a expansão do conhecimento sobre si mesmo, os outros e o mundo.

Podemos perceber que conhecer as DCNEI é extremamente necessário para todos que atuam na área da creche, sejam professores, gestores ou orientadores, não importando o cargo que ocupam nesta modalidade de ensino, pois o documento tem estreita relação com a prática pedagógica.

Somente em 2017 foi publicada a BNCC, documento que implementa como normas os pressupostos das DCNEI, definindo um padrão nacional a ser seguido para a estruturação do ensino, com competências e habilidades que devem ser consideradas na elaboração das propostas pedagógicas em todos os níveis da educação básica.

Conforme este documento, especificamente no segmento dedicado à Educação Infantil, declara-se que é um direito da criança:

brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (Brasil, 2018, p. 36).

Assim, jogos e brincadeiras são ferramentas e práticas educativas apropriadas para fomentar o desenvolvimento integral da criança, desde que sejam compreendidos com sabedoria e objetivo. Eles possibilitam que a criança experimente o aprendizado de forma cativante e prazerosa, auxiliando no aprimoramento de suas habilidades e competências.

Nesse mesmo contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz como um dos princípios básicos o brincar, e tem como objetivo definir o

conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (Brasil, 2017, p. 7).

A BNCC garantiu os direitos da criança, direitos esses que estão intimamente ligados à aprendizagem e ao desenvolvimento na Educação Infantil, mas também às implicações lúdicas desses processos. De acordo com o documento normativo, os direitos são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se (Brasil, 2017). E o ato de brincar está ligado à abrangência da aprendizagem, pois o brincar também surge como um dos direitos garantidos à criança durante o processo vivido na Educação Infantil. A ação da brincadeira deve ser realizada cotidianamente nas escolas de Educação Infantil, porém com uma intencionalidade, auxiliando a criança a desenvolver uma grande paixão pela experiência humana através da brincadeira:

Brincar cotidianamente de diversas formas e em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos) ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais e é nesse ponto que iremos focar. (Brasil, 2017, p. 36).

Os documentos, como vimos, abordam o brincar como direito irrefutável da criança, de certa forma indicando que as instituições educacionais estejam preparadas para a abordagem do lúdico no contexto da Educação Infantil. E terão, também, a oportunidade de vivenciar muitas experiências através dos jogos, porque eles possibilitam que as crianças vivam cada momento de alegria, diversão e emoção, dentro de um espírito de liberdade. Tornar a creche um momento envolvente, autêntico e significativo para as crianças é um desafio, no qual o ato de brincar livre é um forte aliado. As crianças nos fornecem indicações valiosas para realizar intervenções apropriadas e que instiguem nela o prazer ao brincar. Portanto, ao reconhecer a importância do brincar para o desenvolvimento completo da criança, é benéfico assegurar sua inclusão na intenção educativa de práticas implementadas nas instituições de ensino. Mas como introduzir o jogo livre, social e espontâneo nas instituições de ensino infantil?

3 AS CRIANÇAS BRINCAM NO CEMEI – VÓ TUTA PEREIRA: relatos de observação

Minha pesquisa em campo iniciou a partir de observações das brincadeiras oportunizadas às crianças no CMEI – Vó Tuta Pereira que ocorreram durante os anos de 2023 e 2024, especificamente nos ambientes da creche. Neste capítulo, inicialmente, divulgarei parte das minhas observações através de recortes do meu Diário de Campo. As observações concentraram-se nas crianças brincando com seus coleguinhas e brinquedos, nos jogos e nas brincadeiras livres e dirigidas que realizavam cotidianamente. Depois, na sequência, vou comentar as respostas que as 4 professoras do Maternal II (A e B) deram a 5 questões de um questionário semiestruturado, através do qual foi possível avançar no sentido de compreender que, assim como a professora adulta impacta na brincadeira das crianças, estas também afetam as concepções de brincadeira das professoras. Como as respostas das colegas professoras apontaram muitos aspectos interessantes nas suas relações com as brincadeiras, depois, decidi fazer uma entrevista com cada uma das docentes, uma conversa com a intenção de explorar um pouco mais as ideias das professoras acerca da brincadeira.

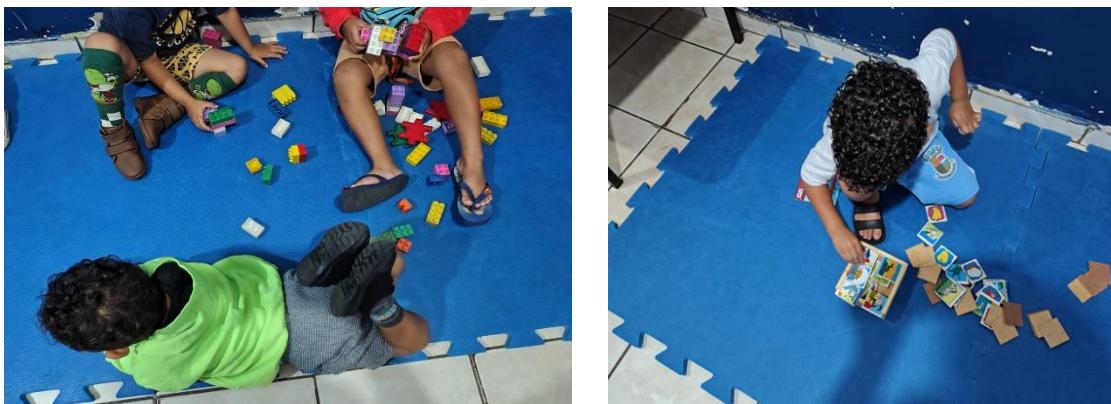
As atividades lúdicas e o aprendizado das crianças por meio do PPP são discutidos no CMEI – Vó Tuta Pereira durante o ano. A professora deve seguir seus planos por meio dos eixos temáticos. Para que seus planos não se equivoquem, ela precisa seguir o sistema, estudar o PPP e atentar às observações que ele traz: orientações de como organizar ações no parquinho e pátio; para que as crianças possam correr, pular e descer nos brinquedos de plástico, brincar com a bola, etc. O tempo dedicado às minhas observações permitiu questionar a interação das crianças com os regramentos e suas construções e o que representava para cada uma delas. A intenção através desse relato foi registrar e refletir sobre como a brincadeira acontece nas dinâmicas da creche.

A primeira coisa interessante que percebi foi que, já na acolhida de muitas salas, as professoras preparam 2 a 3 cantinhos de brincadeira para receber as crianças, contendo quebra-cabeças, jogos de encaixe, peças de lego, rolinho de papel higiênico, garrafa pet, massinha de modelar, jogo da memória, peças de madeira, entre outros brinquedos. As crianças chegam e escolhem o local onde querem brincar. As professoras não direcionam nenhuma criança, elas escolhem livremente onde querem brincar. Quando a brincadeira se esgota naquele local, mudam para outro. Há

momentos em que a criança começa a chorar porque seu colega pegou seu brinquedo, mas logo pega outro e começa a sorrir novamente. É muito gratificante observar como as crianças se sentem felizes fazendo o que gostam.

Durante as brincadeiras, as crianças demonstram o que já compreendem sobre o mundo. Jogos são atividades recreativas, que podem ser usados como recursos pedagógicos, já que permitem acompanhar as crianças, suas emoções, a criatividade, seu desempenho físico-motor, etc. Para mim, observar os detalhes, as expressões e as sutilezas no comportamento das crianças, que semanalmente ampliavam seu repertório de descobertas, foi uma experiência muito rica.

Figura 13 - Crianças brincando no momento da acolhida



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

Quando comecei a pesquisa, houve algumas mudanças no CMEI; agora, todas as segundas-feiras, as crianças de todas as turmas se envolvem em uma atividade de movimento no pátio. A coordenadora do CMEI, com o auxílio de três colaboradores, organiza a brincadeira musical no pátio, incentivando gestos e movimentos junto com as crianças. Nesse momento, as professoras costumam trocar de locais, sempre envolvendo as crianças, que se divertem dançando umas com as outras. Ao longo da pesquisa, notei como as crianças têm prazer em imitar os gestos das professoras, enquanto as que não conseguem tentam reproduzir alguns passos. Nesse dia que vou relatar, a atividade foi organizada pela coordenadora, uma professora de inclusão e a secretária, que se vestiram e às crianças de indígenas. Uma outra professora de inclusão se vestiu de jacaré. O estribilho da música sempre retornava ao indiozinho e ao jacaré, que as assustava quando se aproximava e fazia elas rirem quando se afastava.

Nessa observação, era visível a alegria e a importância de permitir que as crianças brinquem com as músicas, movimentem seus corpos. Estudos como os realizados por Costa (2009) e Lemos (2008) indicam que as crianças não brincam mais como faziam quando a maioria das brincadeiras ocorriam ao ar livre, na rua. Atualmente, as crianças passam mais tempo em suas casas ou nos condomínios onde residem, brincando de formas distintas, mais tecnológicas ou através de novas interpretações das brincadeiras antigas.

Figura 14 - Atividade de movimento no pátio: indígenas e jacarés



Fonte: Foto tirada pela autora.

Em outro desses dias, a aula de movimento foi realizada por mim, pela professora Luseny – Maternal 1 “A” e a professora Glória – Maternal “1” B incluindo crianças de várias idades. As crianças foram reunidas para realizarem brincadeiras com argolas, conforme lemos nos relatos do Diário de Campo:

Brincadeira do bambolê com bolinhas no pátio

As docentes posicionaram dois bambolês no solo com bolas coloridas dentro, delimitaram um espaço e posicionaram as cartelas de ovos. O jogo começará da seguinte maneira: A dupla que somar mais pontos será a vencedora. Na sequência dessa aula, eu realizei outra atividade lúdica com três bambolês no chão repletos de bolas. As crianças pegavam a bola e precisavam pular no bambolê à frente, enquanto outra criança repetia o processo, mas essa não havia sido a vencedora. Envolver meninos e meninas em oposição. Realizar o percurso até carregar todas as bolas, terminando com o último bambolê. (Diário de Campo).

Figura 15 - Brincadeira do bambolê com bolinhas no pátio



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

Brincadeira circuito dos cones com bambolê:

As professoras iniciaram com uma roda de conversa, onde as crianças foram apresentadas aos cones e bambolê, explicando a importância da movimentação e como os objetos seriam utilizados nas brincadeiras. Após a introdução, as crianças foram divididas em grupos pequenos, promovendo a interação e o trabalho em equipe. A professora demonstrou como fazer para pegar uma bolinha no cone, passar para outro lado e pular dentro dos bambolês com os dois pés [...]. Em seguida, a professora começou o aquecimento e as crianças exploraram o espaço correndo, pulando e movimentando os braços de acordo com suas próprias vontades. Começou a brincadeira as crianças [...] começaram a competir entre si, [...], falando: “vamos ver quem faz mais rápido”. O que perdeu começou a ficar nervoso [...]. A professora vendo aquela situação chamou as duas crianças e conversou e explicou que era somente um jogo. (Diário de campo).

Figura 16 - Brincadeira circuito dos cones com bambolê



Fonte: Foto tirada pela autora.

Segundo Freire (1996), o jogo cooperativo vai além da mera competição e se apresenta como uma chance de estabelecer relações mais equitativas e solidárias. Freire ressalta a relevância de práticas educativas que incentivem a cooperação, sustentando que a educação autêntica é a prática da liberdade, que só se consolida através da autonomia e só se desenvolve na responsabilidade. Neste cenário, ele se apresenta como uma ferramenta para fortalecer a criança, criando um ambiente que fomenta a independência e a responsabilidade compartilhada.

Portanto, o termo lúdico tem um significado de prazer, ausência de tensão e conflito; está associado à criatividade, à arte, à poesia, à construção e desconstrução da realidade; é um espaço-tempo marcado pela imaginação, inventividade, fantasia, desejo e está principalmente associado ao conceito de jogo. De acordo com Brougère (1998), o conceito de jogo é usado e entendido na falta de uma definição precisa: jogo é o que a linguagem científica chama de "atividade lúdica". Esse escritor sustenta que "o conceito de jogo, como um conjunto de linguagens, opera em um contexto social;

o uso do termo jogo deve ser visto como um fato social: essa designação faz referência à imagem do jogo presente na sociedade onde é aplicado e utilizado". (Brougère, 1998, p. 16).

Vemos que as crianças se divertem muito com as brincadeiras, aprendem a respeitar as regras, o espaço e esperar a sua vez. Notei que, inicialmente, as professoras promoveram uma competição, mas posteriormente mudaram para uma brincadeira sem competição, mostrando que o jogo pode ser divertido e prazeroso.

A EI, ao oferecer um espaço onde as crianças podem vivenciar suas infâncias, interagir, brincar e ser ouvidas, pode ser um local agradável, satisfatório e, acima de tudo, um espaço de direito para elas, suas famílias e professores/as. A EI pode incentivar a vivência de experiências relevantes, estimulando a interação e a troca de significados (Souza; Ferreira, 2013). A professora Dina faz referência a isso nas respostas do seu questionário quando diz: "A criança precisa brincar, criar e se divertir, sempre estimulando a imaginação. A creche é importante pois possibilita às crianças aprenderem brincando. (Entrevista com professora Dina, 04 de setembro de 2024).

Como vimos, Lydia Hortélio enfatiza muito o papel do professor adulto no processo de jogar. É o professor quem cria ambiente que favorece o brincar, quem fornece os materiais e recursos necessários e quem apoia e orienta as crianças durante o processo de brincar.

Observando a aula da professora Dina (Maternal II A) com a música "Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar", percebemos que ela comprehende essa necessidade. Ela fez um círculo com as crianças, um barquinho de dobradura e fichas com o nome das crianças. Assim que era cantada a música, era pronunciado o nome de uma criança e ela pegava a ficha com seu nome para colocar dentro do barco, falando alto seu nome. Após a brincadeira, a professora fixou o barquinho no mural da sala para dar continuidade na aula do dia seguinte.

As crianças e as letras

As crianças participaram ativamente da aula por meio da música. Identificando seu nome, provocando curiosidade na escrita e no traçado das letras. A felicidade das crianças quando a professora cantava seu nome, elas ficavam tão contentes que corriam para pegá-lo e voltavam tão animadas que era agradável observar. (Diário de Campo).

Refletindo sobre as ações dessa professora, eu avaliei as técnicas para as crianças movimentarem-se no espaço (pular, saltar, dançar), integrando ações e seguindo diretrizes. Houve um cuidado de desenvolver progressivamente a

capacidade de movimento e autonomia dos corpos das crianças. E essa intenção é perceptível nas outras três sequências com a mesma professora:

Sequência 1:

A professora convida as crianças para o pátio para brincar de jogar bola. Ela joga várias bolas no pátio, algumas crianças começam a jogar a bola sozinhas, outras em duplas, duas correndo atrás da mesma bola e se divertem [...]. De repente, uma das crianças cai e começa a chorar. A professora vai até ela e a leva para a secretaria para que a diretora pudesse ver. As outras crianças continuam jogando [...]. Após algum tempo, a criança que se feriu retorna e continua a brincadeira como se nada tivesse acontecido. (Diário de campo).

Sequência 2:

Ao ver as crianças brincando no chão com um brinquedo, a professora se levanta e se ausenta por um momento. Ao retornar, é possível notar que ela trouxe um pouco de areia para que as crianças pudessem se entreter. Próximo ao CMEI, existe uma obra com montes de areia. A professora dirigiu-se ao local, coletou um pouco de areia, umedecida com água, convoca as crianças para brincar e possibilita que elas se divirtam com a areia. Certamente, as crianças ficaram encantadas. Naquele instante, as crianças se dedicaram às suas atividades lúdicas, algumas delas incluíam água e terra, enquanto outras enchiam a cabeça de areia. Foi uma aula prazerosa para todos. Uma criança disse que sua mãe ia ficar chateada com ela. A professora a olhou e disse que iria conversar com a mãe, explicando que a atividade de hoje seria brincar com areia. Foi extremamente gratificante ver aquelas crianças se divertindo à sua própria maneira. O mais relevante é que a professora não fez nenhuma observação sobre a sujeira na sala; ao perceber a alegria das crianças brincando, ela sentiu ainda mais orgulho. Após as crianças concluírem suas brincadeiras, as professoras proporcionaram banho e trocaram suas vestimentas. Enquanto isso, uma das professoras organizava a sala, de modo que, quando as crianças retornassem, o ambiente estivesse adequadamente limpo. (Diário de campo).

Sequência 3:

Nesta tarefa, a professora posicionou uma caixa de sapato vazia sobre a mesa e solicitou que as crianças a abrissem e examinassem seu interior. Entretanto, os pequenos não conseguem manter sigilo. Uma criança sussurrava para a outra e dizia que a caixa estava vazia. A professora, ao observar essa situação, [...] comenta: pessoal, imaginar o que há dentro é apenas uma brincadeira. Uma criança já imaginou e disse: "eu vi um cavalo". Outra criança acrescenta: "eu vi uma boneca e ela era uma princesa". Foi extremamente comovente observar as crianças discutindo sobre o que presenciaram. Enquanto observavam, dentro da caixa, começaram a rir. (Diário de campo).

Nas atividades conduzidas pela professora Dina a cada dia, cada proposta tinha um objetivo distinto, porém todas se alinhavam ao foco principal: os jogos e a diversão das crianças. O primeiro jogo, que envolvia uma bola, permitia que as crianças brincassem livremente no pátio, interagindo apenas com as bolas e com seus colegas, enquanto as professoras observavam o desenrolar da situação. Na segunda, onde as crianças puderam experimentar a textura da terra e da água, foi decidido não impor regras sobre como deveriam brincar. Mesmo assim, as crianças se divertiram

do seu próprio jeito, o que foi muito positivo, pois foi possível observar o quanto elas gostaram da experiência.

É importante mencionar que havia sempre uma criança que expressava preocupação, dizendo que sua mãe poderia ficar brava por ela ter se sujado. Essa situação – comum nas relações entre as famílias e a escola – pode e deve ser abordada com mais clareza pelo CMEI, pois não há como a criança acessar os campos de experiência da vida sem misturar-se com o mundo, explorando materiais, espaços, a natureza e as relações, o que inevitavelmente envolve o corpo, o movimento e, muitas vezes, sujeira. Tal situação foi referida pelas professoras no Questionário e retomada nas entrevistas. Na terceira atividade, as crianças estavam se divertindo com uma caixa de sapato. Elas conseguiam adivinhar o que havia dentro dela, sentindo as emoções e a felicidade que permeavam aquele momento. Para as professoras, tudo aquilo era bastante gratificante, e nada no mundo poderia substituir a alegria que isso lhes proporcionava.

Na próxima observação, organizada pela professora Mariléia, notei como a criança e a professora estavam muito contentes em realizar essa brincadeira. Não houve o "não, você vai sujar", "para com isso, você vai sujar sua roupa", ela simplesmente deixou as crianças se divertirem. As risadas eram tão contagiantes que dava gosto de assistir. Essa professora – que é apoio na minha sala – aprecia muito ver as crianças se divertindo. É muito gratificante observar crianças brincando do que gostam.

A professora preparou um prato colocou as tintas para que as crianças pudessem brincar com a mistura. Cada criança recebeu um prato com tintas, para poder brincar [...] brincar com as tintas. Uma menina pediu para a professora que colocasse vermelho e branco, resultando virou rosa. As crianças adoraram essa brincadeira. A professora não se preocupou com a sujeira na mesa, nem as crianças. Só o prazer de ficar vendo as crianças se divertindo foi o que importou para ela. (Diário de campo).

A partir de agora, vou comentar algumas observações realizadas especificamente com a turma do Maternal II B, que tem 12 (doze) crianças em sala, todos com 3 anos e 11 meses. A instituição deu início ao projeto "Alimentação, higiene e saúde", e nessa semana as crianças foram para o pátio para realizar uma brincadeira de identificarem vendadas as frutas pelo paladar e o tato. Se as crianças não conseguissem identificar usando as mãos, a professora colocava um pedaço da fruta na boca e assim as crianças identificavam qual era.

Figura 17 - Vendadas, as crianças identificam as frutas pelo tato e paladar



Fonte: Foto tirada pela autora.

Alimentação, higiene e saúde:

as crianças estavam muito curiosas para descobrir [...]. Elas começaram a dizer: "estou com medo professora", mesmo ela esclarecendo que não é necessário ter medo e que podem até se alimentar. Nesse instante, as crianças começaram a sorrir e dedicaram-se ao máximo para a resposta correta. A professora convidou Manuela para participar da brincadeira, mas ela não quis participar. A professora [...] disse; "tudo bem". [...] a professora entendeu que, por ser uma criança autista, para evitar que ela se irritasse e começasse a chorar, ela optou de não forçar a criança na brincadeira. No entanto, mesmo sem Manuela participar, a professora foi até ela, pegou a maçã que a criança adora comer, colocou nas suas mãos perguntou que fruta era e Manuela, com um sorriso, respondeu: "maçã". (Diário de campo).

Após a diversão no pátio, as crianças retornaram à sala com as professoras e continuaram o jogo "QUE FRUTA É ESSA?":

Que fruta é essa?:

A professora colocava um pedacinho de fruta na boca de uma criança que estava com os olhos fechados e ela adivinhava. [...] As outras crianças começavam a rir e queriam dizer o nome. [...] a professora falou quem falasse não ia participar, então ninguém falou ficou só conversando entre si. [...] a professora perguntou se gostaram da fruta, uma criança respondeu: "eu não gosto de maçã, eu gosto de mexerica". A professora colocou na sua boca um pedaço de mexerica, e perguntou para ele se tinha gostado. Ele respondeu: "eu amei". (Diário de Campo).

Nas observações, fui tomando consciência de como as crianças desfrutam do brincar, mesmo quando a professora pede para guardar os brinquedos. Embora isso aconteça, elas continuam brincando e expressando suas emoções individualmente ou em grupo. Isso ocorreu na Brincadeira "Dança das cadeiras":

A dança das cadeiras:

as professoras chamaram as crianças para a brincadeira da dança das cadeiras. As crianças colocaram com ajuda das professoras algumas cadeiras no meio da sala e, sem a professora explicar comeria a brincadeira,

e o comando e sem música, já iniciaram a brincadeira. Elas mesmas cantavam a música e, quando paravam de cantar as crianças sentavam. As professoras [...] não interferiram ficou só observando como acabaria. [...] Um menino ficou muito bravo quando não conseguiu sentar e [...] a professora já está indo para conversar [...] e viu que veio uma coleguinha que era responsável pela brincadeira conversar com ele, explicando que era só uma brincadeira. Nesse momento, ele pegou sua cadeira e saiu [...] como as crianças estavam achado muito bom, começaram dar risada uns dos outros e, depois que terminou, [...] bateram palma e começaram abraçar coletivamente. Depois cada criança guardou sua cadeira. (Diário de campo).

E na experiência de fazer de conta:

Um menino brincando:

um menino guardando os brinquedos me chamou a atenção. Enquanto guardava o brinquedo, ele começou a brincar com o próprio brinquedo que estava guardando. Pegou uma peça e a transformou em um avião, abrindo o abraço e voando como se também fosse um avião. [...] Cada vez que ele pegava uma peça para guardar ela virava algo em sua mão. [...] ele se deitou no chão, andou como um jacaré, colocou as peças nas costas, foi até a caixa e retornou. Então, começou a rastejar no chão. [...] Ele falou: "Eu sou a cobra, você precisa fugir de mim". Quando alguém se aproximava da sua pecinha, ele se irritava e começava a chorar. Então, a professora pediu que as outras crianças não pegassem as suas peças, deixassem que ele mesmo guardasse. Ele olhou para a professora, agradeceu com um sorriso e, quando estava terminando de guardar, parou diante da sua pecinha, olhando com um triste, colocou a pecinha no pé e começou a andar. Fiquei curiosa e perguntei, o que era aquela pecinha no seu pé. Com um sorriso, ele me respondeu: "meu chinelo". E perguntou: "meu chinelo é bonito?" "Maravilhoso e lindo", respondi. Então ele levou a pecinha até a caixa e guardou com um sorriso no rosto. (Diário de Campo).

O que mais me tocou foi, ao final, ele me perguntar se eu havia gostado de seu chinelo, mesmo ele sabendo que estava apenas imaginando. Apesar disso, apreciou minha resposta, pois logo sorriu com cumplicidade. Pude observar tanto na sala de aula quanto fora da sala os jogos simbólicos, os jogos de regras e a interação. Como já havíamos mencionado em minha fundamentação teórica, os jogos simbólicos representam objetos ausentes, é um ato de faz de conta, e os jogos de regras dependem de um campo e de jogadores, na qual conferem maior objetividade. Verificamos que todas as atividades envolveram a interação entre as crianças e a professora.

Nas salas do CEMEI, existe um espaço dedicado à história, que é fixo. Este espaço não pode ser removido, sendo fixado na parede. Existem salas que o Cantinho da Leitura é feito de T.N.T, outras de madeira, e também aquelas que são feitas com caixas de livros. Cada docente elaborou esse espaço conforme suas necessidades. No Maternal II B, utilizamos T.N.T e uma caixa de livros. Devido ao tamanho reduzido

das salas, a coordenadora e a diretora do CMEI decidiram solicitar a cada professora que usasse um canto da sala para este fim.

Figura 18 - Cantinho de leitura do Maternal II B



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

Algumas crianças foram chamadas para brincar de amarelinha. As crianças se deslocaram e se direcionaram até onde as professoras estavam, para se juntarem à brincadeira de amarelinha com outras crianças. A amarelinha pode ser vista tanto como um jogo quanto como um passatempo. Nesse dia era um planejamento da aula da professora. Quando as crianças pulam livremente, sem a intenção de competir, isso é considerado uma brincadeira. Contudo, se houver competição entre os envolvidos, a situação se torna um jogo.

O jogo da amarelinha:

A professora elucidou o jogo da amarelinha, tomando emprestado um chinelo de uma criança e explicando para as crianças como funciona. O jogo consiste em jogar o chinelo no número um, primeiro pular de um pé, depois de dois pés, e assim sucessivamente. Ela convidou algumas crianças para brincar, mas elas não conseguiram imitar a professora. A professora, ao observar tais situações, permitiu que as crianças brincassem como quisessem, sem estabelecer regras para o jogo. Deixando sua aula de lado, sem nem hesitar. Assim, as crianças começaram a pular com os dois pés, depois com um pé, foi muito divertido assistir as crianças se divertindo. Em uma jogada, uma menina seguiu as instruções da professora, e as crianças soltavam uma risada gostosa que eram deliciosas de se ouvir. Cada instante de diversão era perceptível no rosto de cada criança, que não queria parar. Depois de algum tempo que as crianças brincavam, a professora se virou para elas e disse: "agora vamos lavar as mãos para podermos almoçar". Um menino virou-se para a professora e disse: "não estou com fome, posso continuar brincando". Ela respondeu: temos que almoçar. Depois, como você vai jogar, com a barriga vazia, como conseguirá se manter de pé? (Diário de campo).

Eu notei que nessa aula a brincadeira teve regra e diversão, primeiro a professora falou sobre como o jogo ia acontecer com regras, depois ela entendeu que seguir a regra não estava dando certo e deixou as crianças brincarem de sua maneira. Moyles (2006) destaca a questão levantada por alguns autores sobre como a criança comprehende o mundo por meio do “brincar livre” criativo e das atividades de brincadeira orientadas por adultos. As situações engraçadas que os adultos criam aumentam a comprehensão da criança, e os professores obtêm informações importantes sobre o raciocínio infantil ao observar como ela aproveita as oportunidades oferecidas.

Jogar inteiramente sob a orientação das crianças pode oferecer percepções ainda mais valiosas, uma vez que elas já têm certas comprehensões que compartilham com os adultos e brincam para alcançar seus próprios objetivos. A prática de brincar, que faz parte da rotina das escolas, oferece às crianças a liberdade e a segurança essenciais para que possam expressar sua criatividade. Além disso, essa atividade possibilita que os professores observem como os alunos formam suas próprias interpretações das experiências que vivenciam. A observação torna-se praticamente inviável se os adultos necessitarem intervir a todo momento para prevenir danos, e é improvável que as crianças se envolvam em brincadeiras imaginativas por um determinado tempo se o ambiente for inseguro e desconfortável. É fundamental a introdução progressiva de normas que promovam o respeito e a comprehensão mútua entre crianças e adultos, assim como entre as próprias crianças.

A brincadeira, nas mãos dos pequenos, faz coisas incríveis surgirem, como uma simples pedrinha que se transforma em algo inimaginável. Enquanto as professoras realizam atividades lúdicas, como brincadeiras, jogos e a exploração de brinquedos, é possível perceber a mágica que uma simples brincadeira pode ter na vida das crianças. Essas atividades, sejam orientadas ou livres, por darem acesso à imaginação, proporcionam imensa alegria para os pequenos.

As mímicas:

Uma das professoras queria ministrar sua atividade lúdica [...] esclareceu que era uma atividade de mímica. Depois da explicação, ela apresentou diversas imagens de ilustrações, objetos, animais e emojis (triste, feliz, sorridente, chorando etc.) dispostos na mesinha. As crianças escolhiam as imagens e iniciaram a brincadeira. Um fez imitação de um cachorro, outro agarrou a bola e começou a rolar, mais um fez o papel de um bebê e passou a chorar, e assim por diante. Foi bastante divertido observar as crianças rindo de um de seus colegas, mas quando chegava a vez dele, elas exibiam expressões de raiva. Contudo, quando passava sua vez, eles retomavam da risada. (Diário de Campo).

Este encontro foi extremamente divertido para os pequenos, pois, mesmo depois que a atividade acabou, que era a aula da professora, eles seguiram replicando os animais que observaram. Eles se arrastaram pelo chão como serpentes, caminharam como tartarugas e brincaram como cães, tudo isso após o final da atividade. E persistiram na brincadeira, mesmo sem imagens, apenas rindo, chorando, tristes e soltando risadas. Depois de muito tempo, a professora disse que era hora de sentar em seus lugares para assistir à televisão e colocou a música do boi. As crianças conheciam e gostava muito dessa melodia, mas ainda assim havia alguns que continuavam a imitar os animais. As crianças têm o direito de brincar, expressar suas opiniões e se divertir através da brincadeira.

Huizinga (2010) aponta que as características fundamentais do jogo são seu encanto, a sua intensidade e sua paixão. À primeira vista, o jogo parece um item consumível, mas quando o prazer que evoca cria uma paixão, torna-se uma extrema alegria. O jogo em si se constitui em essência pela tensão, pela alegria, pela paixão e pelo divertimento:

Um menino sozinho:

me chamou atenção no cantinho da sala com seu brinquedo. Sozinho [...] estava batendo o maior papo, estava rindo, tinha hora que ficava bravo e muito nevoso. Num momento [...] ele largou o brinquedo [...] e começou a brincar com o som da boca, primeiro som de um carro, segundo som de moto, terceiro som de avião. Depois repetia o primeiro, o segundo e o terceiro, e ficou muito tempo brincando assim. [...] começou a fazer gestos e mexer a boca, como se tivesse alguém conversando com ele, como se fosse uma amigo imaginário, porque tinha momento de ficar irritado e outros de começar a rir. Chequei até nele e perguntei: "por que não está brincando com seu coleguinha?". Ele me respondeu: "Porque hoje quero brincar com o Lucas. (Diário de Campo).

Nesse dia percebi que mesmo sozinhas as crianças podem brincar do seu jeito e maneira. A importância de promover a brincadeira de faz de conta é ampla, pois as crianças desempenham diferentes papéis em várias situações, através da imaginação. Nesse sentido, a menina se torna mãe, professora, médica e acaba criando certas regras para suas brincadeiras, em cada momento do jogo. Isto significa que os personagens das crianças raramente se repetem do mesmo modo como o menino guardando as peças de brinquedo na caixa

Mais duas situações de meu Diário de Campo comprovam essa percepção, além de demonstrarem que as crianças podem criar suas próprias regras enquanto estão jogando ou brincando:

Pedra, papel, rosquinha:

A gente observava as crianças sentadas na mesinha e, de repente, surgiu a brincadeira “Pedra papel e rosquinha”. Ficamos curiosas para saber e perguntamos: “Não é pedra papel e tesoura”? Uma criança respondeu: “Nós mudamos a brincadeira, agora é ‘Pedra, papel e rosquinha’.” [...] começaram a brincadeira, uma menina colocou pedra e a outra colocou papel, dizendo; “Ganhei porque papel enrola a rosquinha”. Elas riram com alegria, sem se importarem com a regra ou com quem estava ganhando o jogo [...] o prazer das duas era a brincadeira. (Diário de Campo).

Portanto, comprehendi que uma proposta de brincadeira não precisa ser rígida, a professora pode propor brincadeiras deixando as crianças brincarem livremente daquilo que elas gostam, vivenciando a tensão, o prazer e alegria no brincar. A brincadeira livre, sem regras, sem orientações de adultos, também traz às crianças experiências ricas e prazerosas que contribuem para o seu envolvimento em todos os aspectos. Se você pensar, isso acontece quando uma criança dá asas à imaginação e pega os chinelos e começa a brincar, correndo de um lado para o outro. Nesse momento ela sente algo prazeroso:

A ligação telefônica:

As crianças brincavam e, de repente, um menino começou a brincar com seu chinelo, colocava na orelha como se fosse um celular, falando com alguém que estava do outro lado. Tinha momentos em que ele dava risada, falava para a pessoa que ia demorar para chegar em casa porque estava na rua fazendo compra, comprando um carrinho para ele. No momento em que a professora falou: “Vamos fazer uma atividade”, então a criança, disse para a pessoa do outro lado da linha que tinha que desligar o telefone, porque estava ocupado e não podia conversar. E avisou que quando chegasse em casa conversava mais. (Diário de Campo).

Na minha pesquisa, observei coisas incríveis com as crianças brincando. É notável como objetos pequenos podem se transformar em coisas gigantescas para brincar. Compreendi o que Lydia Hortélio (2008) diz que as crianças conseguem enxergar coisas que os adultos não veem mais, como por exemplo, quando uma criança está andando na rua e vê uma folha bem pequena em um galho que nós adultos não conseguimos enxergar. Eu acho que talvez seja por isso que a música como movimento atravessa tão de perto este período da vida. “Cantar, criar uma magia profunda, imortalizando a geometria sonora que constrói uma determinada história, que constrói a narrativa particular: crianças não brincam para aprender, crianças brincam para serem felizes” (Hortélio, 2008, [s/p]).

Em relação ao jogo e à brincadeira, Marina Marcondes (2004) convida o leitor, na obra *A poética do brincar*, para desfrutar do jogo de linguagem, que ela compara a uma brincadeira de esconde-esconde e a uma bola redonda que pode voltar para sua

mão, aquela que faz a criança sentir prazer na hora que está brincando. A autora reafirma o fato de que brincar não é apenas uma atividade sem impactos para a criança. Durante o brincar, ela se diverte, ao mesmo tempo em que reinterpreta e observa o ambiente que a cerca, formando conexões com ele. Ou seja, é muito relevante organizar os tempo e os espaços para a brincadeira e garantir que esse espaço seja pleno. Percebi, durante o estudo que realizava e as reflexões práticas que fazia, que a questão do espaço disponível na CMEI não é o ideal na creche:

Esconde-esconde:

Observando as crianças brincar na sala, de repente vi uma criança convidar as outras para brincar de esconde. Fiquei atenta e pensei comigo mesma: "Como será que essas crianças vão brincar dentro dessa sala, sem espaço?" Uma criança colocou a cabeça na parede para fechar o olho, começou a contar de 1 a 10, do seu jeito, as outras crianças se esconderam: algumas debaixo da mesa, outras atrás das mochilas, duas crianças atrás das professoras que estavam sentadas observando as crianças brincarem e de que jeito se escondiam. [...] as crianças continuavam "escondidas", enquanto a outra que procurava caminhava de boa. E aquele que estava escondido, não ficava quieto, começava a conversar [...] quando a criança que estava procurando se aproximava, ele saía correndo gritando, dando risada [...] muito interessante numa sala pequena as crianças não deixam de ser divertir. (Diário de Campo).

Fiquei muito surpreendida porque mesmo a sala não tendo espaço, nem lugares onde se esconder, as crianças brincaram felizes, animadas, sorridentes que dava gosto de ser ver. Brincar, criar e inventar são experiências muito valiosas para o envolvimento das crianças, considerando seus aspectos emocionais, físicos, mentais e sociais, sendo importante proporcionar-lhe condições para a brincadeira. Como resultado, a criança que brinca fica mais segura e feliz.

A ludicidade é uma dimensão da experiência infantil vivenciada pelos pequenos em momentos que experimentam atividades prazerosas, espontâneas e significativas, por meio das quais expressam sentimentos, constroem relações sociais, desenvolvem a imaginação e elaboram conhecimentos sobre si, o outro e o mundo. Isto pode ocorrer na companhia de familiares, pais, professores, colegas ou outras crianças da mesma idade. Nesse contexto, a brincadeira na infância tem uma grande importância na educação, já que as crianças aprendem e descobrem o mundo por meio das interações que estabelecem.

Podemos associar o jogo, então, ao prazer das crianças, pois não se trata de um divertimento qualquer. O divertimento decorrente do jogo contém satisfação autêntica, o humor que advém de um nível de entendimento que faz a criança rir genuinamente da criança. O conceito de jogo situa-se, portanto, no primeiro nível de

oposição ao conceito de seriedade, e é compreensível que seja frequentemente entendido em contraste com a noção mesma de trabalho. A seriedade tenta eliminar os jogos, no entanto, os jogos também incluem a seriedade.

Lydia Hortélio (2019) nos permite nos reconhecermos como seres lúdicos através dos jogos, expressar uma linguagem verdadeira e fazer dos jogos uma parte essencial da vida humana. A brincadeira existe em todos as fases da vida dos seres humanos. Quando brincamos na fase adulta, estamos despertando a nossa criança interior, mas também temos que romper alguns condicionamentos que adquirimos ao longo dos anos, de que o adulto só pode fazer coisa de gente grande.

Como a brincadeira é uma parte importante da infância, isso deve ser considerado na educação, não só como parte escrita nos documentos legais, mas como responsabilidade ética e política dos adultos, uma vez que observamos que, desde muito pequenos, as atividades lúdicas parecem aparecer de forma bastante espontânea. Elas se divertem utilizando as mãos, os pés e até os sons que conseguem emitir antes de começarem a falar. Divertem-se sem a necessidade de utensílios fabricados pelo ser humano. Ao chegar à creche, a criança pode encontrar um ambiente que possibilite explorar as potencialidades de sua idade e momento de crescimento. Através da brincadeira, a criança adquire conhecimento, evolui em diversos aspectos e aprimora habilidades e saberes que já possui. Brincar é uma experiência extraordinária para a infância.

Santos (2011) enfatiza o lúdico por seu caráter de jogo, atrelado também ao prazer e à diversão. O autor o evoca as ideias de Huizinga, chamando atenção para questões como a espontaneidade. O jogo, que é uma atividade livre, tem regras a serem respeitadas, que só tem um fim no próprio jogo, pois ele jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, pois ninguém consegue impô-lo. Por isso, sua importância não está somente no significado da palavra em seu sentido original, mas também no resultado da aprendizagem trazida por intermédio do jogo.

Portanto, é benéfico quando o professor estuda e passa a identificar as representações das crianças por meio dos brinquedos, sejam elas reais ou imaginárias, procurando explorar e interagir com elas, fomentando ainda mais a criatividade. O professor, a escola e a família podem tentar garantir à criança o direito fundamental da educação para o seu desenvolvimento humano, emocional e cognitivo. Partindo desse pressuposto, percebe-se quão importante a atividade lúdica

é, pois ela potencializa a interação entre as crianças e destas com os adultos e o mundo.

Também é importante dizer que a responsabilidade por proporcionar ambientes ricos em experiências nas creches envolve, para além do espaço físico da sala, a existência dos jogos ou dos materiais para sua construção, tanto quanto a ocupação de espaço para guarda-los. As professoras do CMEI buscam atualizarem-se, contudo, na instituição não há depósito para guardar materiais confeccionados e para dar continuidade nas aulas do dia a dia.

Essas dificuldades, encontradas na instituição que trabalho, não faz com que as crianças deixam de acessar o lúdico, até porque a criança tem criatividade e agilidade para lidar com fatores de seus interesses, enquanto elas criam. Contudo, a ludicidade significa uma experiência exigente, pois só quando estamos abertos a novas interpretações, interrupções e reconexões, podemos avançar no nosso próprio eu:

Ser brincante implica uma experiência de linguagem exigente e interpeladora, pois somente quando nós deixamos abrir a novas interpretações – rupturas e religações – podemos levar adiante o devir de nós mesmos. Esse é o jogo; a alegria da expansão do pensamento. Jogar e brincar com sentidos dizem respeito à força criativa e inventiva daquilo que se faz pelo próprio valor, por nenhuma razão ou prévia “já saber”, mas por estar onde se está – aqui e agora, ou seja, ao “não saber ainda”. Essa é a experiência, essa é a brincadeira. (Richter 2017, [s/p]).

3.1 O Brincar na creche e suas possíveis interpretações na percepção das professoras

Nessa seção, vamos conversar sobre as atividades lúdicas que ocorrem em diversas situações diárias na creche e examinar os possíveis entendimentos que as professoras têm sobre elas através de suas respostas a um questionário semiestruturado. Depois da observação e registro no Diário de Campo de diferentes situações de brincadeiras, a intenção foi – através do questionário – buscar indícios para compreender como ocorrem as brincadeiras e de que modo as professoras interpretam o seu significado, juntamente com a ideia do brincar livre, sempre tendo em vista as normas propostas pelos diferentes documentos legais.

Participaram da pesquisa, respondendo ao questionário, três docentes e uma coordenadora do CMEI – Vó Tuta Pereira, totalizando quatro envolvidas, todas do gênero feminino. Dentre as quatro docentes todas têm formação universitária e mais

de vinte anos de experiência no magistério. Além disso, como já foi mencionado, houve uma preferência por professoras efetivas e vinculadas ao Maternal II.

É essencial destacar que a busca por evolução profissional é um aspecto crucial para quem trabalha na educação, visto que tanto as instituições de ensino quanto os indivíduos envolvidos, especialmente as diretrizes educacionais, estão sempre em processo de mudança. Essa realidade exige que cada profissional busque constantemente a atualização de seus conhecimentos para enriquecer a sua prática pedagógica.

Os convites para a pesquisa foram feitos de forma presencial e com bastante antecedência. Todas as convidadas concordaram em participar, mesmo com a dificuldade de encontrar um tempo para preencher o questionário em meio à correria diária. Mesmo assim, se esforçaram e conseguiram dedicar um momento em suas agendas para isso. Após receber a resposta ao questionário, ainda decidi realizar uma conversa com cada uma das docentes. As entrevistas duraram entre 30 minutos e uma hora, sendo conduzidas por meio do questionário respondido anteriormente. Escolhemos a abordagem semiestruturada, pois esse tipo de entrevista possibilita que as participantes compartilhem suas opiniões de maneira livre, promovendo um diálogo contínuo entre a entrevistadora e a entrevistada, sem restrições às perguntas previamente definidas, bordando temas relacionados ao lúdico, aos jogos e às brincadeiras, permitindo que as professoras respondessem às perguntas com base em suas experiências cotidianas.

Neste ponto, iremos expor nossa leitura sobre os dados reunidos e as reflexões que as professoras participantes compartilharam nos questionários e durante as entrevistas, sempre considerando o referencial teórico que suporta o estudo. As suas narrativas nos levaram a ponderar sobre as transformações nas experiências da infância, fazendo uma comparação entre como vivenciaram essa etapa em suas vidas e como percebem a experiência infantil atualmente. As professoras ressaltam as transformações na ideia de criança e infância. Os depoimentos também mostraram suas opiniões sobre a creche, a relevância do planejamento do tempo e do espaço para as atividades lúdicas e de que maneira essa prática se expressa no dia a dia de suas instituições.

Examinei os significados e os limites entre o brincar espontâneo e o estruturado, bem como a influência da interação entre as famílias e as instituições nesse contexto. De modo geral, as respostas iniciais sobre o brincar já demonstram

que a espontaneidade marcou as experiências lúdicas das infâncias dessas professoras, o que podemos confirmar através de frases como: "Significa escalar árvores, significa nadar." "A fase da infância é dedicada ao brincar." "Brincar de pega-pega, brincar ao ar livre." "Caso você não brinque durante a infância, se não desfrutar dessas experiências nesse intervalo, é provável que nas fases subsequentes não se torne um adulto equilibrado." "Se você elimina essa etapa de sua vida, pode se transformar em uma pessoa que sofre de depressão, alguém que não vivenciou a imaginação." "É um período de exploração e criatividade." "Brincar é uma maneira de se comunicar." "Reconheço o quanto as crianças estão restritas e como é essencial oferecer a elas essa liberdade para que possam se expressar".

Para iniciar, vamos analisar as respostas à questão: **"Infância passada, infância atual? Fale um pouco da sua infância. Explique o que você pensa que mudou na infância atualmente"**. Esta indagação foi feita visando a recuperação de memórias de suas infâncias e as respostas nos indicaram que não existe uma única infância, mas várias infâncias que mudam conforme a sociedade em que estão situadas. Isso confirma, como vimos nos capítulos anteriores, que em todas as sociedades e em diversos momentos da história existe uma parte da estrutura social chamada infância, onde várias gerações de crianças estão presentes (Abramowicz, 2013, p. 63). A forma de brincar de ontem não é mais a principal atualmente; a sociedade está passando por transformações que se manifestam nas atividades de lazer:

Na minha infância, passei horas me divertindo ao ar livre, em meio à natureza. Brincava muito com meus colegas e meus irmãos de bola, e guardei muitas dessas memórias com carinho. Andávamos de bicicleta, banhávamo-nos no córrego e era muito bom. Fui uma criança muito feliz e com carinho e muito amada pelos meus pais. Brincava de amarelinha, pulava corda, jogava queimado, brincava de esconde-esconde e passava anel, entre outras atividades lúdicas. Hoje, muita coisa mudou. A realidade é outra e o mundo se transformou de formas profundas – as pessoas, a tecnologia, a educação, os valores, as crenças e a cultura. O tempo parece correr mais rápido, o estresse é uma constante, e as telas têm sido oferecidas às crianças cada vez mais cedo, algumas até mesmo na educação infantil. (Entrevista com professora Márcia, 04 de setembro de 2024)

A infância foi boa, brinquei muito com os colegas na rua de pique pega, pique esconde, joguei bete e várias brincadeiras de correr. Tomei muito banho no rio. Nunca gostei de brincar de boneca. (Entrevista com professora Dina, 04 de setembro de 2024).

Eu não tenho do que me queixar, tive uma infância maravilhosa. Cresci em uma casa grande, interagi com meus amigos e me diverti muito. Eu era muito quieta, não era de fazer bagunça, mas gostava bastante de brincar. Foi uma época muito agradável. Minha infância foi repleta de brincadeiras e amizades.

Foi muito agradável. (Entrevista com a coordenadora Sara, 13 de novembro de 2024).

Pelas respostas, confirmamos a percepção de que, antigamente, as atividades lúdicas que envolviam a interação com ADULTOS e brinquedos confeccionados pelas próprias crianças pareciam ser muito importantes. O aspecto social, além de afetar como as crianças se divertem, pode ser percebido nas falas das participantes da pesquisa. Huizinga (2010) reflete que as crianças do passado desfrutavam de maior liberdade para brincar e descobrir o que havia à sua volta. Elas não eram tão limitadas pelas normas e regras do mundo dos adultos, o que lhes permitia se expressar de maneira mais solta e criativa. As brincadeiras das crianças de tempos passados eram mais simples, baseadas em materiais encontrados na natureza, como pedras, paus e cordas. Essas brincadeiras focavam mais na imaginação e criatividade do que em regras e objetivos específicos.

Relacionando as respostas das professoras aos pressupostos de Lydia Hortélio (2020) e Piorski (2016), a infância de ontem era mais ligada à natureza e às brincadeiras tradicionais, enquanto a infância de hoje é mais influenciada pela tecnologia. Ambos defendem que a cultura infantil é rica e diversa, e que as crianças têm muito a ensinar aos adultos sobre a criatividade, a imaginação e a alegria de viver se usufruírem de espaços para brincar e se expressar de forma livre e criativa.

A professora Márcia foi a que maior referência fez à natureza. Ela lembrou que, quando era criança, existia a oportunidade de se divertir ao ar livre, criando jogos e brinquedos em conjunto, em contato com a natureza, além de participar de atividades coletivas com um ritmo menos apressado. Ao comparar com as infâncias de hoje, ela ressalta como a tecnologia influencia as formas de construir relações e interações. Em síntese do que foi exposto pela professora, ela observa que as crianças do passado desfrutavam de mais autonomia para brincar e descobrir o mundo, enquanto as crianças atuais estão mais sujeitas às influências da cultura adulta e às tecnologias contemporâneas. Isso pode resultar em uma diminuição da liberdade e da criatividade nas brincadeiras:

Hoje em dia as crianças brincam com brinquedos prontos de plástico, jogos, e até mesmo ficam no celular brincando no tablet, blocos de madeira, pecinhas, e os brinquedos já vem prontos das indústrias, então a gente vivencia uma infância onde as crianças passam o tempo mais em frente às telas. (Entrevista com professora Márcia, 04 de setembro de 2024).

Hoje as crianças têm brinquedos supermodernos e preferem telas do celular e do computador. São manipuladas por máquinas. (Entrevista com professora Dina, 04 de setembro de 2024).

Na creche, não permitimos a entrada de aparelhos eletrônicos, como celulares, tablets ou computadores, proporcionando uma infância autêntica e completa. No entanto, notamos que fora da escola, as crianças têm uma dependência significativa de telas, seja em jogos, brincadeiras ou assistir vídeos. Isso teve um impacto significativo na pandemia, onde identificamos que os pais precisavam trabalhar e as crianças pequenas sentiram isso intensamente. Isso ocorreu porque os pais precisavam se concentrar no trabalho e a energia da criança, necessitando de atenção, acabou indo para a tela. Então, estamos fazendo um trabalho inverso. Sempre voltamos à orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria sobre o tempo de tela adequado para cada faixa etária. (Entrevista com a coordenadora Sara, 13 de novembro de 2024).

A infância está diretamente relacionada com o momento histórico no qual está inserida. Assim, aparece na fala das professoras a consideração de que temos no cotidiano das crianças, atualmente pós pandemia, o aumento do uso de telas e lugares mais fechados, refletindo na forma como elas brincam e interagem. Há famílias que não voltaram totalmente à rotina que existia antes da pandemia, considerando que alguns integrantes permanecem trabalhando em home office e com a criança em casa (Frizzo, 2022).

Em relação à questão: “**Como você vê a concepção de criança na Creche?**”, as professoras Márcia e Sara disseram:

Acredito que o que realmente se transforma não é a atividade lúdica, mas a forma como percebemos as crianças. Atualmente, tenho a convicção de que as crianças são resilientes, e creio que não sou a única, pois a sociedade também compartilha essa visão. É nessa criança resiliente que a brincadeira se torna significativa. Por isso, estou convencido de que as dinâmicas de brincar não mudaram significativamente, mas minha percepção sobre o ato de brincar se alterou. No passado, eu pensava que ensinávamos as crianças a se divertir. Hoje, entendo que é a criança que adquire conhecimentos por meio de jogos e brincadeiras. Hoje, continuo pensando que a natureza da brincadeira não se alterou. (Márcia 04 de setembro de 2024).

Acredito que o que muda não é a brincadeira, mas a visão que temos das crianças. Hoje em dia, eu acredito na criança forte, e acredito que não apenas eu, mas a sociedade também tem essa visão. É nessa criança forte que o brincar é relevante. Portanto, acredito que o brincar não sofreu grandes alterações, mas a minha visão sobre a brincadeira mudou. Antigamente, eu acreditava que ensinávamos as crianças a brincar. Hoje em dia, acredito que a criança aprende através do jogo e brincadeira. Hoje em dia, eu penso que a brincadeira, ainda não mudou. (Entrevista com a professora Sara, 13 de novembro de 2023).

A coordenadora Sara refletiu trazendo reflexões sobre a infância e a recreação e salientando as alterações que surgem na visão da Sociologia da Infância. Esta perspectiva reconhece as crianças como agentes sociais atuantes no agora e vê o ato de brincar como uma atividade essencial, autônoma e indispensável, na qual elas criam e transformam a cultura. A perspectiva a respeito das crianças se ampliou,

reconhecendo-as como parte ativa da sociedade e deixando de lado a ideia de que são apenas pessoas em crescimento rumo à cidadania futura.

A criança também é responsável pela criação de cultura; ela chega ao mundo portando suas próprias ideias, saberes e uma cultura que se desenvolve entre seus pares, além de ser influenciada pelos adultos e pelo contexto social em que está inserida. As crianças desenvolvem culturas por meio da interação constante com seus colegas e adultos, o que indica que elas utilizam formas de representação e simbolização do mundo características da infância. No entanto, este processo não ocorrem sem uma conexão com outras expressões culturais que também estão presentes simultaneamente. A compreensão acerca das crianças se ampliou, deixando de lado a visão de que são apenas seres que se preparam para exercer sua cidadania futuramente. Elas são protagonistas de suas vidas. Esta percepção foi compartilhada com a da professora Mariléia:

Acredito que a criança já nasce poderosa. Quando ela nasce, já possui força, direitos e está inserida na sociedade, portanto, considero-a um ser histórico. Eu acredito na criança porque ela tem vontade, e que precisa ser respeitada na sua vontade e seus direitos. (Entrevista com a professora Mariléia, 29 de outubro de 2024).

O tema da questão: "**Brincar no cotidiano da Creche? Explique na sua visão o que isso significa**", foi o que mais trouxe respostas e proporcionou conversação no momento da entrevista. As professoras reconhecem sua relevância, como vemos através de suas respostas, que foram por mim comentadas no estudo:

Na creche, desenvolvemos diversas atividades com as crianças, incluindo jogos dirigidos e livres, dança e música. Através da brincadeira, proporcionamos um espaço onde as crianças podem explorar o mundo da imaginação e do faz de conta. É possível discutir e estabelecer valores em conjunto com as crianças. Por meio de jogos e atividades lúdicas, preparamos nossas crianças para enfrentar conflitos e solucionar problemas na vida adulta.

A brincadeira está fortemente ligada aos contextos de aprendizagem, especialmente nos espaços elaborados nas salas de referência, onde as interações e relações entre as crianças e os materiais não organizados são atentamente planejadas. Elas dispõem de diversos recursos, como livros, tecidos e brinquedos, que são selecionados com base em seus interesses pessoais. Neste ambiente, as crianças interagem de forma natural com os itens disponíveis: exploram os materiais, conduzem experimentos, realizam pesquisas e fazem investigações. Elas emitem sons, fazem explorações e utilizam a curiosidade inata para se relacionar com tudo à sua volta. Tenho plena confiança no potencial das crianças e testemunho com respeito seu desejo de aprendizado.

O meu planejamento inclui todos os aspectos do jogo, da observação e da diversão. Ele se fundamenta na minha observação e escuta, de modo que eu possa organizar essa atividade lúdica. Além disso, considero a disposição do ambiente e a gestão do tempo, a fim de garantir que essa atividade recreativa

tenha qualidade. Eu valorizo significativamente o brincar de forma adequada, e não de qualquer jeito. Por esse motivo, considero a arrumação do ambiente e a gestão do tempo, a fim de garantir que essa atividade lúdica também seja de boa qualidade. Eles se divertem de forma incessante, desde o instante em que chegam até o momento de sua despedida. (Entrevista com professora Márcia 04 de setembro de 2024).

O meu planejamento abrange toda a parte do brincar, da observação e da brincadeira. Ele se baseia na minha observação, escuta, para que eu possa planejar essa brincadeira. (Entrevista com a professora Mariléia, 29 de outubro de 2024).

As professoras afirmam também que, por meio do jogo, a criança experimenta novas situações e aprende sobre si mesma, suas interações com os outros e o mundo ao seu redor, incluindo objetos, tempo, espaço e formatos. Ademais, a atividade lúdica oferece à criança a chance de aprimorar suas habilidades na resolução de problemas do dia a dia, constituindo-se numa oportunidade dela aprender a interagir em comunidade:

Por meio do jogo, a criança experimenta novas situações e aprende sobre si mesma, sobre as relações com os outros e sobre o mundo ao seu redor, incluindo objetos, tempo, espaço e organizações. Além disso, o jogo oferece à criança a chance de aprimorar habilidades para resolver problemas do dia a dia, tornando-se um método pelo qual ela aprende a interagir em grupo. A atividade de brincar é de grande significado para a vida e o crescimento das crianças. A abordagem educacional à qual pertenço valoriza e oferece recursos e formação permanente para os professores, assim como estruturas e materiais que garantam esse direito. As propostas educacionais são elaboradas com foco na formação integral do ser humano, sendo apresentadas de forma divertida e levando em conta o nível de desenvolvimento de cada criança. (Entrevista com professora Márcia, 04 de setembro de 2024).

Kishimoto (1996) discute as interações presentes na EI (Creche), com ênfase no ato de brincar. A relação com a professora é crucial para a criança, pois organiza a dimensão do espaço e dos recursos, proporcionando as oportunidades de brincar. A segunda etapa envolve o contato com brinquedos e materiais, onde as crianças experenciam diversas texturas, tamanhos e cores, que as ajudam a explorar o ambiente. A terceira reciprocidade ocorre entre a criança e o meio ambiente, a disposição dos brinquedos e dos materiais impacta as descobertas infantis. A troca recíproca entre as crianças é crucial para a formação da cultura lúdica, que é gerada entre pares na criação ou recriação de jogos.

Como vimos, até agora há unanimidade entre os autores afirmando o brincar como uma atividade fundamental para que as crianças construam suas identidades e se desenvolvam social, emocional e cognitivamente. O brincar é uma atividade séria

e alegre, que envolve a criatividade, a imaginação e a fantasia. É uma maneira de a criança se expressar e se comunicar simbolicamente.

Ao escutarmos as opiniões das professoras sobre a importância do brincar em seu planejamento e na rotina da Creche, percebemos a relevância que o ato de brincar possui para essas professoras e como ele é facilitado por elas. Elas reconhecem que a escolha pelo brincar desde a primeira fase da Creche assegura a cidadania da criança e promove ações pedagógicas de alta qualidade. Kishimoto (1996) nos adverte que o brincar é essencial para o humano. "Visto como o principal ato da infância, o ato de brincar é o percurso para uma educação mediada pelo adulto." (Kishimoto, 1996, p. 462).

Em suma, não só os teóricos, mas também as professoras argumentam que o direito de brincar é essencial para a criança, particularmente na creche. Elas defendem que o ato de brincar é crucial para o crescimento saudável e feliz das crianças, e que os professores desempenham um papel crucial em assegurar que as crianças tenham uma infância feliz e saudável. Elas destacaram o direito da criança de brincar, e durante a entrevista ficou evidente que as professoras incorporaram essa visão em seus discursos:

O ato de brincar é a descoberta do mundo, do outro e de si próprio. Através do ato de brincar, ele se autodescobre e se familiariza com o mundo. Isso é crucial para o desenvolvimento. No entanto, na creche com crianças de 3 a 11 meses, eu sinto que existe uma ideia de que as crianças ainda precisam ser treinadas para a pré-escola. (Entrevista com a professora Mariléia, 29 outubro de 2024).

Na falar da professora Mariléia, as crianças aprendem na brincadeira. Ela menciona sua preocupação com o tempo disponibilizado para a brincadeira nessa faixa-etária, pois verifica maior intenção em ações ligadas à alfabetização e que são foco da pré-escola. Com isso, falta qualidade nas brincadeiras.

Seria bom que a criança pudesse explorar com tranquilidade as brincadeiras, o que será mais benéfico para ela. "A excelência dessas vivências não é avaliada pelo volume e variedade de atividades realizadas, nem pelas interações sociais que ocorrem, mas pelo significado desses acontecimentos para o conjunto de crianças, seja na creche ou pré-escola" (Souza; Ferreira, 2013, p.128). Ademais, as declarações destacam a natureza inclusiva do ato de brincar. O ato de brincar abrange todos os que se permitem:

O ato de brincar é inato, eles se divertem juntos, e isso é o que é mais prazeroso e emocionante. Temos um menino com autista que consegue, usa os brinquedos juntos com as crianças. Devido à sua condição, ele ainda não

fala e observa muito. Por isso, é necessário que as crianças se aproximem dele para convidá-lo para brincar. Isso tem sido muito gratificante, pois ele já faz parte das brincadeiras, ninguém precisa chamá-lo para brincar. É natural que eles se sentem perto dele e brinquem de massinha ou daquele objeto, brinquedo ou jogo que estão jogando. Quando estão no parque, ele correr atrás dos coleguinhas, e começam brincar de pega-pega, que é uma brincadeira que ele adora, que se diverte e que consegue fazer do seu jeito. Portanto, sinto-me orgulhoso em afirmar que não é necessário incentivar os estudantes convencionais a convidar as crianças atípicas para brincar, pois isso ocorre de maneira muito espontânea e agradável. (Entrevista com a coordenadora Sara, 13 de novembro de 2024).

Através do ato de brincar, as crianças estabelecem conexões com os outros e consigo mesmas. Nas brincadeiras, aprendem a identificar seus gostos, e através da imaginação, podem experimentar ser quem quiserem. A capacidade expressiva da brincadeira permite à criança entender como ela cria tais circunstâncias ao manipular os objetos. Portanto, ela vai descobrindo o mundo através de suas ações e sentidos" (Kishimoto, 1996, p. 6). Assim, observamos como as declarações das docentes entendem o ato de brincar como essencial para o crescimento infantil, não devendo ser uma escolha, mas sim uma prioridade para as crianças na Educação Infantil.

A questão: **“Brincar livre e brincar dirigido: Você vê alguma diferença, ou você acha que são iguais?”** trouxe ainda mais contribuições. Segundo Lydia Hortélio (2003), o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, e é através dele que as crianças constroem sua identidade e desenvolvem suas habilidades sociais, emocionais e cognitivas. A compreensão do brincar infantil da autora é fundamental, pois, como vimos, ela se dedicou a estudar o tema, mostrando que ele envolve a criatividade, a imaginação e a fantasia. É uma forma de a criança se expressar e se comunicar de forma simbólica.

As afirmações das professoras também ajudaram a desfazer a ideia de uma diferença entre o brincar livre e o brincar direcionado, auxiliando a remover as limitações que existem apenas na mente e nas formas de pensar dos adultos. A distinção que este tipo de brincar oferece à criança é bastante sutil ou mesmo ausente. O brincar livre refere-se à situação em que as crianças possuem a autonomia para selecionar e conduzir suas próprias atividades lúdicas, sem a intervenção direta do professor.

Na verdade, o brincar livre pode representar um desafio para as professoras, pois elas necessitam buscar um equilíbrio entre proporcionar liberdade às crianças e assegurar a segurança e o bem-estar delas. O brincar orientado ocorre quando a professora organiza e guia as atividades lúdicas das crianças, com metas específicas

de aprendizagem em mente. Como lemos nas respostas, o brincar dirigido também representa um grande desafio para as professoras, que devem buscar formas de tornar as atividades lúdicas atraentes e significativas para as crianças:

Não creio que haja uma distinção entre brincar livre e brincar dirigido. Considero que há um brincar livre, porém esse brincar livre decorre da organização das minhas ações, fundamentada na observação. Eles têm a liberdade de brincar da maneira que preferirem. Entretanto, arrumo o ambiente para que as crianças possam brincar sozinhas. (Entrevista com a professora Mariléia, 29 de outubro de 2024).

Eu penso que o brincar livre, tudo que as crianças possam brincar sem ser direcionando pelo adulto, eu gosto de observar as crianças brincando, para poder planejar uma aula mais prazerosa, com brincadeira livre. (Entrevista com a professora Márcia, 04 de setembro de 2024).

Conforme a perspectiva das professoras, é fundamental manter um equilíbrio, atingir um meio-termo entre a brincadeira livre e a brincadeira orientada, para que as crianças consigam desenvolver competências e adquirir conhecimentos de maneira significativa. Elas mencionam que o equilíbrio ajuda a compreender de maneira mais eficaz as necessidades e interesses das crianças, possibilitando a criação de atividades lúdicas que sejam relevantes e cativantes.

A visão das professoras está de acordo com a Sociologia da Infância, que defende que a criança é um ser com conhecimentos e cultura, que expressa suas próprias vontades. Mesmo quando o professor sugere uma brincadeira, organiza um ambiente para brincar ou limita a atividade a um espaço específico, a criança, sendo um sujeito ativo, participará de cada momento à sua forma, aproveitando cada oportunidade de maneira singular. Entretanto, a ideia de brincar livre pode estar associada à forma como as professoras disponibilizam ambientes, horários, recursos e brinquedos, além das suas intenções como adultas, considerando a autonomia nas escolhas das crianças, como vemos:

Brincadeira livre é onde a crianças brinca reproduzindo muito da sua vida cotidiana, por isso é muito importante a observação pelas professoras. Neste momento trabalhamos vários aspectos como esperar a vez, aprender a ganhar e perder. Nas brincadeiras dirigidas sempre tem uma proposta pedagógica de acordo com o objetivo de cada aula. (Entrevista com professora Dina, 04 de setembro de 2024).

Considero que o brincar livre, no qual as crianças têm a liberdade de explorar suas brincadeiras sem a orientação direta de um adulto, deve ocorrer em ambientes que proporcionem contextos adequados às suas preferências lúdicas. A observação das crianças durante os momentos de brincadeira é uma prática que aprecio, pois me permite planejar aulas mais agradáveis e significativas. Frequentemente, a escolha das atividades lúdicas é feita pelas próprias crianças, o que, segundo minha experiência, resulta em situações

de aprendizado mais relevantes, uma vez que emanam do interesse genuíno delas. As atividades lúdicas podem ocorrer tanto na sala de aula quanto em espaços externos, dependendo das necessidades e desejos dos alunos. Entre as brincadeiras que costumam praticar, incluem fazer comidinhas, simular refeições, jogar de esconde-esconde com tecidos, brincar com areia utilizando peneiras, deslizar em escorregadores e participar de atividades na casinha de brincar. (Márcia professora de inclusão, 04 de setembro de 2024).

No brincar livre, direcionamos as crianças para um local e as observamos, muitas vezes de forma passiva, às vezes com algumas interferências. O brincar livre consiste em permitir que a criança brinque, explore o espaço, interaja socialmente e estabeleça seus próprios limites para que possamos também acompanhar o seu progresso nesses aspectos. (Entrevista com a coordenadora Sara, 13 de novembro de 2023).

Embora as professoras afirmem que há momentos de brincadeira livre e momentos de brincadeira dirigida, há a intenção de que as crianças sejam o foco principal desta prática. A professora pode até optar pela proposta, mas o faz com base em sua perspectiva e no conhecimento que tem de sua classe. Como mencionado anteriormente, eles irão experimentar essa proposta à sua maneira. O ato de brincar é uma atividade espontânea, iniciada e conduzida pela criança; ele proporciona prazer e não requer um resultado final; relaxa, envolve, ensina normas, linguagens, aprimora competências e introduz a criança no universo imaginário.

Finalmente, na questão: **“Comente o ato de brincar e sua conexão com a família”**, as professoras indicam que as creches deveriam realizar um encontro com os pais para enfatizar a relevância do brincar na vida de uma criança. O brincar vai além do simples brincar, há uma série de benefícios que as brincadeiras trazem para a vida das crianças. Os pais precisam ter essa visão para compreender a importância do brincar, pois com ele as crianças experimentam emoções, prazer, frustração, felicidade e entusiasmo. Algumas famílias desejam que seus filhos aprendam a ler e escrever, deixando de lado o lúdico e a diversão do jogo. Se a creche toma uma posição, eles procurarão escolas que os atendam, ou solicitarão às escolas que se ajustem para atender às suas demandas. Nesse contexto, Kishimoto (1996, p. 409) declara: "Brincar ou estudar? A criança escolhe o jogo, enquanto muitos pais e professores optam pelo estudo."

O brincar é muito importante para o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e motor das crianças. Na creche acontecem brincadeiras lúdicas sempre estimulado o aprendizado das crianças e enquanto as crianças com suas familiar acabam passando a maior parte do tempo com celular e no computador para dar sossego para os pais. (Entrevista com professora Dina, 04 de setembro de 2024).

Acredito que ainda há um longo caminho a percorrer, pois a família ainda diz "ele só brincou". Na verdade, brincar é importante para a criança, o que é

necessário para o desenvolvimento de uma criança a brincadeira, brinquedos e jogos. Portanto, acredito que a compreensão da relevância do brincar para as famílias ainda é insuficiente. (Entrevista com a professora Mariléia, 29 de outubro de 2023).

O que fazemos é transmitir essa relevância às famílias através de vídeos, mostrando as crianças brincando e as suas falas. Mostramos o quanto elas falam, o que estão aprendendo e o que mais apreciam, fazendo com que as famílias compreendam a importância do brincar na educação. (Entrevista com a coordenadora Sara, 13 de novembro 2024).

As respostas das professoras reforçam a relevância do diálogo entre a família e a escola, para que os pais compreendam os benefícios que as crianças obtém por meio do brincar, dos brinquedos e dos jogos. As declarações corroboram as diretrizes contidas nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil (Creche) (2009), que enfatizam a importância do diálogo entre pais e profissionais da educação para assegurar na Creche de alto padrão. É crucial para assegurar o direito das crianças de brincar e viver suas infâncias nas instituições de EI (Creche). Para proporcionar às crianças uma infância mais prazerosa, divertida e alegre, os pais podem evitar adquirir itens que os pequenos ainda não precisam conhecer, permitindo assim que as crianças se divirtam e vivam plenamente sua infância.

Por fim, ao observar as legislações, os referenciais teóricos utilizados, as respostas das professoras e realizar as reflexões sobre as práticas, compreendi que tanto o ambiente da escola, quanto as intencionalidades podem ser modificadas. O fato de os professores continuarem buscando formações e aperfeiçoamento é essencial para que isso ocorra.

Na minha trajetória, especialmente, isso significou perceber que eu ainda podia mais, e tentar viver juntos às crianças outras situações, onde a brincadeira livre pudesse acontecer, permeada por rigor, seriedade, alegria e muito divertimento, sendo oportunidade para a convivência fraterna entre a infância e a adultez. Esse será o tema do próximo capítulo.

4 QUANDO A PROFESSORA SE (DES)COBRE BRINCANTE

Nos capítulos anteriores desse trabalho, procurei argumentar que os meus 20 anos de atividade profissional na EI me conduziram ao desejo de pesquisar as características do trabalho docente nas creches, considerando a importância que ele tem para a compreensão da ação lúdica das crianças. Eu procurei me apropriar dos sentidos que professoras do Maternal II (A e B) davam à brincadeira através das propostas pedagógicas lúdicas que compartilhavam com as crianças. Para isso, além da leitura de referenciais teóricos, documentos legais que normatizam a educação das infâncias no Brasil e discussões de estudo, realizei observações de algumas atividades propostas a crianças por 3 professoras efetivas, que atuam com crianças do Maternal, com idade entre 3 e 11 meses, além da atuação da coordenadora do CMEI – Vó Tuta Pereira, e que foram registradas em meu Diário de Campo da . Em momento posterior, propus um questionário semiestruturado a estas docentes e, com base em suas respostas, realizei entrevistas com cada uma delas abordando não só o conteúdo das questões, mas também os temas que acabavam sendo relacionados.

Contudo, a trajetória da minha pesquisa foi se transformando. Como já dito, eu também trabalho neste CMEI e o campo de pesquisa não era desconhecido para mim. Além disso, duas das professoras pesquisadas são professoras efetivas apoio com o grupo de 12 crianças do Maternal II B com as quais trabalho. Então, embora eu tenha tentado observar e registrar apenas as ações das outras professoras, a minha foi se modificando e de professora que pesquisa, eu passei a me sentir pesquisada.

O objetivo primeiro de minha pesquisa era, simplesmente, a partir da observação das cenas vividas pelas 3 professoras do Maternal II (A e B), selecionadas do cotidiano e cotejadas às respostas dadas ao questionário e entrevista, buscar entender como o brincar acontecia, como seus significados iam sendo experimentados e incorporados pelas professoras e discutir como este brincar se inseria nas vivências do dia a dia escolar.

As ações de observar a prática de algumas professoras, ler suas respostas ao questionário, conversar com elas, atender às demandas sugeridas pelos planejamentos do CMEI, estudar e, principalmente, dedicar mais atenção ao viver com as crianças cotidianamente, foram alterando o modo como eu percebia a infância daquelas crianças e a minha alegria em acompanhá-las em suas brincadeiras. Eu me tornei uma professora brincante.

E conforme eu pesquisava iam surgindo mais e mais questões. Eu e as demais professoras sabemos que os documentos normativos para a educação da infância insistem na relevância do brincar. Na BNCC (Brasil, 2017), evidentemente, o brincar permanece como atividade essencial para o pleno desenvolvimento infantil, oficializando o que já era garantido por legislações anteriores. Mas os professores conseguem realizar atividades livres e jogos atrelados às ações educativas lúdicas seguindo as orientações normativas? Quais são as suas dificuldades? Eles recebem orientação para, além das competências exigidas pelas normativas legais, viverem com as crianças a infância? Que infância convive comigo na creche? Há ambiente propício para a brincadeira plena nas instalações dos CMEIs?

Eu não sei quando aconteceu, mas agora, escrevendo o relato organizado, percebo que houve uma diferença no modo como eu agia diante das brincadeiras das crianças, como este que mostro abaixo:

A brincadeira de estátua:

Na brincadeira de estátua que as crianças estavam fazendo no pátio, lembrei da autora Lydia Hortélio, quando diz da importância de colocar uma música divertida e deixar as crianças dançarem livremente. Eu deixei elas dançarem e, de repente, gritei: "ESTÁTUA". Neste momento, todos paravam de se mover e permaneciam na posição que estavam, deitavam-se no chão, uma criança ficou sorrido, uma pegava no pé, uma fazia cara de choro. Antes de começar a brincadeira de novo, expliquei que quem não conseguisse ficar parado ia sair da brincadeira. Mas eu não aguentei e fiquei pensando por que. Como eu fiquei sorrindo tanto das crianças, eu não consegui tirar ninguém. Eu ria tanto que até chorei de tanto dar risada das crianças e eles riam junto. (Diário de campo).

Nesse dia, eu lembrei de Lydia Hortélio (2019), quando ela diz que o professor tem de passar a aprender com a criança, porque a criança tem muito a nos ensinar, porque não pode ser ao contrário. E ela pergunta porque não podemos trabalhar junto com a criança. Ela diz que é preciso olhar o menino para entrar em um percurso que seja espontâneo e que signifique aprendizagem para adultos e crianças. E isso cada um irá fazer de acordo com a consciência que tem, com a experiência de vida que tem.

Para a mesma autora, você tem que brincar para ser feliz. Se tiver que usar a brincadeira exclusivamente para aprender, não se trata mais de um brinquedo. Porque os brinquedos têm um propósito por si próprio. Quando a criança brinca de peteca, ela está vivendo diversas e extraordinárias experiências que podem ser obtidas ao jogar a peteca, brincar alegremente gera paixão nas crianças. Se você ouvir a voz dentro de você, perceberá que daí vem o desejo de saudade e a magia. De uma

maneira mágica, a criança se envolve na brincadeira. A criança em si possui promessas, belezas, talentos, alegria e paixão, que nunca se esgotam ou acabam.

Eu pensei com a autora que nós adultos esquecemos a criança que temos em nós e não encontramos firmeza em nós mesmos. Naquele dia, eu encontrei a criança dentro de mim e eu me diverti muito.

Então, neste capítulo, eu vou assumir o relato narrando como eu e minhas duas apoio de sala fomos brincando. Eu e as professoras Mariléia e Márcia começamos a brincar com as crianças, a nos interessar pela brincadeira e esse processo foi rigoroso, sério, alegre e muito divertido. Como relatado por Lydia Hortélio: "Estamos afastados da vida, do nosso centro interior". Ela deu o conselho para chegarmos num ponto de "sentir o chão firme em nós" (Hortélio, 2021, [s/p]). Quero compartilhar isso para não apagar a alegria e a espontaneidade da criança que ainda habita algum recanto da minha memória.

Nos próximos dois relatos, vou refletir sobre situações que podem acontecer espontaneamente, em brincadeiras cotidianas e que, até agora, eu não prestava a atenção:

As bolhas de sabão:

A maior parte das crianças estava brincando no pátio, vencendo os 'desafios' de um jogo que gostavam no parque. Em seguida, a professora apoio convocou as crianças para participarem da atividade recreativa: era com bolhas de sabão. As crianças se levantaram e [...] até a professora brincou com as crianças, correndo atrás das bolhas de sabão. Foi [...] um instante bastante prazeroso de testemunhar. O que mais se destacou para mim foi uma criança que permaneceu no canto apenas a observar [...] as outras crianças brincando com as bolinhas e também as bolinhas se afastando. Ela não realizava nenhuma ação, mas ria e pulava sem se mover de sua posição. (Diário de campo).

O voo do papelzinho:

Duas ou três crianças, ao notar um pedaço de papel 'voando' com o vento, correram em sua direção e tentaram 'pegar', só que o pequeno papel ficou preso no buraco no piso de cimento. Elas estavam tão focadas no papel que [...] ficaram ali olhando, colocando o dedinho, [...] a observar o pedaço de papel que ficou 'preso' no furo do cimento [...] com um semblante de felicidade e emoção, as crianças não pareciam querer sair dali, só para observar o resultado de sua ação, ou seja, o fragmento de papel que ficou preso naquele buraco, apesar da força do vento. (Diário de campo).

Figura 19 - Imagem das crianças brincando com pedacinho de papel que estava voando



Fonte: Foto tirada pela autora.

Isso nos levou, eu e as professoras Márcia e Mariléia, a refletir sobre a constante busca da criança em decifrar as surpresas da vida. O que as fez correr atrás daquele pequeno pedacinho de papel? Nunca saberemos, mas seguidamente não prestamos atenção neste tipo de situação. Do mesmo modo como não notamos a participação, inclusive, daqueles que só observam, como a criança acompanhando com o corpo atento, mas parada no mesmo lugar, a bolinha de sabão. Circunstâncias imprevistas – o vento, o pedaço de papel e a bolinha de sabão –, mostram a disponibilidade de explorar e descobrir das crianças e que nós as restringimos, conforme nossos planejamentos.

Na nossa sala, sempre arrumamos o cantinho dos brinquedos. Quando as crianças chegam, já vão para lá, onde estão os diversos brinquedos e jogos: peças, quebra-cabeças, massinhas, jogos de memória quase todos de plástico e madeira. Elas podem escolher o local que desejam brincar. As professoras se esforçam ao máximo para que as crianças possam se divertir, mantendo sempre o seu planejamento, de acordo com as indicações do PPP da escola. Nas sextas-feiras, que é o dia da semana que temos aula de ritmo e dança, logo depois do café da manhã, as professoras em geral colocam uma música infantil na TV, com um vídeo para que as crianças possam olhar, aprender o movimento e dançar brincando com ritmo. A brincadeira está sempre no planejamento e não pode fazer “atividade de folha” se não fizer uma brincadeira lúdica primeiro.

Observei que, num desses dias, as crianças estavam bem interessadas na sua brincadeira. Algumas brincavam sozinhas, sentadas em um canto; outras tentavam trocar um brinquedo com seu amigo, quando não conseguiam vinham até nós para falar que seu coleguinha não queria brincar. Elas se movimentavam naquele espaço de um lado para outro, e de vez em quando voltavam em alguma caixa de brinquedos em procura de algo, para pode brincar. Não conseguiam brincar em silêncio, conversavam alto um com o outro e iam se organizando sozinhas, sem uma orientação do que deviam fazer.

Figura 20 - Crianças manuseando livremente as peças



Fonte: Foto tirada pela autora.

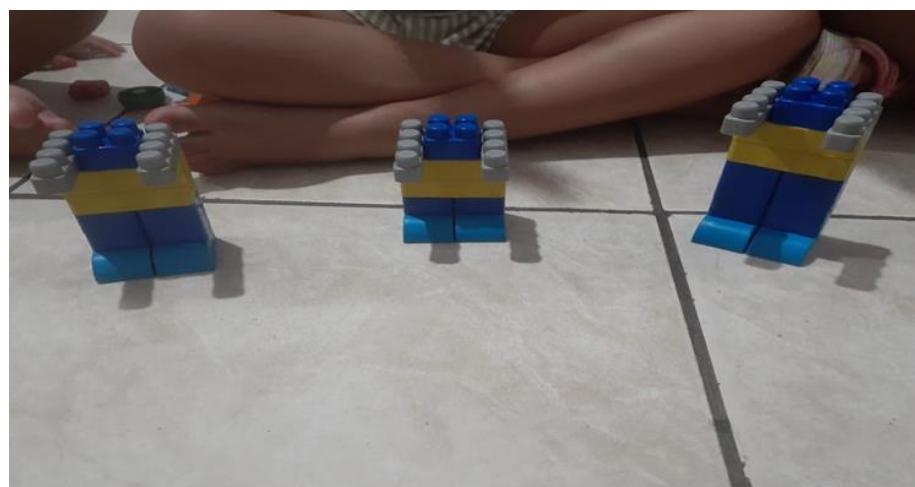
Quatro ou cinco crianças se juntaram para montar pecinhas. Eu observava, via que se moviam e ouvia as negociações. De repente, eles haviam feito coisas e queriam me contar: casas, muros, robôs e estavam felizes com suas construções. Vou compartilhar algumas imagens dos brinquedos que as crianças narraram que realizaram montando e encaixando as pecinhas de plástico:

Figura 21 - Estas construíram um muro



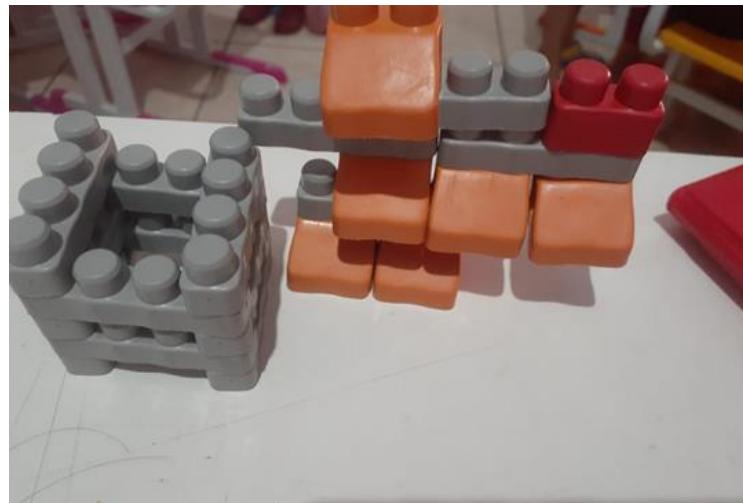
Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 22 - Aqui brincaram de fazer robôs iguais



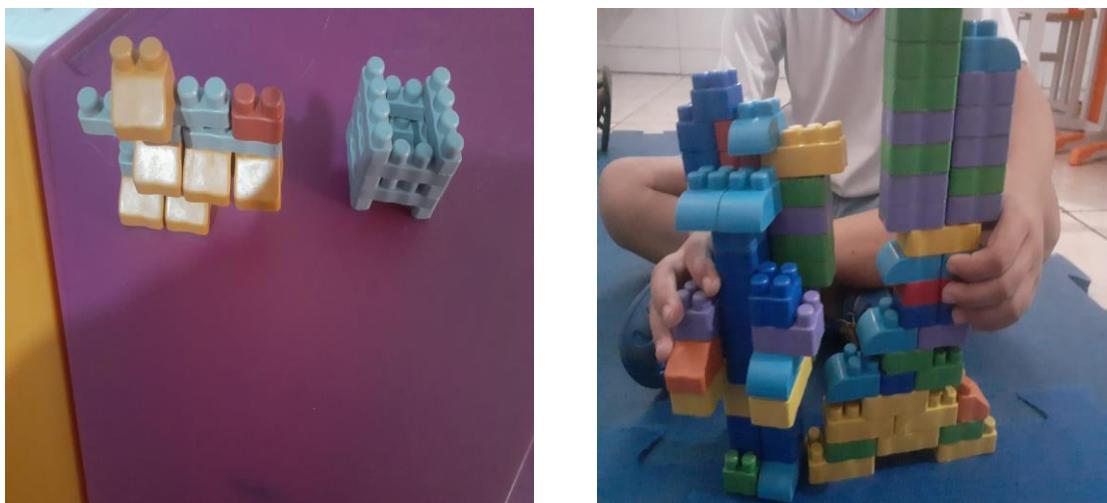
Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 23 - Estas crianças fizeram casas



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 24 - Aqui também fizeram casas



Fonte: Foto tirada pela autora.

Eu sempre sabia que brincar era atividade essencial para o pleno desenvolvimento infantil, mas a melhor parte foi notar que eu observava as crianças pequenas acessando ao mesmo tempo as possibilidades do real e da fantasia. Coisas que você nem imagina, as crianças fazem diante do seu olhar, sem perceber. Isso é incrível. Como a autora Lydia Hortélio, eu comecei a ficar cada vez mais emotiva ao observar o mundo infantil.

A maçã encontrada:

No jogo de memória, observei um menino tentando encontrar o par, mas não conseguia. Ele estava extremamente irritado e disse: "Não consigo encontrar a maçã". Respondi: "Olha bem, veja se não tem nenhuma parecida com a que você está segurando agora." Ele se sentou e analisou cada peça cuidadosamente, até que finalmente encontrou. Ficou tão feliz que voltou e me deu um abraço. [...] Depois retornou, sentou-se, continuando a procurar peças semelhantes. Ele ficava tão entusiasmado quando encontrava outra, começando a bater palmas e sorrir para si mesmo. Então, eu pedi que as crianças guardassem o jogo de memória, dando uma caixinha para cada uma. Foi um grande prazer para as crianças guardar o jogo de memória. [...]

[...] Como havia apenas quatro caixinhas para guardar os jogos de memória dentro, as outras crianças precisavam aguardar a sua vez para poderem guardar. Um deles se irritava com a demora dos colegas, querendo pegar a caixinha para si. [...]. (Diário de campo).

Figura 25 - Jogo de memória



Fonte: Foto tirada pela autora.

Neste instante, eu notei a frustração da criança ao ter que esperar a sua vez para guardar o brinquedo. Mesmo sabendo que iriam guardar, algumas continuavam a reclamar. Ao interromper o momento lúdico, por causa de outra atividade, o adulto impede as crianças de continuar brincando. Tal intervenção pode sintetizar um choro ou reclamação. Eu percebi, nesse dia, que consegui explicar às crianças que, como temos apenas quatro caixas, devemos aguardar com paciência o nosso momento chegar. Assim, eles ficaram calmos e minha tranquilidade foi muito valiosa para o grupo.

Antes de passar ao próximo relato sobre "Maria", vou compartilhar como "Maria" entrou na turma do Maternal II. No início de 2024, naquela turma, não havia brinquedos inteiros, apenas partes ou pedaços de brinquedos quebrados, como

carrinhos sem rodas e bonecas sem cabeça ou braços. Nós, professoras, começamos a solicitar doações e conseguimos obter um carrinho e uma boneca inteiros. Assim, chegou uma boneca grande de pano, maior do que as crianças do Maternal II quando colocamos ela em pé. Até 2024, nas sextas-feiras, as crianças podiam trazer brinquedos de casa. Agora não podem mais e esta situação deve ser discutida no CMEI.

Figura 26 - Maria no seu Cantinho da Leitura



Fonte: Foto tirada pela autora.

Na ocasião, eu coloquei a boneca junto dos alunos e perguntei qual nome deveríamos dar a ela. Surgiram várias sugestões, era tanta variedade, que eu sugeri que ela se chamassem "Maria", um nome mais conhecido. As crianças concordaram

com a ideia. Dessa forma, o nome da boneca foi definido e ela passou a ficar no canto da sala sentada em um Puff rosa, no cantinho de leitura, onde está presente até hoje.

Todos os dias, as crianças podem se sentar ali, folhear livrinhos e ficar perto de "Maria". Em determinado momento, decidimos começar a contar histórias junto com "Maria". Então, sentamos a boneca em nosso colo, colocamos a caixa de livros infantis ao lado e narramos histórias para as crianças. Como as crianças adoraram a contação com a boneca, tanto eu, como as outras professoras começamos a fazer uma voz diferente para representar "Maria". Lembro que, mesmo antes da chegada dos brinquedos inteiros (o carrinho e "Maria"), as crianças brincavam felizes com os pedaços, mas nós ficávamos tristes ao ver as crianças se divertindo com apenas pedaços de brinquedos, principalmente depois da proibição de trazerem brinquedos de casa.

Lembrando dessa situação, fiz ligação com Lydia Hortélio, quando ela diz:

Brinquedo é um organismo vivo. Expressão da inteireza. É a inteligência com o corpo. A sensibilidade e exercício da cidadania. A gente se queixa e acha que menino quer fazer tudo que gosta. Mas não, porque não tem brinquedo sem regra. O brincar tem as regras. A amarelinha tem as regras, a gente precisa das regras para passar além. Para mim essa é a definição da cidadania. Quem dera nós, meninos grandes, vivêssemos dessa forma, respeitando as regras e o outro. (Hortélio *in* ITAÚ CULTURAL, 2019, [s/p]).

As crianças conseguem transformar objetos e materiais em brinquedos e fazem com eles narrativas, o que é essencial para seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. A ideia de que um brinquedo danificado pode se tornar algo novo e fascinante nas mãos de uma criança reflete as opiniões de Lydia Hortélio acerca da imaginação e da criatividade infantil. Nesse aspecto, ela observa que muitas professoras não reconhecem o valor de uma atividade lúdica, destacando que o essencial é o bem-estar das crianças. As professoras não precisam se preocupar tanto, pois mesmo na ausência de brinquedos, as crianças encontram formas de brincar, seja com pedaços ou com brinquedos inteiros; o importante é que tenham a oportunidade de se divertir.

Eu comprehendi o que Lydia Hortélio explicou, lembrei do episódio do papelzinho no vento. Mas também consigo avaliar a relevância de um professor que deseja uma boneca inteira. Não só pela boneca, mas pelo significado simbólico dela, pois como convivo com essa turma, sei o valor de "Maria" para essas 12 crianças e para as adultas professoras, como passo a contar no relato abaixo, ocorrido em um dia que

meu apoio, professora Márcia, avisou que iria contar uma história, se acomodou no cantinho destinado à história e, na perna, colocou "Maria":

Maria conta histórias:

Ela pediu para as crianças ficarem em círculo e perguntou o que queriam que "Maria" contasse. Depois, dirigiu seu olhar para a "Maria" e perguntou: "O que você gostaria de contar pra gente hoje? ". Em seguida, voltou-se novamente para as crianças e ouviu uma delas expressar o desejo de ouvir sobre princesas, *Os três porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A borboleta que quebrou a asa*, *João e Maria*, entre muitas outras histórias que foram mencionadas naquele momento. Como não decidiram, Márcia pegou um livro do caixote. Olhou para o livro infantil antes de mostrá-lo às crianças e exclamou: "Quem será que consegue adivinhar a história de hoje? Ela é muito interessante! ". Então, ela apresentou o livro para as crianças. Algumas delas responderam de forma clara: *Menina bonita do laço de fita*. A professora sorriu, pois, essa era a resposta certa! Enquanto se preparava para narrar a história, as crianças começaram a conversar entre si, mas não interromperam a professora. A outra apoio explicou às crianças que, para ouvirem a história, era importante que permanecessem em silêncio. As crianças, em sinal de concordância, pararam brevemente de conversar. A professora iniciou a contação. Ela narrava e variava o tom de sua voz, criando um efeito envolvente. As crianças mantinham o olhar fixo na professora. Sempre que terminava uma página, ela mostrava as imagens para elas. Quando a professora dizia o refrão: "Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?", as crianças repetiam e explodiam em risadas, se divertindo muito com a história. Depois, a professora permitiu que cada criança que quisesse fizesse o próprio reconto. A aluna Alana pegou a boneca "Maria", sentou-se ao seu lado e começou a recontar a história para seu colega, e ficou maravilhoso o relato dela. (Diário de Campo).

O desejo de narrar existia, mas também o desejo de ouvir. A turma estava atenta com a atividade lúdica, que envolvia um elemento cênico e que chama muito a atenção das crianças. Quando ela perguntou: "O que você deseja contar hoje, 'Maria'? ", ela despertou a curiosidade e instigou o grupo para acolher o livro. E mesmo quando houve uma certa dispersão na roda e as crianças se afastaram do círculo, elas logo voltaram a pedido da professora apoio Márcia. Neste caso a outra apoio redirecionou o foco das crianças e elas reagiram, mostrando consideração pelo adulto.

Muitas vezes, a criança se inspira no adulto que está ao seu redor para criar seu próprio universo. Por exemplo, na escola, a criança tem um forte vínculo comigo e com as professoras apoio, pois convivem todos os dias. Tem umas crianças que gostam de brincar de escolinha, imitam o professor em suas falas e gestos. Isso demonstra como a criança está atenta e é observadora. Não é por acaso que a criança imita, ela adora explorar sua imaginação e mergulhar no universo do faz de conta. Uma situação, vivida com o meu grupo, mostra bem isso através da fala de uma menina:

Maria, uma princesa e uma professora:

Uma menina estava brincando com peças para construir um castelo, sentada no chão com outras crianças. Eu observava de longe e ouvia atenta o que elas conversavam. A menina disse que nesse castelo morava uma princesa: "Essa princesa, é conhecida como Maria", ela disse. E depois continuou falando assim: "O nome dela é Maria, que também é o nome de sua professora". (Diário de Campo).

Para a menina, a figura da professora é a mais importante naquele momento, pois é quem está brincando ao seu lado. Essa situação é emocionante! A criança deseja que a professora adulta participe ativamente de sua brincadeira e o faz no espaço do faz de conta também, reproduzindo a experiência cotidiana que experencia com "Maria".

Como dissemos alguns parágrafos acima, sempre acontecem momentos de movimento no cotidiano. Em algum momento do dia, as professoras colocam música infantil para que as crianças possam se movimentar, dançar e brincar com o ritmo. Quando isso acontece nas sextas-feiras, como já dissemos, há também vídeos com imagens acompanhando a brincadeira.

Numa sexta-feira, a professora apoio Márcia convidou as crianças para dançar conforme o ritmo da música que tocava no vídeo da TV. As crianças aceitaram e começaram a dançar com a música "A Dona Aranha". As crianças faziam gestos com as mãos de subir e descer. Elas estavam se divertindo muito, davam risada, abraçavam seu coleguinhas.

Eu e a professora Mariléia estávamos observando. Em determinado momento, nós levantamos e nos encaminhamos para o meio do círculo, onde iniciamos a dançar junto com as crianças. A felicidade das crianças era enorme, porque as três professoras estavam dançando e a turma fazia diferentes movimentos, ora como os da professora Márcia, ora como os da professora Mariléia e ora como os meus. As professoras desempenham uma função significativa, sendo um modelo a ser seguido.

O trecho mencionado demonstra que a professora, ao sugerir um tipo de jogo de dança, estava apresentando um modelo. De acordo com a canção, ou seja, reproduzir o movimento da música "Dona Aranha", oferece uma canção em que as crianças possam cantar, pois compreendem a letra. Uma atividade com as crianças, conforme o ritmo, pode ser realizada da maneira desejada. Nesse contexto, observo como o professor coordena a aula, garantindo que nenhuma criança fique excluída e proporcionando um ambiente agradável e divertido para todas as crianças.

Em outro momento com a música, pude também perceber a questão do modelo e da imitação do adulto. Enquanto aguardavam a chegada dos pais para que as crianças pudessesem ir para casa, nós três – professoras – iniciamos a organização das mochilas, dispondo-as no canto da sala, próximo ao espaço dedicado à leitura, ao lado da boneca Maria:

Professora vira bicho:

Neste momento, a Márcia começou a apresentar um comportamento diferente, passando a imitar animais como cobra, jacaré e gato. As crianças, ao observarem essa situação, começaram a replicar suas ações. Todos estavam bastante alegres brincando. No entanto, quando uma criança precisou ir embora, manifestou tristeza por querer continuar a brincar. Uma delas saiu chorando porque desejava permanecer se divertindo. (Diário de Campo).

Considerando que o espaço da sala é restrito, como comentamos no capítulo 2, e as cadeiras precisam ser organizadas nos cantos para liberar área, as professoras se empenham ao máximo para garantir que as crianças possam brincar de modo agradável. Cada criança desenvolveu os movimentos dos animais à sua própria maneira, se mexendo de um lado para o outro, exibindo grandes sorrisos. Algumas delas até passavam por baixo da mesinha. Houve uma significativa interação entre a criança e a professora Márcia, pois ela estava incentivando a imitação.

As crianças imitam, mas cada uma cria essa imitação de acordo com sua própria maneira e preferências, sem que alguém lhes imponha regras sobre o que devem fazer, dado que o importante é se divertir. Então, eu entendi que o adulto é um modelo, um exemplo, mas isso não significa que a criança faz uma cópia exata daquilo que ele faz. Isso acontece porque a criança se interessa pelo adulto, por aquilo que ele representa para ela, jogando e aprendendo. Por isso, é tão importante que as professoras e os adultos tentem se colocar na posição da criança para compreender o significado da brincadeira, evitando a ideia de que brincar é um desperdício de tempo e querendo ter tudo muito fixo, seguindo rigidamente o planejamento.

Às vezes, nosso planejamento vai numa direção e as coisas acontecem diferentes. Como vimos no PPP do CMEI – Vó Tuta Pereira, seguimos a orientação de realização de projetos. Eles se iniciam no começo da semana e se estendem com atividades até o final. Quando ele termina, na segunda semana, as crianças fazem atividades em folha. Numa segunda-feira, eu comecei a explicar que iríamos fazer o projeto diversidade e que as crianças iam, primeiro, visitar os painéis lá fora:

Uma princesa pode chorar (e não fica feia!):

Na conversação com as crianças, disse que iam brincar com espelho. Coloquei o espelho dentro da sala, as crianças estavam tão curiosas que foram para a frente do espelho para ver sua imagem sem eu mandar [...] pedi para as crianças sentarem e [...] expliquei que ia chamar uma de cada vez para poderem se olhar no espelho. [...] Eu chamei uma menina para ficar em frente ao espelho, e comecei a fazer perguntas [...]: “Que cor é seu cabelo?” A criança respondeu: “Preto”. Depois: “Onde está sua sobrancelha, ela é bonita?” Ela respondeu: “Está aqui na minha testa, é muito bonita”. Eu disse: “Olha como você é bonita”. E ela respondeu: “Sou linda”. , depois pedi para a criança fazer cara de feliz, de choro, de triste, de brava, e, para terminar, pedi para mandar beijo para a pessoa no espelho. A menina disse: [...] “Então estou mandando beijo para mim, não é professora?” [...]

Figura 27 – Uma princesa



Fonte: Foto tirada pela autora.

[...] Chamou a última que ficou olhando para seu cabelo, balançava para lá, e para cá. Vendo aquela situação, eu dei para a criança brincar com sua imagem, porque ela estava feliz, [...] então, eu falei: “Olha que cabelo bonito!” A criança respondeu: “Eu gosto muito do meu cabelo, ele vai ficar bem grande.” Eu disse: “Que olhos lindos!” A menina respondeu: “É bonito mesmo” [...]. Depois, pedi para fazer cara de brava, percebi que ela não gostou, mas ela fez, choro e triste, ela fez tudo que eu pedi. Quando terminou, fui me sentar e, [...] a menina falou: “Princesa não pode fazer cara de brava e nem de triste e nem de choro, porque ela ia ficar feia”. Nesse momento, eu respondi: “Por que uma princesa não pode chorar? Todos nos choramos e não ficamos feios!” Ela deu uma olhada para mim com uma cara nem feliz e nem brava e se sentou. (Diário de Campo).

Estudei, com Huizinga (2010), que os jogos são essenciais na vida da criança e que, ao introduzir o aspecto lúdico, eles se tornam a base para o pensamento humano e a transformação do mundo. Independentemente do período histórico, cultura ou nível social, os jogos e brinquedos são essenciais na vida das crianças, já que elas acessam com facilidade um universo de fantasia, encanto, felicidade e sonhos, onde a realidade e a ficção se misturam. Eu pensei que a menina misturava o universo dos contos de fada com a sua própria vida, mas meu comentário, trouxe a transformação, não na fantasia, mas na realidade sobre o papel das mulheres que a menina estava acostumada a acessar, por isso ela permaneceu pensativa com a minha resposta, embora eu não tenha dado a ela uma explicação sobre diversidade e feminismo.

Atualmente, percebemos que, cada vez mais, a escola está imersa no paradigma do desenvolvimento, através do qual as crianças apenas adquirem conhecimento através de um treinamento proporcionado por um adulto. E, mais que isso, através de uma concepção utilitarista da vida completamente equivocada. É certo que um adulto compartilha um mundo com a criança e, por isso, é fundamental, pois ele traz a cultura e a história da tradição. Mas, é essencial também que a criança tenha a oportunidade de brincar livremente e que o adulto entenda essa importância, esforçando-se para integrar-se às possibilidades que a novidade da infância traz.

Numa manhã, as crianças estavam bastante inquietas, então, eu comecei a bater palmas e a cantar a canção "Enrola, enrola, enrola; puxa, puxa, puxa, um, dois, três." Na mesma hora, o grupo iniciou a canção junto comigo. Quando parei de cantar, o ambiente tornou-se silencioso. A turma pediu que eu cantasse outra canção e eu falei que, depois da canção, haveria uma aula no pátio. Continuei cantando e, depois, as crianças foram convocadas para ir para o pátio:

Era dinossauro!:

Eu distribui um giz para as crianças e expliquei como seria a atividade, que consistia em desenho livre. Então, as crianças iniciaram seus desenhos no chão, utilizando o giz, divertindo-se o tempo todo, rindo, demonstrando surpresa e fazendo brincadeiras. [...] uma criança aproximava-se para exibir o que havia criado. [...]. "O que você desenhou?", perguntava. "Desenhei minha mãe," e, em seguida, exibia: "Olha, eu desenhei uma flor...um carrinho...uma bicicleta...uma princesa." Mesmo que eu não compreendesse o desenho, eu elogiava: "Que lindo seu desenho." Uma criança que não havia comentado nada sobre seu desenho, então, a professora se aproximou dela e disse: "Que cachorro lindo! " Ele se virou e respondeu: "Você esqueceu que é um dinossauro". Eu respondi: "Peço desculpas, havia esquecido. Que dinossauro bonito! "

O vínculo entre os jogos e o crescimento cognitivo e socioemocional dos pequenos é evidente e é muito citado no campo da EI. Entretanto, nós, professoras, muitas vezes temos dificuldade de lidar com o jogo lúdico, pois o opomos constantemente à realidade. Ou seja, do mesmo modo como elogiamos a imaginação e a criatividade das crianças, nós as obrigamos a explicá-la, sem respeitar o tempo de entrega da criança à fabulação e narração de suas ações. Eu queria que eles desenhassem, mas, igualmente, pedia que me explicassem o que tinham feito e, no momento que o menino me “lembrou” que eu havia “esquecido” que era um dinossauro, eu percebi essa contradição.

Para Richter (2017), o elogio à espontaneidade da “imaginação e criatividade” das crianças e a valorização de jogos de fantasia imaginativos e lúdicos fazem parte do discurso educacional tanto quanto a simultaneidade aberta de limitações com a acumulação e quantificação de conteúdos educativos. Na separação de verdadeiro (“certo”) do falso (“errado”) no controle do movimento do objeto lúdico e do tempo da fabulação das crianças.

No entanto, nem sempre os pais e as coordenações das escolas conseguem entender essa dinâmica. Muitas vezes, eles questionam as professoras: “Qual foi a tarefa de hoje? Onde está o trabalhinho? Cadê a atividade?”. Quando respondo que as crianças brincaram, às vezes sinto que os pais não gostam, pois queriam que seus filhos estivessem aprendendo, sem compreenderem que brincar é uma forma essencial de aprendizado.

Quando uma criança agarra um objeto aleatório e começa a imaginar e inicia a criação de histórias e fantasias com imaginação, ou corre para se divertir no parquinho, ou ainda cria e inverta jogos com seus amigos, ela não está simplesmente se divertindo com seus colegas. Na verdade, está explorando o mundo à sua volta, comunicando-se, expressando-se e envolvendo variadas habilidades essenciais.

Foi em um cenário inédito que uma experiência única aconteceu entre duas meninas da turma:

O jardim das meninas:

Duas meninas estavam brincando com alguns capins presentes em um espaço pequeno da creche, que é usado para cultivar hortaliças. O resto do pátio é todo cimentado. O tempo no parquinho havia terminado e era hora de voltar para a sala. A professora Léia convidou as crianças para entrarem na sala. As crianças [...] para brincar mais um pouco no parquinho. Então, a professora deixou que as duas meninas explorassem aquele espaço com alguns capins, enquanto as outras crianças se divertiam no parquinho.

Enquanto isso, observei como as crianças se divertiam. Uma menina sugeriu: "Vamos visitar meu jardim". [...] as duas [...] começaram a caminhar ao redor do jardim, que na verdade não é jardim, apenas um espaço que possui capim. Para a criança que está se divertindo naquele espaço que só possuía capim, ele se transforma em um belo jardim bem ornamentado. Uma delas pegou uma folha e me deu dizendo: "Olha a flor que te trouxe". "Eu gostei muito!" A menina deu uma gargalhada e foi até onde a outra estava [...]. Ela pegou algumas folhas, foi até o brinquedo e começou a preparar comida. Quando a outra chegou, a primeira pediu para ela se sentar e serviu a comida. [...].

Figura 28 - O espaço verde da creche



Fonte: Foto tirada pela autora.

No meu ponto de vista, as crianças se divertiram com coisas simples, mas para elas foram grandiosas, pois estavam explorando o ambiente e ao mesmo tempo brincando como se o capim se transformasse em um belo jardim. A criança que come uma folha não está apenas brincando, ela está vivenciando aquela situação durante a brincadeira. Muitas vezes, não compreendemos como isso pode acontecer.

Impactados pelas investigações de Gandhi Piorski (Ocupação Lydia Hortélio, Itaú Cultural, 2019), realçamos a relevância dos componentes naturais na interação com a vida e a formação das crianças. De acordo com seus estudos, jogos que envolvem os quatro elementos naturais, terra, água, fogo e ar, exercem um papel crucial na formação do ser humano: "A natureza possui a força necessária para estimular um campo simbólico na criança." Nesse sentido, estamos em débito com as crianças no CMEI.

Para Piorski e Hortélio (Ocupação Lydia Hortélio, Itaú Cultural, 2019) a natureza vai além de terra, céu e mar, e não se limita à visão convencional na escola, de uma natureza controlada, domesticada e confinada, como a de pequenos jardins, hortas, árvores e animais confinados. As crianças precisam explorar a natureza mais

selvagem das coisas do mundo, percebendo sua relevância além do que é recortado, fragmento. Isso evita que a criança veja o mundo de acordo com o que o adulto, geralmente educado à distância sobre a natureza e a preservação do ambiente, deseja que ela veja, aprenda e tenha contato.

Assim como a brincadeira representa a essência da infância sob a perspectiva da linguagem, a natureza é a verdadeira essência da infância sob o ponto de vista do espaço que habitamos. Quando uma criança brinca ao ar livre, em meio à natureza, sua curiosidade e criatividade são despertadas de maneira poderosa. Lydia Hortélio (Ocupação Lydia Hortélio, Itaú Cultural, 2019)) afirma que a natureza proporciona um ambiente amplo, diversificado e cheio de nuances, que, embora irregular, é ao mesmo tempo harmônico, belo e agradável. Isso realmente incentiva a exploração.

Além disso, existe a dimensão emocional. Segundo Piorski (Ocupação Lydia Hortélio Itaú Cultural, 2019), a natureza tem o poder de acalmar. Ela proporciona um espaço de contemplação e nos conecta com a grandiosidade do mundo, algo que ele chama de maravilhamento. É um ambiente sagrado que as crianças devem frequentar para brincar, sempre com a maior liberdade possível. Por isso, sempre que houver oportunidade, é valioso levar as crianças para brincar em praças, parques e outros espaços abertos. Se as crianças pudessem sair do CMEI (creche), mesmo que brevemente, para contemplar as árvores, isso seria maravilhoso. Há um belo jardim em frente ao CMEI, mas as crianças não têm a chance de vê-lo devido aos perigos que cercam essa liberdade. Infelizmente, a saída das crianças do CMEI foi proibida:

Saudades da natureza

Antigamente, podíamos ir até um terreno baldio colher mangas, e eles adoravam essa aventura. Todos os dias, perguntavam-se ansiosos: "Hoje vamos ver as árvores grandes?" Nos dias de hoje, mal conseguem admirar as flores do jardim da frente, mesmo com o portão aberto. (Diário de Campo).

Chego, assim, ao final dessa segunda parte de relatos escolhidos do meu Diário de Campo refletindo não só sobre os brinquedos e atividades lúdicas, mas principalmente o lugar da relação da criança com o professor nisso tudo. Com certeza, desejamos ser professoras melhores, eu quero, mas isso não depende apenas de eu ter objetivos concretos para a aprendizagem formal das crianças. Como vimos, aprender na infância exige do adulto a capacidade de ser um colaborador mais experiente, cujo papel principal é oportunizar tempo e espaços ricos, agradáveis, saudáveis, mas, ao mesmo tempo, livres da higiene estéril e objetiva que insiste em planejamentos que não levam em conta a liberdade das experiências.

O mundo das infâncias é dominado pelo presente, sem vínculos temporais firmes e limitado a alguns cenários espaciais desconectados. Assim, a observação mais atenta, a escuta e a disponibilidade às crianças me mostrou que a qualidade da experiência na infância é caracterizada pela profundidade e pelo mistério. Essa necessidade pode ser atendida por meio da criação de hábitos, momentos que podem ser facilmente reconhecidos por sua identidade e repetição, ou ainda através da promoção de um contínuo experimental, ou seja, concentrando-se nas possibilidades inerentes a cada experiência de se expandir, generalizar e aprofundar, formando, dessa maneira, uma sequência que transforma o que, de outra forma, aparece como um conjunto de ações isoladas.

A criança necessita de uma segurança emocional para participar de forma integral da vida. O afeto é uma maneira eficaz de incentivar a ligação entre o indivíduo e a vida, ele significa a colaboração produtiva entre adultos e crianças, gerando o crescimento da alegria e da disponibilidade lúdica.

As atividades lúdicas podem ser constantemente criadas e reinventadas, a fim de proporcionarem outras descobertas e transformarem-se em diferentes formas de brincar. Ao se envolverem no jogo lúdico da brincadeira, crianças e adultos compartilham a alegria de existir. Ser envolve também ser brincante.

5 CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO

Ao finalizar essa escrita, reconheço que pude iniciar uma reflexão sobre a riqueza das interações lúdicas, as brincadeiras e os jogos que acontecem no contexto da creche na EI, especialmente entre as crianças do Maternal, que tem entre 3 anos e 11 meses. Pude observar algumas cenas de práticas lúdicas de 3 professoras do Maternal e 1 coordenadora do CMEI – Vó Tuta Pereira, ler suas respostas a algumas questões semiestruturadas que geraram a possibilidade de uma pequena entrevista com cada uma.

Essa ação também me deu a oportunidade de dedicar mais atenção ao viver com as crianças cotidianamente, alterando o modo como eu percebia as suas infâncias e trazendo mais alegria ao meu desejo profissional de professora em acompanhá-las em suas brincadeiras. Com isso, fui me tornando uma professora brincante, mais aberta às experiências e disponível a situações inusitadas – que fogem dos planejamentos – e que em si mesmas carregam riquezas delicadas e encantadoras.

Assim, não considero que este estudo esteja terminado, pois ele – assim como a brincadeira livre – nos ensina a ver a diversidade, o invisível, o belo que nos afeta esteticamente e não porque alguém declarou ser belo. Eu fui tocada pelas minúcias que se aproximam das experiências transformadoras de cada uma das nossas existências. E elas começam na infância. Ao analisar as atividades lúdicas realizadas pelas crianças na creche, percebi a ligação com a vida; as brincadeiras são extensões de seus corpos, carregadas de saberes que revelam um currículo vivo, disponível.

Na minha pesquisa, é comum todos os pensadores mencionarem que as crianças aprendem brincando. Então, quis investigar o que isso significava, pois já percebia que elas não precisavam que as ensinassem a brincar. Após muito estudo, consegui entender que as crianças já sabem brincar perfeitamente. Isso, se for compreendido pelas professoras, pode gerar uma rica possibilidade de transformação do modo como fazem os planejamentos dirigidos à explicação e não à experimentação. Por meio das brincadeiras, a criança interpreta o mundo de forma lúdica. Isso permite que ela brinque antes de realizar qualquer tarefa, o que fica sendo compreendido como “aprender” brincando.

Também compreendi que, apesar de todas as crianças vivenciarem a infância como um período comum que as distingue da vida adulta, elas não a experimentam

de maneira uniforme, mas sim em sua diversidade. Nesta diversidade, mesmo diante de eventos similares protagonizados por várias crianças pequenas, as situações são particulares.

E conforme eu pesquisava iam surgindo mais e mais questões, pois embora eu e as demais professoras das infâncias saibamos que a brincadeira é sinônimo de criança, me indaguei se os professores conseguem realizar atividades livres e jogos atrelados a uma intencionalidade lúdica, seguindo as orientações normativas de documentos legais. No meu caso, as dificuldades foram se delineando principalmente quando eu tive curiosidade sobre o modo como eu convivia com a infância no CMEI. Eu sabia viver com as crianças a infância? Eu e as crianças tínhamos um ambiente propício para propiciar e usufruir da brincadeira plena nas instalações dos CMEIs?

Seria fundamental que a creche tivesse um amplo espaço onde as crianças pudessem interagir com a natureza. Um lugar livre do cimento, onde elas pudessem plantar árvores e flores, além de observar pequenos seres do ambiente, como pássaros, borboletas, joaninhas e formigas visitando seu espaço. Isso certamente despertaria um grande interesse nelas. A oportunidade de ver de perto esses elementos da natureza seria fascinante: brincar com as folhas das árvores, utilizar flores para preparar comidas fictícias enquanto brincam de casinha com os amigos e seguir as borboletas que dançam ao redor. Este é o prazer e a diversão que as crianças podem sentir ao brincar ao ar livre.

Contudo, não é isso que estamos oportunizando para as crianças. Ao brincar, a criança, através do ato imaginativo e criativo, dá um significado único, presente, aos objetos e situações do dia a dia, redimensionando-os no espaço e no tempo. Para que a criança possa comunicar essas percepções, é crucial que a pessoa mais próxima a ela na escola (creche) – neste caso, a professora - entenda os significados e favoreça a comunicação dessa linguagem.

Assim, as ideias da professora, a pessoa encarregada dos cuidados e educação dessa criança na creche, vão qualificar ou desqualificar a interpretação, sendo sensível ao que ele mostra ou indiferente à linguagem representada pelas brincadeiras criadas, que nos comunicam algo. E, por estarem inseridas em um contexto institucional, os momentos e espaços destinados ao lazer dessa criança podem ou não auxiliar no seu processo de amadurecimento como um indivíduo social, independente e participativo.

Como considerações em processo, a pesquisa aponta que a docência engajada com ações lúdicas pode ser constantemente criada e reinventada, a fim de proporcionar outras descobertas e transformar-se em diferentes formas de brincar. Ao se envolverem no jogo lúdico da brincadeira, crianças e adultos compartilham a alegria de existir. Ser um humano envolve também ser um brincante. Chego ao final desse processo modificada e me reconheço como uma professora brincante, aquela que está disponível para continuar aprendendo, numa infância que quero garantir, às crianças e a todos que convivem com elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, Anete; et al. **A criança em foco**: Os recentes estudos sobre o universo infantil buscam compreendê-lo como construção histórica e social. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento, 2013.
- ARIÉS; Philippe. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.
- _____. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BRASIL. **Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final**. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 28.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul. 1998.
- CASTRO, L.R. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1998.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.
- COSTA, Lúcia Helena. **A ludicidade na educação infantil**: contribuições ao desenvolvimento integral da criança. Curitiba: EdUFPR, 2009.
- COSTA, Luseny Gonzaga da Cunha. **Manchar, rabiscar e narrar no Centro Municipal de Educação Infantil Vó Tuta Pereira**. 2025. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/4045> . Acesso em: set. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - Saberes necessários a prática educativa. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- FRIZZO, Giana Bitencourt. **O uso de telas na primeira infância**: o que mudou na pandemia COVID-19 e que lições ainda temos a aprender? SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português), v. 18, n. 2, p. 5-7, 2022.
- FRONCKOWIAK, Ângela. Cogo, Barbosa, M. C. S. Educar para ler desde a infância: O valor poético da vocalidade e da imaginação. **ETD- Educação Temática Digital**

Campinas, SP v.23 n.1 157-176 jan./mar. 2021.

ITAÚ CULTURAL; INSTITUTO ALANA. **Ocupação Lydia Hortélio**. Organização HORTÉLIO, Lydia. Itaú Cultural e Instituto Alana. São Paulo: Itaú Cultural, 20 jul. – 8 set. 2019. Catálogo disponível em: Issuu. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/publicacao_lydia_1_.

HORTÉLIO, Lydia. **Abra a Roda Tin DÔ LÊ LÊ**. Pesquisa e direção Hortélio. Produção In Brincante (CD). SÃO Paulo, 2003.

HORTÉLIO, Lydia. **A educação das infâncias, as escolas de educação infantil e as culturas infantis** – brincos, brinquedos e brincadeiras: conversas e experiências. Conferência nas Jornadas de Amor as Infâncias II, Porto, 14 mar. de 2020.

HORTÉLIO, Lydia. **Especial a importância do brincar**. [Entrevista concedida a] familiarte. Ed. Melhoramentos, p.1-4, out. 2009. Disponível em: <https://editoramelhoramentos.com.br/v2/wp-content/uploads/2013/01/Import%C3%A2ncia-do-brincar.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2021.

HORTÉLIO, Lydia. **Música da cultura infantil**. [Entrevista concedida a Dulcimarta Lino]. Reflexão & Ação, vol 22, nº 1, p.273-282, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/4637/3268>. Acesso em: 09 jul. 2024.

HORTÉLIO, Lydia. **O brincar como essência da infância**. São Paulo: Editora XYZ, 2021.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KISHIMOTO, Tizuco Morschida. **Jogo brinquedo, brincadeiras e a educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KOHAN, Walter O. **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro de um encontro. Petrópolis: Vozes, (2020).

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância** – Ensaios de Filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEMOS, Maria Cristina. **Brincar, criar, resistir**: a infância como potência. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCONDES, M. M. **A Poética do brincar**. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2004.

MOYLES, Janet R. **A excelência do brincar**. Porto Alegre Artmed, 2006.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Alteridade e ética na Pesquisa. In: **ÉTICA e pesquisa em educação**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Ética e pesquisa em Educação: subsídios. Volume 2. Rio de Janeiro: ANPEd, 2021. p. 13-19.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educar e cuidar**: questões sobre o perfil do profissional de Educação Infantil. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-**

Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Acesso em 22 de março de 2017.

RICHTER, Sandra R. Jogar e brincar, potência do inútil. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v. 15, p/n, jan./mar. 2017.

SANTOS, E.C. **Dimensão lúdica e arquitetura**: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia. 2011. 363 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca**: A criança o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, G.; FERREIRA, M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. São Paulo: Cortez, 2013.

APÊNDICE A – Questionário semiestruturado

Questões dirigidas às professoras do CMEI – VÓ TUTA PEREIRA

1. **Infância passada, infância atual? Fale um pouco da sua infância. Explique o que você pensa que mudou na infância atualmente.**
2. **Como você vê a concepção de criança na Creche?**
3. **Brincar no cotidiano da Creche? Explique na sua visão o que isso significa.**
4. **Brincar livre e brincar dirigido - você vê alguma diferença, ou você acha que são iguais?**
5. **Comente o ato de brincar e sua conexão com a família.**

ANEXO A – Termo de consentimento informado da Direção

TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

À direção da escola

Como integrante do grupo de pesquisa, Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Estudar o processo do Lúdico, brincadeira e brincar com crianças de 3 e 4 anos no seu divertimento e alegria de exploração com diferentes brinquedos, materiais e objetos.

Os pesquisadores responsáveis por essa pesquisa são Dra. Ângela Cogo Fronckowiak, professora - mestrado da UNISC (Universidade de Santa Cruz) e Cárita Pereira Nonato, mestranda em educação do mesmo programa.

Eu Kênia de Oliveira

nas condições de Diretora do Centro Municipal de Educação Infantil Vó Tuta Pereira, autorizo a realização da pesquisa de Cárita Pereira Nonato e sua orientadora Dra. Ângela Cogo Fronckowiak.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada pelo objetivo da pesquisa e estou ciente que terei total liberdade sobre perguntas durante as observações e participação do estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo.

A participação é feita por um ato voluntário, o que deixa ciente que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa. Eu autorizo a divulgação das imagens dos relatos e das observações para fins da pesquisa.

Coloco a disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas que eu tiver durante a realização da mesma.

Caldas Novas, 19 de agosto de 2024.

Kênia Oliveira: Kênia de Oliveira

ANEXO B – Termos de consentimento esclarecido das docentes**Professora Mariléia da Silva****ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, Mariléia da Silva, na condição de professora do Maternal II, na Creche do CMEI - Vó Tuta Pereira, declaro que autorizo Cárita Nonato e sua orientadora Dra. Ângela Cogo Fronckowiak, a incluir respostas dadas sobre meu planejamento de trabalho, assim como observações e imagens, na dissertação de Mestrado AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA CRECHE DA CMEI – VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, com fins de divulgação científica.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada do objetivo da pesquisa e estou ciente de que terei total liberdade para fazer perguntas durante as observações e participação no estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo a minha prática profissional. A participação será feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa.

Caldas Novas - GO, fevereiro de 2024.

Assinatura da professora: Mariléia da SilvaNúmero do CPF da professora: 001-487.301-08

Coordenadora Professora Sara Fernanda R. S. Moreira**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, Sara Fernanda R.S. Moreira, na condição de professora do Maternal __, na Creche do CMEI - Vó Tuta Pereira, declaro que autorizo Cárita Nonato e sua orientadora Dra. Ângela Cogo Fronckowiak, a incluir respostas dadas sobre meu planejamento de trabalho, assim como observações e imagens, na dissertação de Mestrado AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA CRECHE DA CMEI – VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, com fins de divulgação científica.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada do objetivo da pesquisa e estou ciente de que terei total liberdade para fazer perguntas durante as observações e participação no estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo a minha prática profissional. A participação será feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa.

Caldas Novas - GO, fevereiro de 2024.

Assinatura da professora: Sara Fernanda R.S. Moreira (coordenadora)

Número do CPF da professora: 021.986.741-06

Professora Dinamar Regina Ferreira**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu Dinamar Regina Ferreira, na condição de professora do Maternal IA na Creche do CMEI - Vô Tuta Pereira, declaro que autorizo Cântia Nonato e sua orientadora Dra. Ângela Cogo Fronckowiak, a incluir respostas dadas sobre meu planejamento de trabalho, assim como observações e imagens, na dissertação de Mestrado AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS ADULTOS E BRINCADEIRAS NA CRECHE DA CMEI – VÔ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, com fins de divulgação científica.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada do objetivo da pesquisa e estou ciente de que terei total liberdade para fazer perguntas durante as observações e participação no estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo a minha prática profissional. A participação será feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa.

Caldas Novas - GO, fevereiro de 2024.

Assinatura da professora: Dinamar Regina Ferreira

Número do CPF da professora: 804.178.941-34

Professora Márcia Soares**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, Márcia L. C. Soares, na condição de professora do Maternal __, na Creche do CMEI - Vó Tuta Pereira, declaro que autorizo Cárita Nonato e sua orientadora Dra. Ângela Cogo Fronckowiak, a incluir respostas dadas sobre meu planejamento de trabalho, assim como observações e imagens, na dissertação de Mestrado AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADULTOS E BRINCADEIRAS NA CRECHE DA CMEI – VÓ TUTA PEREIRA, CALDAS NOVAS/GO, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, com fins de divulgação científica.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada do objetivo da pesquisa e estou ciente de que terei total liberdade para fazer perguntas durante as observações e participação no estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo a minha prática profissional. A participação será feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa.

Caldas Novas - GO, fevereiro de 2024.

Assinatura da professora: Márcia L. C. Soares

Número do CPF da professora: 88434620104

ANEXO C - Autorização de uso da imagem dada pelos pais ao CMEI

Criança Enrico

 <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER CALDAS NOVAS - GOIÁS ADM 1021 - 3814</p>	
REQUERIMENTO DE MATRÍCULA	
UNIDADE ESCOLAR: CMEI Vó Tuta Pereira	
ALUNO(a): ENRINCO VICENTE DA SILVA PINHEIRO	
CERTIDÃO DE NASCIMENTO	
(Nova) MATRÍCULA: 02582601652022100136141003991489 (contém 32 dígitos)	
(Antiga) N° DO TERMO DO REGISTRO DE NASC: ---	FOLHA: --- LIVRO: ---
DATA DE EMISSÃO: 14/02/2022	CARTÓRIO:
NATURALIDADE: CALDAS NOVAS	UF: GO COR/RACA: Pardo
DATA DE NASCIMENTO: 10/02/2022	CPF: 114.882.841-99
RG:	Órgão Expedido:
FILIAÇÃO: Sérgio Pinheiro da Silva e de Natânia Pereira da Silva	
ENDERECO ATUAL: <i>Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 1000 - Centro - GOIAS</i>	
CEP: <i>36671-000</i>	
RESIDÊNCIA: PRÓPRIA (x) CEDIDA () OUTROS: ALUGADA ()	
PERÍODO DO CONTRATO:	
(No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)	
TELEFONES PARA CONTATO: <i>(62) 3231-0210 / (62) 9883-5721</i>	
PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (x) SIM () NÃO NÚMERO DO NIS: 21360992938 RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL? NÚMERO DO CARTÃO: CARTÃO DO SUS N°: 700.5001.5632.4652 POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? () SIM (x) NÃO QUAL? USA TRANSPORTE ESCOLAR? () SIM (x) NÃO AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: (x) SIM () NÃO	



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTES E LAZER
CÁTALOGO NOVAS CÁRTEIS
ANOS 2021 - 2024



MATRÍCULA REQUERIDA PARA O ANO LETIVO DE 2024

TURMA Maternal II-B

TURNO: Matutino

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

CALDAS NOVAS, 06 de Março de 2024.

Leitura das *Grutas dos Santos*

Deviations

“**SELECT** **OPTION**”

1000

SECRETARIO

Celiana Rosa de Oliveira

Secretaria Geral
UNIFESP

OMEI vs Tuta Pereira
Portaria SEMIECT M/022/2009

SEARCHED IN 02/2023

RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA

Criança Isabella



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
Caldas Novas - GOIÁS
ADM 2021 - 2024

REQUERIMENTO DE MATRÍCULA

UNIDADE ESCOLAR: CMEI Vó Tuta Pereira

ALUNO(a): ISABELLA MARIA BARROS SILVA

CERTIDÃO DE NASCIMENTO		
(Nova) MATRÍCULA: 029785 01 55 2021 1 00269 265 00703326 10 (contém 32 dígitos)		
(Antiga) Nº DO TERMO DO REGISTRO DE NASC:	—	FOLHA: — LIVRO:—
DATA DE EMISSÃO:	CARTÓRIO:	
NATURALIDADE: Cod6	UF: MA	COR/RACA: PARDO
DATA DE NASCIMENTO: 08/05/2021	CPF: 118.344.333-12	
RG:	Órgão Expedidor:	
FILIAÇÃO: Leonardo Silva Machado de Moraes e de Laraysa Barros da Silva		
ENDERECO ATUAL: Rua Capitão João Crisóstomo, 141 Centro, CEP: 73689-052		
RESIDÊNCIA: PRÓPRIA () CEDIDA () OUTROS: ALUGADA ()		
PERÍODO DO CONTRATO: (No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)		
TELEFONES PARA CONTATO: (99) 028 00-7717 mnt (011) 9 9800-1234 vnt		

PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA () SIM () NÃO NÚMERO DO NIS: 21325883869

RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL?

NÚMERO DO CARTÃO:

CARTÃO DO SUS N°:

POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? () SIM () NÃO QUAL?

USA TRANSPORTE ESCOLAR? () SIM () NÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: () SIM () NÃO



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 2021 - 2024



MATRÍCULA REQUERIDA PARA O ANO LETIVO DE:

TURMA: Maternal I

TURNO: Vespertino

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: LARAYSA BARROS DA SILVA

CALDAS NOVAS, 21 de Fevereiro de 2024.

Leonora das Graças das Santos
Diretora
CMEI Vô Túlio Pessana
Rua: 814/MP/PT/PR/2012

Ediana Rose de Oliveira
SECRETÁRIO

Celiana Rosa de Oliveira
Secretária Geral
CMEI Vô Tuta Pereira
Portaria SEMECT N°027/2023

RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA

DATA	ANO	SÉRIE/ANO	TURNO	ASS. DO RESPONSÁVEL
21.11.91.	8225	Maternal II	repetitivo	Suzananda S. M. de Moraes

Criança Luna



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 1011 - 2024

REQUERIMENTO DE MATRÍCULA

UNIDADE ESCOLAR: CMEI V6 Tuta Pereira

ALUNO(a): LUNA DOS REIS ALBERTO

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

(Nova) MATRÍCULA: 0268260166202110613316200393668
(contém 32 dígitos)

(Antiga) Nº DO TERMO DO REGISTRO DE NASC: --- FOLHA: --- LIVRO: ---

DATA DE EMISSÃO: 30/08/2021 CARTÓRIO:

NATURALIDADE: Caldas Novas UF: Go COR/RACA: BRANCA

DATA DE NASCIMENTO: 24/08/2021 CPF: 112.842.631-50

RG: Órgão Expedido:

FILIAÇÃO: Warley Alberto Muniz e de Dayane dos Reis Campos

ENDEREÇO ATUAL: Vila das Flores, 102, Bairro das Flores

CEP: 75800-000

RESIDÊNCIA: PRÓPRIA () CEDIDA () OUTROS: ALUGADA ()

PERÍODO DO CONTRATO:

(No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)

TELEFONES PARA CONTATO: 63-9222-6719 63-99016-8172

63-99016-8172

PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA () SIM () NÃO NÚMERO DO NIS: 2137427888-4

RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL?

NÚMERO DO CARTÃO:

CARTÃO DO SUS N°: 898.0082.6390.6102

POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? () SIM () NÃO QUAL?

USA TRANSPORTE ESCOLAR? () SIM () NÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: () SIM () NÃO



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 3831 - 2024



MATRÍCULA REQUERIDA PARA O ANO LETIVO DE: 2024

TURMA: Maternal I - C

TURNO: VESPERTINO

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: Wagner dos Reis Lemos

CALDAS NOVAS, 08 de fevereiro de 2024.

Leonardo das Graças das Santas
Diretora:
CMEI Vila Túlio Pessanha
Série INFANTIL - 1º ao 4º ano

DIMENTON

RECOMMENDATION

SECRET AND

and 2000 are Other Secretary Generals

CEMEI W6 Tuta Penerra

Portaria SEMEC Nº 027/2004

RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA

Criança Maria Júlia



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 2021 - 2024

REQUERIMENTO DE MATRÍCULA

UNIDADE ESCOLAR: CMEI V6 Tuta Pereira
ALUNO(a): MARIA JÚLIA GONÇALVES DA SILVA SANTOS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

(Nova) MATRÍCULA: 02582501552021100133168003934107
(contém 32 dígitos)

(Antiga) N° DO TERMO DO REGISTRO DE NASC. — FOLHA: — LIVRO: —

DATA DE EMISSÃO: 30/08/2021 CARTÓRIO:

NATURALIDADE: CALDAS NOVAS UF: GO COR/RACA: Branca

DATA DE NASCIMENTO: 26/08/2021 CPF: 112.853.751-65

RG: Órgão Expedidor:

FILIAÇÃO: MAURO DOS SANTOS FILHO E DE NATALIA CORINA GONÇALVES DE PAULA ALVES

ENDEREÇO ATUAL: *Rua Francisco Sales, 06 - Bairro São José*

CEP: 79587-170

RESIDÊNCIA: PRÓPRIA () CEDIDA () OUTROS: ALUGADA (X)

PERÍODO DO CONTRATO: 06 MESES

(No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)

TELEFONES PARA CONTATO: *99 9999-9999 / 99 9999-9999*

Yuri *Am*

PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA () SIM (X) NÃO NÚMERO DO NIS:

RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL?

NÚMERO DO CARTÃO:

CARTÃO DO SUS N°: 7000.0647.6923.204

POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? () SIM (X) NÃO QUAL?

USA TRANSPORTE ESCOLAR? () SIM (X) NÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: (X) SIM () NÃO



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 1033 - 2024



MATRÍCULA REQUERIDA PARA O ANO LETIVO DE 2025

TURMA: MATERNAL 11

TURNO: MATUTINO

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: Dr. Wagner Vilas Boas

CALDAS NOVAS, 09 de dezembro 2024

Leonardo das Graças dos Santos
Diretor
CAMEI 16 - Tuta Penha
Porto Alegre - RS

Chas. H. Dillworth
SECRETARIO

RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA

Criança Rafael

 <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER CALDAS NOVAS - GOIÁS ADM 2021 - 1634</p>	
<u>REQUERIMENTO DE MATRÍCULA</u>	
UNIDADE ESCOLAR: CMEI Vó Tuta Pereira ALUNO(a): RAFAEL LOPES RIBEIRO	
<u>CERTIDÃO DE NASCIMENTO</u>	
(Nova) MATRÍCULA: 02882601552021100132107003908069 (contém 32 dígitos)	
(Antiga) Nº DO TERMO DO REGISTRO DE NASC:	---
DATA DE EMISSÃO:	08/06/2021
NATURALIDADE:	Caldas Novas
DATA DE NASCIMENTO:	04/06/2021
R/G:	Órgão Expedido:
FILIAÇÃO: Iron Ribeiro de Melo e de Nicole Stefane Lopes de Melo	
ENDEREÇO ATUAL: CEP: RESIDÊNCIA: PRÓPRIA (<input checked="" type="checkbox"/>) CEDIDA (<input type="checkbox"/>) OUTROS: ALUGADA (<input type="checkbox"/>)	
PERÍODO DO CONTRATO: (No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)	
TELEFONES (PARA CONTATO): 64-99249-3362 64-99335-2040 77-0000-0000 Sogre - 77-0000-0000	
PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA? (<input type="checkbox"/>) SIM (<input checked="" type="checkbox"/>) NÃO NÚMERO DO NIS:	
RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL?	
NÚMERO DO CARTÃO:	
CARTÃO DO SUS N°: 707.603617403222	
POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? (<input type="checkbox"/>) SIM (<input checked="" type="checkbox"/>) NÃO QUAL?	
USA TRANSPORTE ESCOLAR? (<input type="checkbox"/>) SIM (<input checked="" type="checkbox"/>) NÃO	
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: (<input checked="" type="checkbox"/>) SIM (<input type="checkbox"/>) NÃO	

Secretaria Municipal de Educação, Esportes e Lazer
Rua Capitão João Cestari, 147 - Centro - Telefone (64) 3454-3531 / 3454-3808
Caldas Novas - Goiás



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CAJUBAS NOVAS - GOIÁS
ADM 2021 - 2024



MATRÍCULA REQUERIDA PARA O ANO LETIVO DE: 2024

TURMA: Maternal I B

TURNO: Matutino

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: Nicole S. Lopes de Melo

CALDAS NOVAS, 08 de fevereiro de 2024.

Leonora das Graças das Santas
Clementes
CMTV/Tata Peretti

白鱈E100

Celiana Rosa de Oliveira
SECRETARIO
Celiana Rosa de Oliveira
Secretaria Geral
CMEI Vô Tuta Perera
Portaria SEMECT N° 027/2021

RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA

Criança Walter



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 2021 - 2854



REQUERIMENTO DE MATRÍCULA

UNIDADE ESCOLAR: CMEI Vô Tuta Pereira

ALUNO(a): WALTER RODRIGUES QUEIROZ

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

(Nova) MATRÍCULA: 02582601552021100132088003906191
(contém 32 dígitos)

(Antiga) Nº DO TERMO DO REGISTRO DE NASC: --- FOLHA: --- LIVRO:---

DATA DE EMISSÃO: 01/06/2021

CARTÓRIO:

NATURALIDADE: CALDAS NOVAS

UF: GO

COR/RACA: Pardo

DATA DE NASCIMENTO: 28/02/2021

CPF: 111.862.101-84

RG:

Órgão Expedido:

FILIAÇÃO: Welton Alves de Queiroz e de Gláucia Rodrigues Garcia

ENDEREÇO ATUAL: Rua 25 de Julho, 1100 - Centro - 75800-000

CEP: 75800-000

RESIDÊNCIA PRÓPRIA () CEDIDA () OUTROS: ALUGADA ()

PERÍODO DO CONTRATO:

(No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)

TELEFONES PARA CONTATO: 64 99103-2007 / 64 99258-0000

11-001

Leia

z

PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA () SIM () NÃO NÚMERO DO NIS: 21396677285

RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL?

NÚMERO DO CARTÃO:

CARTÃO DO SUS Nº: 704.7057.2191.5030

POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? () SIM () NÃO QUAL?

USA TRANSPORTE ESCOLAR? () SIM () NÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: () SIM () NÃO



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 2021 - 2024



MATRÍCULA REQUERIDA PARA O ANO LETIVO DE 2024

TURMA: Matemática I - B

TURNO: Matutino

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: Giovana Rodrigues Garcia

CALDAS NOVAS, 08 de Março de 2024.

Leonardo das Graças dos Santos
Diretor
CMEI Vila Túlio Peres
Av. Túlio Peres, 1000 - Centro

DIRETOR

Cláudia Rosa de Oliveira
SECRETÁRIO

SECRETÁRIO
Celiana Rosa de Oliveira
Secretária Geral
CMEI Vô Tula Pereira
Portaria SEMECT N° 000000023

RENOVAÇÃO DE MATRÍCULA

Criança Heloísa



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER
CALDAS NOVAS - GOIÁS
ADM 2021 - 2024



REQUERIMENTO DE MATRÍCULA

UNIDADE ESCOLAR: CMEI Vó Tuta Pereira

ALUNO(a): HELOISA ALVES DA SILVA

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

(Nova) MATRÍCULA: 02582501552021100132066003903872
(contém 32 dígitos)

(Antiga) N° DO TERMO DO REGISTRO DE NASC: — FOLHA: — LIVRO: —

DATA DE EMISSÃO: CARTÓRIO:

NATURALIDADE: Caldas Novas UF: Go COR/RACA: Parda

DATA DE NASCIMENTO: 21/05/2021 CPF: 111.773.391-29

RG: Órgão Expedido:

FILIAÇÃO: Valdivino Reis da Silva e de Mirany Alves de Jesus

ENDEREÇO ATUAL: *Rua do Caju, 101, Centro, Caldas Novas*

CEP:

RESIDÊNCIA: PRÓPRIA (x) CEDIDA () OUTROS: ALUGADA ()

PERÍODO DO CONTRATO:

(No ato da matrícula entregar cópia do comprovante de endereço atualizado)

TELEFONES PARA CONTATO: *(62) 3221-4712 / (62) 98122-0011 / (62) 98122-0011*

PARTICIPA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA () SIM (x) NÃO NÚMERO DO NIS:

RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO SOCIAL? QUAL?

NÚMERO DO CARTÃO:

CARTÃO DO SUS N°: 704.8027.6974.6830

POSSUI ALGUMA NECESSIDADE ESPECIAL? () SIM (x) NÃO QUAL?

USA TRANSPORTE ESCOLAR? () SIM (x) NÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ALUNO: (x) SIM () NÃO

Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer
Rua Capitão Júlio Olavarria, 147 - Centro - Telefones (62) 3434-3551 / 3434-3801
Caldas Novas - Goiás